

JAVIER ANDRES PAEZ

ALÉM DAS “NECESSIDADES”: BANHEIROS
PÚBLICOS E POPULAÇÃO TRANS EM CÓRDOBA
(ARGENTINA) E FLORIANÓPOLIS (BRASIL)

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social da
Universidade Federal de
Santa Catarina, entregue
como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre
em Antropologia Social.

Orientadora: Prof. Dra.
Sônia Weidner Maluf

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

PAEZ, JAVIER ANDRES
ALÉM DAS "NECESSIDADES" : BANHEIROS PÚBLICOS E
POPULAÇÃO TRANS EM CÓRDOBA (ARGENTINA) E
FLORIANÓPOLIS (BRASIL) / JAVIER ANDRES PAEZ ;
orientador, Sônia Weidner Maluf , 2018.
134 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Trans. 3. Banheiros.
4. Sexualidade. I. Weidner Maluf , Sônia . II.
Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de
Pós-Graduação em Antropologia Social. III. Título.

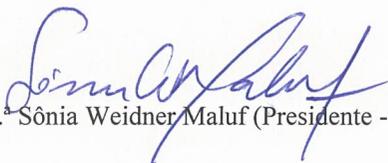
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Além das “necessidades”: banheiros públicos e população Trans
em Córdoba (Argentina) e Florianópolis (Brasil)

Javier Andres Paez

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Sônia Weidner Maluf

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos(as) seguintes professores(as):



Prof.^a Dr.^a Sônia Weidner Maluf (Presidente - PPGAS/UFSC)



- Prof.^a Dr.^a Viviane Vedana (Membro interno - PPGAS/UFSC)



Prof. Dr. Juan Marcos Vaggione (Membro externo - PPGAS/UFSC)

Rafael Victorino Devos
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social - PPGAS/CFH/UFSC
Portaria 1617/2018/GR de 23/07/2018



Prof. Dr. Rafael Victorino Devos (Coordenador do PPGAS/UFSC)

Rafael Victorino Devos
Coordenador do Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social - PPGAS/CFH/UFSC
Portaria 1617/2018/GR de 23/07/2018

Florianópolis, 24 de agosto de 2018.

A María Elba y Paz.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Brasil, que através do CNPq e a bolsa PEC-PG financiaram o meu trabalho, mas sobre tudo uma experiência de vida.

Agradeço à Professora Sônia Maluf, a paciência, a confiança, e a generosidade, mas por sobre tudo ser um exemplo de compromisso político.

Agradeço aos professores do PPGAS que com um gesto sempre pedagógico tiveram a paciência de suportar a incontinência verbal argentina. Agradeço também aos colegas do PPGAS, e do TRANSES os diálogos, a generosidade, a confiança, o apoio, e por terem plantado em mim, através das aulas, as discussões, dos cafés, e de outros espaços compartilhados, a vontade de continuar meus estudos.

Agradeço aos amigos de Florianópolis nestes anos: Lucas e Marina, Alberto, Mati, Nalá, Jonas, Diego, Luiza, Laurinha, e Jean. Um agradecimento especial para aqueles que leram o meu trabalho e fizeram inúmeras sugestões, sempre delicadamente para não me ferir: Jonas, Lucas, Alberto e o Everson.

Às pessoas que generosamente participaram e compartilharam as suas histórias e as suas vidas. Por todo o café, mate, criollos e pães de queixo compartilhados nas longas entrevistas. Pelos seus sorrisos e suas lágrimas, um agradecimento especial aqui para Ceci Romero, Eugenio Cesano, Ivana Aguilera, “La Monja”, Lautaro Cruz, Ale Britos, Cande Sajma, Fer Rodriguez, às duas famílias de adolescentes Trans que me acolheram sem problemas e abriram seus sentimentos até as lágrimas, Javi Ontivero, Jimena Cattaneo, Kitty Quispe, Mirtha Ferreyra, Santi Merlott, Sophie Picca, Eri, Kelly, Lirous, Luiza Bittencourt, o Shu, a Thiffany Golden, Carin, a Fabi e Anm, Leti Weber e aquelas pessoas que pediram para não aparecerem aqui!

Agradeço finalmente, e sobre tudo, a minha família que sempre falou que eu poderia: Minha mãe, um exemplo

de luta eterna, e a Paz uma companheira de ferro e um exemplo de perseverança e trabalho.

"O banheiro é tão sacralizado
como culto de gênero que é o altar, a
igreja dos heterossexuais"

Laerte

RESUMO

Num marco de forte discussão pública sobre a relação entre as pessoas Trans e os banheiros públicos este trabalho tenta aportar mais uma voz no subcampo incipiente chamado por Molotch (2010) de “toilet studies”, no qual acreditamos encontrar uma porta interdisciplinar para compreender a exclusão, a discriminação e a violência sofrida pela população Trans. A partir de uma análise histórica da conformação dos banheiros públicos, bibliografia específica sobre a temática, uma série de conceitos chave das ciências sociais, e um trabalho de campo baseado em entrevistas e enquetes nas cidades de Córdoba, Argentina, e Florianópolis, Brasil, se realiza o esforço de compreender as experiências de homens e mulheres Trans que, ao visitar o banheiro, não só ingressam numa maquinaria sanitária, mas também ingressam num dispositivo de controle do gênero.

Palavras-chave: Trans; Banheiros; Sexualidade

ABSTRACT

In a context of strong public discussion as regards the relationship between Trans people and public toilets, this dissertation tries to contribute another voice in the incipient subfield called by Molotch (2010) "toilet studies", in which an interdisciplinary door to understand exclusion, discrimination and violence suffered by the population Trans is found. From a historical analysis of the composition of public toilets, specific bibliography on the subject, a series of key social science concepts, and field work based on interviews and surveys in the cities of Córdoba, Argentina, and Florianópolis, Brazil, an effort is made to understand the experiences of Trans people, when visiting the bathroom, not only enter a sanitary machinery but also enter a device of gender control.

Key-words: Trans. Public toilets. Sexuality

RESUMEN

En un marco de fuerte discusión pública sobre la relación entre las personas Trans y los baños públicos este trabajo intenta aportar una voz al subcampo incipiente llamado por Molotch (2010) de “toilet studies”, en el cual creemos encontrar una puerta interdisciplinar para comprender la exclusión, la discriminación y la violencia sufrida por la población Trans. A partir de un análisis histórico de la conformación de los baños públicos, bibliografía específica sobre la temática, una serie de conceptos clave de las ciencias sociales, y un trabajo de campo basado en entrevistas y encuestas en las ciudades de Córdoba Argentina, y Florianópolis, Brasil, se realiza el esfuerzo de comprender las experiencias de hombres y mujeres Trans que, al visitar el baño, no sólo ingresan en una maquinaria sanitaria, sino también en un dispositivo de control del género.

Palavras Clave: Trans; Baños; Sexualidad

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACODHO - Asociación Contra la Discriminación Homosexual
ADEH- Associação em Defesa dos Direitos Humanos com Enfoque na Sexualidade
ATTTA- Asociación de Travesits, Transgeneros, y Transexuales de Argentina
CHA - Comunidad Homosexual Argentina
HTA - Hombres Trans Argentinos
LGBTTTQI - Lesbianas Gays Bisexuales Transexuales Travestis Transgeneros Queers Intersexuales
MLMC- Marcha Laura Moyano de Córdoba.
PLGBTTF- Parada LGBT de Florianópolis.
TERF - Trans exlusionary radical feminist
TWEF - Trans women exlusionary feminist
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UNAM - Universidad Nacional Autónoma de México
UNC - Universidad Nacional de Córdoba

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	23
1.1. Prólogo introdutório	23
1.2. Introdução: “La Monja” e o animal <i>print</i>	24
1.3. Um roteiro pra chegar no banheiro.....	34
1.4. Questões metodológicas.....	39
2. ESPAÇOS / SUJEITOS	44
2.1. Delimitando o espaço (ou as palavras)	44
2.2. Banheiros: a sedentarização das “necessidades” no século XIX.....	47
2.3. Situando a divisão: a criação do banheiro “feminino” (e o seu efeito, o banheiro “masculino”).....	54
3. SUJEITOS/ ESPAÇOS	60
3.1. Piaf, do banheiro ao futebol.....	60
3.2. Árvore = banheiro = panóptico.	63
3.3. Títulos nobiliárquicos: homens, mulheres e a constituição do sujeito	73
3.4. Enquete Laura Moyano 2017	82
3.5. Reflexões sobre a enquete.....	97
4. CONCLUSÃO	101
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E APÊNDICES:	103
5.1. Apêndice A. Entrevistas a La Monja sobre o Penal de San Martin.....	111
5.2. Apêndice B. Dados sobre o campo.	115
5.3. Apêndice C. Entrevista a Santiago Merlott: La Piaf	119

5.4.	Apêndice D. Enquête Laura Moyano:	121
5.5.	Apêndice E. Fotos.....	124

1. INTRODUÇÃO

1.1. PRÓLOGO INTRODUTÓRIO

Este trabalho nasceu de uma série de incógnitas relacionadas à construção das identidades, inspirada por um lado pelos aportes de Judith Butler (performance), e por outro pelos aportes de Pierre Bourdieu (*hexis, habitus*). O projeto inicial sofreu inúmeras variações até chegar no produto atual mais relacionado com experiências de exclusão e violência¹. A ideia original era tentar, a partir dos conceitos de *habitus, hexis, ou performance*, ver como alguns “atos rituais” (repetitivos, serializados, etc., de chegar no banheiro) ajudavam a criar, ou recriar as identidades masculinas ou femininas de pessoas Trans². No decorrer do trabalho, principalmente a partir das experiências de campo, mas também a partir do material bibliográfico específico, entendemos

¹ Não é objeto do presente trabalho discutir os conceitos polissêmicos, ambíguos e complexos de “exclusão” e (sobretudo) “violência”. Com fins utilitários entendemos o conceito de “violência” da forma mais “clássica” (de origem Weberiana nas discussões sobre autoridade) como formas diversas de cocção (no amplo espectro que vai desde formas sutis e simbólicas, até as objetivas e físicas). Na mesma linha pragmática, e com fins utilitários para o presente trabalho, entendemos o conceito de “exclusão” (surgido nos anos 70’s na França e popularizado por Lenoir com sua obra “Les Exclus” de 1974) como o processo social pelo qual faixas da população ficam fora dos laços sociais, é dizer, excluídas da participação na sociedade. Com isto não desvalorizamos a complexidade e a necessidade de discutir os termos para fixar e situar melhor os debates, embora aclaramos que excede o objetivo do presente trabalho.

² O uso do redutivo “Trans” funciona como um guarda-chuvas para, principalmente, as identidades transgênero, transexuais e travestis. Além disso, achamos que também pode servir para as identidades não binárias (de fato umx dos nossos entrevistadxs se identificou como não binarix). Entendemos que a utilização da maiúscula brinda, por sua vez, uma entidade maior, que poderia permitir não fixar um conjunto heterogêneo de sujeitos, os quais transitam as identidades de forma flutuante. O termo Trans permite, assim, não só delimitar o conjunto heterogêneo de sujeitos ao qual se interessa a pesquisa, mas também não fixar uma identidade, já que a mesma pessoa com o passar do tempo pode migrar de uma categoria (por exemplo, travesti) para outra (por exemplo, transgênero). Do mesmo modo permite o trabalho fluído com pessoas não binárias.

que aquilo não poderia ser trabalhado sem primeiro refletir seriamente sobre as condições específicas (de exclusão ou violência) onde as performances se desenvolvem. Entendemos que o interesse inicial (formas específicas de construção das identidades) ficava relegado a um segundo plano frente a uma problemática mais abrangente. Do mesmo modo entendemos que o trabalho apresentado aqui representa só uma parte mínima das experiências de exclusão e violência que atravessam cotidianamente estas pessoas no espaço público em termos gerais. De todo modo, e como retomaremos em breve, achamos que refletir sobre um problema pequeno e secundário (eu diria “concreto”), como podem ser a experiências das pessoas Trans no interior dos banheiros públicos, pode ajudar (ou pelo menos tentar ajudar) a compreender processos sociais gerais como as grandes mudanças das políticas das identidades que observamos constantemente na atualidade.

1.2. INTRODUÇÃO: “LA MONJA” E O ANIMAL PRINT³

“(…) A trajetória do travesti é marginal. Vêm todos das camadas mais pobres, e quando saem à noite, de seios crescidos e saia agarrada, são automaticamente identificados como perigosos, independentemente do que tenham feito. Presos, vão para o distrito. Os delegados procuram alojá-los em celas especiais, mas quando não há espaço, o que fazer? Espremidos no meio de homens, numa situação em que muito valente corre perigo, curiosamente o travesti acha força na fragilidade feminina e impõe respeito.”

Drauzio Varella, Estação Carandiru

La ‘Monja’ viu seu nome no envelope e decidiu abri-lo sem perguntar a ninguém. Nisso de perguntar, antes de fazer, ela não tinha muita experiência e não tinha porque inovar nessas alturas. De fato, ela tinha conseguido a confiança necessária dentro do presídio como para fazer a faxina perto da sala de enfermagem onde ingressou, como sempre, para roubar alguns tranquilizantes que logo venderia por alguns poucos pesos. Mas a questão era que fazia um tempo vinha se sentindo mal e se encontrou nesse dia frente aos resultados de vários estudos realizados na cidade de Córdoba. Quando leu que seu exame de HIV era

³ Pela entrevista que deu nascimento ao seguinte relato ver o Apêndice A: Entrevistas a La Monja sobre o Penal de San Martin.

positivo se sentiu desvanecer e correu até cair desmaiada, conta, em frente a uma escada. Ao levá-la os carcereiros lhe perguntaram o que tinha feito (jamais perguntavam como ela se sentia) e ela emudeceu. Sabia que não podia compartilhar a notícia. Encerrada na Prisão de Villa Dolores, ‘La Monja’ não tinha direito nem de sofrer em voz alta. Se os carcereiros descobrissem que ela, sem permissão, tinha ingressado na sala de enfermagem e aberto seus resultados, não só ela pagaria sua insolência, também o enfermeiro pagaria sua imperícia. Assim, negociou com o enfermeiro para que este lacrasse o envelope novamente e em pouco tempo minimizou os danos. Ligou para a sua família para avisar-lhes que logo receberiam uma notícia e sofreu em silêncio mais uma vez. Em alguns dias chegaria a notícia da mão de um tribunal médico, momento a partir do qual poderia gritar as suas tristezas. Até aquele momento mais uma vez, ela sabia muito bem isso, deveria calar.

Ela sabia quem tinha sido. Ela não era a primeira, e ela sabia disso. ‘La Monja’ conheceu o ‘Gringo Pizza’ na Penitenciária de San Martin, em uma manhã fria de agosto de 2010 o ‘Gringo Pizza’ a estuprou no banheiro daquela prisão. ‘La Monja’ conta, repete e insiste que fazia frio. Que só lhes davam dois cobertores para dormir, que os tetos eram muito altos, que não tinha paredes e que tampouco tinha janelas. Conforme conta, dormia vestida e isso lhe facilitava levantar-se cedo. Às 6 da manhã abriam os ‘sapos’ (cadeados) das celas, e ela corria para conseguir uma das cinco duchas quentes do dia. A água quente era um bem escasso na Penal, mas não porque muitos brigavam por ela, senão porque vá lá saber qual poder divino decidia que só seriam cinco as duchas quentes, cedo, às seis da manhã. Naquela quinta ‘La Monja’ se levantou rapidamente e saiu de sua cela número 30. Conforme conta todos conheciam seu caminhar (o ritmo e o som dos seus chinelos contra o chão) assim o ‘Gringo Pizza’ ao acordar não tardou muito em sair de sua cela número, a 1.

Ela já estava nua e a água morna chocando contra a temperatura fria do ar quando o “Gringo Pizza” ingressou nas duchas para cumprir quase uma promessa. Ela escutou alguém ingressando e quando viu o “Gringo” ela não ficou com medo, mesmo sabendo o que aconteceria. Sem nenhuma mediação de palavras, que nessa situação sem dúvida sobram, o gringo pizza penetrou fortemente a “Monja”. O calvário não durou muito, conta, como se existisse um tempo médio dos estupros. De fato, quando eu pergunto para ela se sofreu com o estupro, ela diz que foi como ter mais um “grão”, e esclarece rapidamente, “o que faz mais uma mancha num tigre?”. É verdade, já nessas alturas ‘La Monja’ tinha

aprendido a sobreviver na prisão (eu diria, no mundo) o que implicava uma sorte de *know-how Trans*, ou seja, saber sobrelevar, entre as várias situações cotidianas de violência, o estupro.

Mas a história não termina aqui. “La Monja”, depois daquele estupro, teve um relacionamento amoroso com o “Gringo Pizza” e as suas lembranças dele não estão carregadas nem de sofrimento, nem de ressentimento⁴. De fato ela esclarece entre risadas “só me estuprou a primeira vez!”, como se isso fosse uma desculpa.

Mas não é só a perversidade acadêmica que me leva a começar este trabalho com o relato de um estupro de uma mulher Trans, numa prisão onde eventualmente é contagiada de HIV, num cenário específico: o banheiro. Essas experiências (para não dizer sofrimentos) não são experimentadas por qualquer pessoa. *As forças sociais* por trás do estupro, por trás do HIV, e detrás da prisão têm objetivos precisos que são finalmente demonstrados pelas clássicas estatísticas que poderíamos discutir longamente. As nossas sociedades nos classificam, nos hierarquizam, nos situam, nos fazem circular, e finalmente a alguns de nós nos fazem viver, enquanto a outros (principalmente outras) as

⁴ Uma e outra vez tentei transcrever as entrevistas que reconstroem a cena relatada. Não obstante é justamente o relato calmo de “La Monja”, que não expressa nem ressentimento, nem sofrimento, que me levou a achar que uma versão mais literária poderia ajudar a resolver a tensão entre a minha percepção e a experiência dela. Finalmente achei compreensão em outros autores de referência na temática como Sheila Cavanagh, que depois de publicar “Queering bathrooms” (2010) avaliou que ainda tinha material que não se encaixava nos formatos acadêmicos. Deste modo decidiu verter aquele potencial numa peça de teatro que finalmente escreveu. Refletindo sobre esse processo, numa intervenção no congresso da Associação de estudos da Sexualidade em Ottawa em 2015, ela expressa: “*The neglect as I see it is due to a false binary between fact and fiction. The problem is with respect to the status of truth and the real in academic research. What counts as real matters but truth defies capture before our empirically grounded eyes. There is always something in excess of our research. Let me explain the paradox as I see it. Many trans* participants reported harassment and forceful removal by security guards and male vigilantes in toilets. This finding is not only substantiated by my research but documented by trans organizations in Toronto and throughout Canada and the United States who lobby for gender neutral toilet options (...)* **But the question of what it means to be excommunicated in public space, notably toilets, is immeasurable and taps into the realm of affect** [grifo nosso] ” (CAVANAGH, 2015; 2-3)

fazem matar. Neste contexto, as Trans de quase 60 anos de Córdoba (como é o caso de “La Monja”) são sobreviventes: do começo da ditadura dos anos 1970’s e 1980’s (com sequestros e torturas incluídas⁵), ao HIV dos anos 1980’s e 1990’s, às violências da rua e à

⁵ Numa entrevista realizada a Ivana Aguilera (Mulher Trans, de 58 anos, referente da organização *Devenir Diverse*), amiga de “La Monja”, ela relatou uma experiência que retrata os perigos de uma pequena mulher Trans, na década de 1970, quando aos seus 13 anos (enquanto exercia os seus primeiros anos de prostituição), um camião das forças de repressão da época sequestrou e torturou a ela e mais duas amigas. A Triple A (a Alianza Anticomunista Argentina) foi uma força para-militar organizada desde o governo, que operou na Argentina sequestrando y assassinando pessoas antes e depois do golpe de 1976. Na época tinham a liberdade de sequestrar, torturar, matar, roubar, etc., como vemos no relato a continuación:

- Ya en el ‘75, más o menos (...) en pleno funcionamiento de la “Triple A” en Argentina, (...) había mucha persecución. Yo tengo un tío gay que era sindicalista de la carne, y mi mamá también era trabajadora de la carne (mi tío era militante de montoneros y mi mamá de evita). Y empezamos a sufrir una persecución.

A mi tío lo mataron. Apareció fusilado atrás del frigorífico Swift. Él salió de trabajar, y a las cuabras lo atraparon y a los días lo encontraron tirado en el descampado. Y bueno. Al poco tiempo, más o menos, al año, en el ‘76, estábamos con esta chica [uma amiga com a qual se prostituía], y otra chica más, y para un camión militar... y se bajaron, y sin mediar palabras nos cagaron a palos, y nos subieron al camión. Nos llevaron al batallón 121 de Rosario (...) . Sufrimos golpizas, picaneadas [foram eletrocutadas] y violaciones varias. Y después fuimos tiradas desnudas detrás del frigorífico Swift.

- ¿Ellos sabían que vos tenías relación con él [con el tío]?

- No sé. Nunca supimos por qué nos llevaron. Nos golpearon, nos picanearon [eletrocutaram], nos violaron. Estuvimos casi 24 horas. No llegamos a estar 24 horas (...).

- ¿En el ejercicio de las torturas, las interrogaban? [¿o objetivo era extrair alguma informacao?]

- No, era solo sádico (...).

Nos tiraron desnudas, quebradas, a las cuatro. Yo tenía las extremidades quebradas. Mi compañera las costillas y el brazo, otra una pierna. Y sacado el omoplato... Y a nosotras nos encontró un hombre que vivía cerca, que nos ayudó y nos llevó a la casa. Le explicamos y este hombre fue (...) a avisarle a la madre de mi compañera, que le visó a mi familia.

clandestinidade, produto da sua marginalização histórica, e a muitas outras situações que levam, ainda hoje, a atual esperança de vida de 45 anos dessa população⁶.

Mas igualmente e “além” (entre aspas) disso, a nossa escolha do relato responde mais ao que essa cena representa: um retrato de uma época que pode ser definida como agônica e que, felizmente, está finalizando. Estas reflexões se enquadram, num contexto de mutação

⁶ Frente à falta de dados fidedignos diversos números são discutidos sobre a situação real da população Trans na região, ou individualmente em cada país. O “Registro da violência” elaborado entre 2013 e 2014 pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos destacou que o 80% da população Trans morre antes dos 35 anos. Para mais informações: <http://www.oas.org/es/cidh/multimedia/2015/violencia-lgbti/registro-violencia-lgbt.html>; Numa mesma linha, o informe de 2007 de ALITT é um dos mais citados sobre a situação na Argentina, e mesmo reconhecendo que os dados não substituem um censo (os dados só falam de Buenos Aires e a periferia da cidade), de todos modos achamos que representam indicadores consistentes: *“Consignamos 192 personas fallecidas en los últimos cinco años que, combinadas con las 420 mencionadas en la edición anterior, hacen un total de 592 amigas fallecidas. La principal causa de muerte es el VIH/sida (el 54,7 por ciento). En segundo lugar, el 16,6 de los casos, el asesinato es el motivo de deceso. El resto de las causas de muerte mencionadas incluyen accidentes de tránsito, suicidio, cáncer, sobredosis, ataques cardíacos, diabetes, hepatitis, meningitis, tuberculosis, cirrosis y complicaciones derivadas de la inyección de siliconas. Se ignora la causa de muerte del 22 por ciento de las mencionadas. Respecto de la edad, el 43 por ciento murió cuando tenía entre 22 y 31 años y el 33 entre los 32 y 41 años. Un 9 por ciento de las compañeras muertas no había cumplido aún los 21 años de edad. Aunque estos datos no pueden reemplazar a un censo, dan cuenta de la misma imposibilidad actual de hacer algo semejante.”* (BERKINS, 2007; 16) L. (comp.) (2007) Cumbia, copeteo y lágrimas. Informe nacional sobre la situación de las travestis, transexuales y transgéneros. Buenos Aires: ALITT.

Após uma grande busca de dados estatísticos, e concluindo sobre a sua falta na Argentina, se desprende um trabalho “secundário” apresentado no 2018th IUAES Congress em Florianópolis. Ali criticamos os poucos trabalhos feitos tanto por suas metodologias como pela pouca abrangência das suas amostras. Para mais informações: “La invisibilización. Reflexiones sobre la escotomización estadística de la población Trans en Argentina” ainda em imprensa para a publicação nos anais do congresso.

onde, por exemplo, a experiência de “La Monja” já não é possível basicamente porque o que foi narrado foi vivido no ano 2010, antes da existência de setores para Trans nas prisões cordobesas. Este trabalho se insere justamente num marco de profundas mudanças nas políticas de gênero e de sexualidade, em que até os banheiros se encontram no centro do debate da inclusão (ou segregação) Trans. É que estruturas sociais inteiras se encontram num processo de grande mudança e até o modo de organizar os lixos corporais entram em crise! Com isso nos referimos a que as taxonomias sociais focadas nos chamados biocritérios⁷ foram nos últimos anos fortemente questionadas. E aqui se coloca a pergunta óbvia de porque o banheiro se impõe na agenda política contemporânea? Como demonstra a múltipla literatura específica, os banheiros aparecem como espaços que tencionam as fronteiras estabelecidas a partir do arbitrário cultural. Os banheiros tencionam constantemente os limites estabelecidos entre o material e o simbólico, o público e o privado, o objetivo e o subjetivo, etc. Neste ponto, finalmente para chegar à dimensão política, os banheiros tencionam qualquer tipo de igualdade formal, denunciando as desigualdades reais, principalmente produto de uma taxonomia social em declive. É assim que consideramos que nas últimas décadas se deu uma profunda mudança nos critérios de classificação política dos sujeitos (os chamados biocritérios) com múltiplas consequências, entre as quais emerge, por exemplo, *a crítica à atual divisão arquitetônica da administração dos lixos corporais*. A leitura biológica dos corpos parece lentamente deixar de ocupar a centralidade que tinha até faz pouco tempo, deixando espaço para outros tipos de critérios, sejam estes estéticos, psicológicos, jurídicos, etc. Nesse marco o banheiro responde justamente a partir do concreto, objetivo, tangível e principalmente arbitrário de qualquer fronteira⁸.

⁷ O conceito de “biocritério” vem da proposta de B. Preciado sobre os conceitos de “biohomens” e “biomulheres”. Basicamente o que designamos até o momento como “homens” ou “mulheres” são corpos socialmente classificados a partir de critérios biológicos (biocritérios). Dessa forma se relativiza a possibilidade de outro tipo de homens ou mulheres não necessariamente contemplados pela ciência ou a biologia clássica. Segundo a autora: “*Lo que yo llamo biohombre y biomujer son aquellos hombres y mujeres que han sido asignados como tales al nacer, y que por tanto no han cuestionado esa situación.*” (PRECIADO, 2017; 2)

⁸ Para uma análise mais detalhada sobre *o banheiro como fronteira* sugerimos: PÁEZ, J. (2018). Banheiros públicos: fronteiras do gênero.

Embora, como explicamos no começo o interesse inicial era outro, depois compreendemos que quiçá o banheiro poderia se apresentar como uma porta para a compreensão de problemáticas gerais referentes à relação entre identidades Trans e espaço público. A estratégia de procurar portas de entrada para as complexas configurações culturais a partir de eventos concretos e tangíveis não é nova dentro da antropologia e diríamos é quase um clichê. Porém, achamos que a estratégia clássica, não só continua vigente, mas pode ser efetiva no atual contexto flutuante da política das identidades. É aqui que os banheiros emergem, de alguma maneira, como um retrato tangível de mudanças maiores que levam às instituições a reconfigurar-se (observamos faz algumas décadas grandes mudanças na família, no direito, na medicina, na educação e inclusive na religião, em relação à política das identidades).

Estritamente no que se refere à relação *sujeitos Trans-banheiros públicos*, se observa um debate político crescente, não só nas cidades ou regiões pesquisadas, senão em diversos pontos do globo. Para compreender melhor o que tento dizer bastam alguns exemplos que recolhi desde que comecei este trabalho, em 2016, onde tanto num nível global, como também na região se observa um debate crescente. Só para brindar alguns deles num recorte 2016-2017 (o período da pesquisa): Começando pela América do Norte, nos Estados Unidos se desatou a escandalosa “batalha dos banheiros” (*bathroom war*)⁹, dirimida principalmente nos parlamentos estaduais¹⁰; no seu vizinho mais

Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales IX, pp. 94 - 110. Recuperado em <https://iberoamericasocial.com/banheiros-publicos-fronteiras-dogenero>

⁹ A chegada da questão na capa da Revista Time em maio de 2016 sob o título “The battle of the bathroom” expressa o auge da temática no debate público dos Estados Unidos: <http://time.com/magazine/us/4341384/may-30th-2016-vol-187-no-20-u-s/>

¹⁰ O caso paradigmático de Carolina do Norte emerge, entre vários outros, em março de 2016 como podemos observar na cobertura do New York Times em março de 2016: <https://www.nytimes.com/2016/03/24/us/north-carolina-to-limit-bathroom-use-by-birth-gender.html?mcubz=1>. Para quem não conhece, nos Estados Unidos, no Estado de Carolina do Norte se aprovou em 2016 uma lei que restringia a utilização dos banheiros e lockers segundo o sexo/gênero expressado nos seus certificados de nascimento. Embora na época na época o debate era crescente nos Estados Unidos, o caso de Carolina do Norte foi

tranquilo, Canadá, emergiu a questão dentro de um pacote de leis contra a transfobia que igualmente elevou o debate sobre o banheiro¹¹; atravessando o mar encontramos de diversos modos a questão na Europa em países como Espanha¹², Bélgica¹³, Alemanha¹⁴, Reino Unido¹⁵ e Países Baixos¹⁶; também assim no resto dos continentes (Oceania,

paradigmático já que a partir daí o impacto na mídia foi significativo tanto localmente como internacionalmente.

¹¹ No Canada baixo o debate da “bill 10” (também influenciado pela guerra dos banheiros nos EEUU) os banheiros receberam protagonismo chegando aos principais jornais do país. É assim que em junho de 2017 o debate continua vigente, como podemos observar no comité de desenvolvimento comunitário de Toronto. Segundo o Toronto Star:

https://www.thestar.com/news/city_hall/2017/06/07/bathrooms-just-the-first-of-many-barriers-transgender-youths-face.html

¹² Finalmente em 2017 será aprovada a chamada “lei Trans”, apresentada no Parlamento valenciano em 2016, que estipula o uso dos banheiros pelas pessoas Trans nas escolas públicas da Espanha. Fonte El Mundo:<http://www.elmundo.es/comunidad-valenciana/2016/11/10/5823714846163f774b8b458d.html>

¹³ Em maio de 2017 é apresentada no Parlamento Belga uma proposição de banheiros mixtos nos prédios públicos, como bem retrata aqui a Nouvelle Gazette: <http://centre.lanouvellegazette.be/87911/article/2017-05-30/pour-des-toilettes-publiques-accessibles-aux-transgenres>

¹⁴ Em Berlim em julho de 2017 o Partido Verde (Bündnis 90 / Die Grünen) propõe uma série de reformas em lugares específicos da cidade para a inclusão da população LGBT. Um dos pontos mais importantes, (senão é o mais importante) é a remodelação dos banheiros para a utilização da população Trans (segundo os parlamentares, por um custo de 500 euros). O jornal local Bild Zeitung o recolhe deste modo: <https://www.bild.de/regional/berlin/buschkowsky-kolumne/aetzend-dass-wir-diesen-unsinn-zahlen-52588734.bild.html>

¹⁵ No Reino Unido observamos um pouco da atualização da discussão, logo da aparição de diversos “banheiros neutros” em abril de 2017. Fonte The Telegraph: <http://www.telegraph.co.uk/women/life/why-the-uk-should-ditch-male-and-female-toilets-for-gender-neutr/>

¹⁶ Mais uma vez a educação se encontra no centro do debate, aqui nos Países Baixos, na Universidade de Leyde que testiou banheiros “neutros” durante 2016, como expressa o jornal Le figaro: <http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2016/06/06/97001-20160606FILWWW00302-pays-bas-des-toilettes-neutres-a-l-essai.php>

África e Ásia) em países como Austrália¹⁷, Sud África¹⁸, ou Japão¹⁹. Voltando à América para chegar na nossa região, a questão aparece de forma isolada no Uruguai²⁰ relacionada à “política de cultura”, enquanto achamos uma predominância da questão relacionada à educação no México²¹ no Chile²² e no Peru; para finalmente reforçar a questão nos

¹⁷ Em Austrália, um pouco periféricamente, observamos também como a temática emerge no debate público. Já quase como um cliché o começo da discussão aparece no ensino superior, a partir de propostas de banheiros “unissex” na WA University (University of Western Australia). Fonte o West Australia em outubro de 2016: <https://thewest.com.au/news/australia/uni-set-for-toilets-to-go-unisex-ng-ya-120792>

¹⁸ Novamente a interseção entre banheiros, educação superior e inclusão Trans tomam protagonismo, agora em Sud Africa. Neste caso observamos o debate publicado em março de 2017 no Mail & Guardian: <https://mg.co.za/article/2017-03-14-queer-students-battle-for-inclusion>

¹⁹ Na Ásia o debate também se apresenta. Neste caso observamos a atenção mediática da revista Time, sobre a possibilidade de banheiros “para todos os gêneros” nos Jogos Olímpicos de Japão em 2020: <http://time.com/4688322/toilets-all-genders-olympics-japan/>

²⁰ Em Uruguai a questão toma protagonismo a partir do Teatro Solís da capital que em 2016 irá propor o “primeiro banheiro transinclusivo”. Journal El País: <https://www.elpais.com.uy/informacion/inauguran-bano-inclusivo-solis.html>

²¹ No México, num marco de violência extrema, a questão do banheiro não se deixa perder protagonismo. Reclamando pelo assassinato de duas mulheres Trans, Aracely Campos (militante pelos direitos Trans) foi convidada para falar da temática na UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México) onde sofreu uma situação de discriminação por funcionários no ingresso ao banheiro da universidade. As autoridades saíram a pedir desculpas públicas segundo o portal Verne: https://verne.elpais.com/verne/2016/10/28/mexico/1477665379_338713.html

²² Dentro do pacote regional do debate sobre os banheiros e a educação, o Chile acompanha a tendência com várias medidas. Neste marco a Super Intendencia de Educación obriga aos colégios a remodelações em banheiros e duchas para que sejam “inclusivos”. Maio de 2017, fonte El Demócrata: <https://www.eldemocrata.cl/noticias/transsexualidad-en-colegios-sostenedores-alegan-imposicion-sin-dialogo-por-parte-del-gobierno/>

países concernidos neste trabalho: em Buenos Aires e Córdoba, na UBA²³ e a UNC²⁴ respectivamente, achamos a saída dos primeiros banheiros “mistos” dessas Universidades; enquanto em Florianópolis, no 11º Fazendo Gênero e o 13º Women World Congress, uma comitiva definiu banheiros “transinclusivos” para o evento. Reiteramos que os fenômenos assinalados formam parte do contexto dos anos de 2016 e 2017, e cada um com as suas particularidades regionais e locais vai adquirir derivas específicas. Contudo, a compilação oferecida visa ajudar a compreender a vigência atual de uma problemática de uma abrangência temporal e espacial que sem dúvidas excede este trabalho, mas que tentaremos ajudar a compreender melhor a partir do cone sul.

É nesse marco, de forte discussão pública, que este trabalho tenta aportar mais uma voz no subcampo incipiente chamado, um pouco exageradamente, por Molotch (2010) de “*toilet studies*”²⁵, no qual acreditamos que se encontra uma porta interdisciplinar para

²³ É verdade que na Argentina desde a promulgação da lei de identidade de gênero em 2012 a Universidad de La Plata já tinha banheiros “mixtos” na Facultad de Comunicación Social. Contudo a UBA tardou até 2017 para impulsar banheiros mixtos na Facultad de Arquitectura, Urbanismo y Diseño. Fonte La Nación: <https://www.lanacion.com.ar/2051800-para-el-inadi-que-la-uba-tenga-un-bano-mixto-puede-servir-como-modelo-para-otras-instituciones>

²⁴ Ato seguido, logo das decisões na UBA, a Universidad Nacional de Córdoba lança banheiros “sem distinção de gênero” na Facultad de Psicología. Fonte La voz: <http://www.lavoz.com.ar/ciudadanos/crearon-un-bano-sin-distincion-de-genero-en-la-facultad-de-psicologia-de-la-unc>

²⁵ Pode chamar a atenção, neste trabalho, a pouca referência a alguns trabalhos fundamentais na região sobre a população Trans como: Berenice BENTO (2012, 2008, 2006), Larissa PELÚCIO (2007, 2006, 2005,), Helio SILVA (1993), Bruno Cesar BARBOSA (2010), Marcos BENEDETTI (2005), Alexandre CÂMARA VALE (2005), CARRA e VIANNA (2006), CUTULI (2011, 2010, 2009, 2008), Josefina FERNANDEZ (2004), Jorge LEITE (200), María MORENO (2008) Marcelo OLIVEIRA (1997), Maria de OLIVEIRA (1994), Maria Cecilia PATRICIO (2008). Embora deva em grande medida a sua existência aos antecedentes aqui citados, entendemos que no nosso trabalho a bibliografia deveria focar-se no material sobre “toilet studies” já que esse sub-campo prolífico goza de certa autonomia, e resulta mais efetivo para a análise proposta. Incorporar a bibliografia aqui retomada implicaria desvios, sem dúvida enriquecedores, mas que demandariam um tempo de trabalho e articulação que excede o projeto original destetralho.

compreender a segregação urbana, a discriminação e a violência sofrida por diversos agentes, neste caso e principalmente, as feminidades Trans, e onde podemos observar no devir histórico e em duas cidades específicas, principalmente Córdoba (AR), mas também Florianópolis (BR), de forma concreta como alguns corpos específicos, em certos contextos sociais e configurações culturais, sofrem a exclusão não simplesmente social e cultural, senão e sobretudo material (inclusive até a aniquilação física)²⁶.

1.3. UM ROTEIRO PRA CHEGAR NO BANHEIRO²⁷

Embora os chamados estudos críticos da arquitetura e do urbanismo em uma perspectiva feminista tenham começado a questionar

²⁶ Respeito às cidades escolhidas devemos dizer que nunca foi o propósito deste trabalho se apresentar como uma análise comparativa, mas sim como um esforço de tentar aportar elementos para compreender o estado da questão nas duas cidades. Neste sentido e levando em conta que a escolha das cidades é arbitrária, não por isso resulta numa escolha caprichosa: no projeto inicial as cidades seriam Florianópolis e Neuquén, pela familiaridade demográfica, que proporcionava certa similaridade quanto à oferta noturna, condições objetivas de conformação de coletivos sexuais e de espaços de encontro das minorias. No entanto, e além da viabilidade e a factibilidade, e reconhecendo melhor o contexto de Florianópolis no decorrer da pesquisa (pelas suas características turísticas, a sua localização, a sua composição populacional, etc.), se achou que seria melhor utilizar uma cidade Argentina maior, como Córdoba, já que as características cosmopolitas das duas cidades oferecem condições mais semelhantes no que diz respeito àqueles critérios anteriormente nomeados (oferta noturna, condições objetivas de conformação de coletivos sexuais e de espaços de encontro das minorias).

²⁷ Normalmente a primeira associação entre banheiros, sexualidade e gênero é feita a partir dos clássicos, pioneiros e centrais trabalhos dedicados aos homoerotismos dentro dos banheiros. Desde o clássico e influente trabalho de Laud Humphreys *Tearoom trade: the impersonal sex in public places* (1970), até a atualidade na nossa região vemos trabalhos sobre a temática, no Brasil como “pegação nos banheiros” ou na Argentina as chamadas “teteras” (PINÓS DA COSTA, 2005; OLIVEIRA E NASCIMENTO, 2017; __OLIVEIRA, 2016; RAPISARDI, 2001; SCHULTZE, 2012; INSAUSTI, 2018).

a “neutralidade” do espaço desde finais dos anos 1970, é só no final dos anos e começo dos anos 90’s que essa questão começou a se espalhar e a ter relevância e influência fora do âmbito restrito no qual nasceu. A obra de Beatriz Colomina *Sexuality and Space* (1991) emerge finalmente como a pedra angular feminista de uma mudança de paradigma no final do século no que se refere ao campo de estudos sobre sexualidades e espaços. Paralelamente, os olhares interseccionais começavam a obter sistematização, principalmente a partir dos aportes de Kimberlee Crenshaw²⁸, depois de um grande esforço crítico do chamado *black feminism* (localmente conhecido como feminismo negro)²⁹. É nesse contexto que o movimento crítico da arquitetura iniciado nos anos 70’s interpela os espaços pela primeira vez a partir de categorias como sexualidade, gênero, raça, classe, etc³⁰. E é na arquitetura consagrada do século XX que se encontra uma resposta dialeticamente oposta (com o racionalismo e o funcionalismo arquitetônico) à saturação simbólica precedente subordinando utópica e radicalmente a *forma à função*³¹. É assim que no final do século XX uma série de trabalhos foram

²⁸ Embora o olhar interseccional estava tomando força desde já um bom tempo, existe um amplo consenso em outorgar a Crenshaw o reconhecimento formal ao termo em 1989 em "Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics". The University of Chicago Legal Forum. 140: 139–167. O olhar interseccional tem uma origem no *black feminism* (feminismo negro) começado nos anos 1960 nos Estados Unidos como resposta ao sexismo do movimento pelos direitos cívicos e o racismo dentro do movimento feminista. Já para final dos anos 1980 e começo dos anos 1990 figuras como Crenshaw conseguiram um espaço para denunciar que as violências e as opressões das mulheres eram, também, heterogêneas.

²⁹ Utilizo os dois termos nas duas línguas (*black feminism* e *feminismo negro*) já que na Argentina o movimento é conhecido com o seu nome em inglês, pela carência de um movimento local, como um fenômeno estrangeiro que conserva a nomenclatura “nativa” da língua inglesa.

³⁰ “Space, like language, is socially constructed; and like the syntax of lan-guage, the spatial arrangements of our buildings and communities reflectand reinforce the nature of gender, race, and class relations in society. The uses of both language and space contribute to the power of some groups over others and the maintenance of human inequality.” (Kanes Weisman citada por KOGAN, 2007; 8)

³¹ “(...) form ever follows function, and this is the law (...)” (SULLIVAN, 1896;408)

destinados a demonstrar como o espaço se encontra carregado de sentido e não só reflete uma estrutura social (no final das contas, desigual e opressiva) senão que às vezes reproduz a mesma ordem. Este olhar desde uma ótica feminista decantou em compreender a estrutura espacial dividida num binômio masculino/feminino. Naquele momento o esforço se centrou principalmente em demonstrar como aquela dicotomia que dividia o mundo social encontrava um sustento empírico no espaço físico. A matriz patriarcal e machista que dividia os sujeitos políticos a partir de bio-critérios dicotômicos organizava o espaço físico identificando alternativamente espaços masculinos e espaços femininos³². A ponta do *iceberg* que se revela a partir daquelas reflexões é a denúncia da divisão ideológica das *esferas públicas e privadas sob os domínios masculinos e femininos*³³. Mas aquele momento fundador que decantou quase como um ensaio estruturalista, comprovando a organização do cosmos social e a sua réplica no urbanismo e na arquitetura sob uma série de dicotomias binárias, opostas e complementares, não se deteve simplesmente no olhar descritivo, entendendo os produtos sociais como simples execução do universo simbólico. Rapidamente se começou a observar como nos processos subjetivos de masculinização e feminização o espaço também intervia³⁴.

³² “(...) critical architectural theorists have explored how certain architectural dichotomies have historically been associated with the masculine and the feminine: the unadorned and simple as masculine, the adorned and ornamented as feminine; the public and outside as masculine (and heterosexual), the private and inside as feminine (and homosexual); hard surfaces as masculine, soft surfaces as feminine. Men have been associated with planning and building spaces, women with decorating and making those spaces livable. Men have been associated with urban spaces, characterized by oppressive and inhuman skyscrapers and straight streets; women have been associated with rambling suburban spaces” (Kogan, 2007; 8-9)

³³ Para uma introdução geral sobre a temática recomendamos RENDELL, PENNER & BORDEN (2003) *Gender, Space, Architecture. An interdisciplinary introduction*. Routledge. New York.

³⁴ Terry Kogan resume aquele momento da seguinte maneira: “Recent cultural theory has uncovered how aspects of human identity that seem natural, aspects including sexuality, gender, race, and class, are in fact socially constructed. The discourse of architecture – construction - is borrowed to describe this fundamental tenet of postmodern identity theory. Only recently has architectural theory itself begun to focus on how the

É nesta mesma linha que o banheiro começa a ter protagonismo nas discussões aludidas desde a crítica da arquitetura, da geografia e do urbanismo em conjunto com uma perspectiva feminista, mais ainda com o avanço dos direitos das populações Trans dos últimos anos. Na primeira etapa aludida anteriormente se observa uma forte impressão da dimensão subjetiva e identitária da questão, que depois lentamente irá se espalhar para questões políticas (reconhecimento das minorias, segurança feminina, etc.), logísticas (como organizar o espaço e os dispositivos mobiliários), artísticas (questões estéticas e discussões sobre performance), entre outras, a maioria das quais não serão abordadas neste trabalho.

Mas antes de continuar, e fazendo um breve resumo do desenvolvimento deste subcampo de estudos centrados no banheiro³⁵, é importante começar pelo aporte isolado de Lacan nos anos 60, entendendo este como o antecedente, pelo menos pelo pesquisado até o momento, mais remoto sobre a temática (profundamente retomado posteriormente, e que retomaremos em breve), a partir do pequeno e secundário, mas potente, conceito de “segregação urinária”. Daí passarão vários anos até observar uma produção coletiva disgregada no final dos 80 e começo dos anos 90³⁶ (onde destacamos a continuação lacaniana de Jean Allouch³⁷), para finalmente observar uma produção sistemática e diálogos coletivos no devir do século XXI. Neste contexto, dentro de tudo reduzido, mas igualmente significativo de estudos destinados especificamente à temática (dos, segundo Molotch “toilet

physical spaces that a society builds and occupies contribute to the ways in which human identity is socially constructed”. (KOGAN, 2007; 8-9)

³⁵ Como já assinalamos acima, por razões de espaço, volume e quantidade de material, não retomamos todo o trabalhado desde a década de 1970 em relação aos estudos sobre homoerotismos nos banheiros. Para começar entendemos que o Lacan na década de 1960 já começa a trabalhar em termos simbólicos focando na especificidade do que nos interessa aqui. Em segundo lugar, embora poderíamos incorporar os trabalhos sobre homoerotismos à produção assinalada segundo Molotch como de “Toilet studies”, decidimos pelo volume gigante desta linha específica, e pela impossibilidade de uma abordagem séria, deixar apartadas aquelas discussões centrando aqui o produzido mais focado em identidades Trans, e classificação de sujeitos políticos a partir de biocritérios homem/mulher

³⁷ ALLOUCH, J. (1987). Un sexe ou l'autre, sur la ségrégation urinaire. Littoral 3-25. Paris.

studies”) como vimos a França e como veremos proximamente o universo anglófono (Estados Unidos, Inglaterra, Austrália, Nova Zelândia) lideram a produção teórica. Verdadeiras pioneiras e pioneiros como Terry Kogan ou Barbara Penner já nos 90 trabalhavam sobre a questão para consolidar, pouco depois, importantes avanços em relação à dimensão histórica do fenômeno (profundamente relacionada, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, com uma moral vitoriana que choca com um capitalismo crescente na transição do século XIX para o XX). Já ali observamos um deslocamento das questões mais teóricas sobre a dimensão subjetiva, por uma intenção mais empírica com sólidas consequências. Finalmente a discussão, como assinalamos mais acima, se abre imensamente nos últimos anos numa produção coletiva que não fica em artigos isolados, senão num trabalho que encontra coletâneas, livros, e inclusive eventos destinados estritamente à problemática³⁸. O campo virou tão heterogêneo que também de dentro do mesmo feminismo se levantaram as polêmicas. As vozes do chamado feminismo TERF (*Trans exlusionary radical feminist*) ou TWEF (*Trans women exlusionary feminist*) da mão de feministas como Sheila Sheffreys (histórica crítica dos movimentos Trans e *queer*) produziram material defendendo a “segregação urinária” argumentando a vulnerabilidade feminina nas sociedades contemporâneas³⁹. Contudo, devemos reconhecer que a produção em geral continua centrada no esforço progressista de incorporar os novos sujeitos políticos a uma arquitetura que expressa, como um vestígio arqueológico, um mundo que muda constantemente. É que a divisão do banheiro público obedeceu no começo a um sujeito vitoriano do século XIX que pouco tem a ver com os novos sujeitos políticos surgidos nos últimos tempos. Quiçá por isso Beatriz Preciado (uma das poucas vozes em espanhol dentro do debate, e com muito peso nos últimos anos dentro do feminismo) vai definir os banheiros públicos a partir de uma ótica

³⁸ Em 2007 se celebrou a conferencia “Outing the water closet” na Universidade de Nova Iorque, que deu lugar finalmente à influente coletânea “Public restrooms and the politics of sharing” editada por Laura NORÉN e Harvey MOLOTCH em 2010.

³⁹ “I will argue that the ‘right to gender’ and the ‘right to gender expression’ promoted by transgender activists are problematic in themselves, and do not create a good reason to degender the bathroom. I shall suggest reasons why women have needed, bothinthepastandinthepresent,good,copious and segregated facilities suited to their needs” (SHEFFREYS, 2014; 42)

foucaultiana como “mini-panópticos de gênero” (PRECIADO, 2010; 2). Deste modo observamos que, apesar da produção centrada nos banheiros se encontrar atualmente diversificada tanto em óticas como em objetivos, a olhada inicial daquela “primeira onda do feminismo arquitetônico ou geográfico” continua intacta, no sentido de que a questão fundamental continua sendo compreender como o espaço produz e reproduz desigualdades sociais. E é nesta linha que o presente trabalho tenta abordar a questão. Embora isso, e antes de começar diretamente com o nosso trabalho, passaremos agora explicitar alguns detalhes metodológicos com o objetivo de facilitar a leitura do trabalho.

1.4. QUESTÕES METODOLÓGICAS

Esta pesquisa, desenvolvida no marco do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, começou no ano 2016, finalizando no começo do ano 2018. O desenvolvimento da revisão bibliográfica começou levemente durante o final do ano 2016, para continuar fortemente na primeira metade do 2017. O período dedicado à pesquisa de campo foi durante o ano 2017 e consistiu, principalmente, na realização de entrevistas e a aplicação de questionários. Levando em conta que a seguinte pesquisa se centra num espaço de difícil acesso por motivos óbvios (pela frequência de rotação de pessoas no banheiro, porque implica uma “invasão” da intimidade que não permite observações prolongadas, porque os banheiros femininos estão fechados aos homens e vice-versa, etc.), os roteiros, observações e participação em espaços estratégicos, representaram mais um meio para o contato com as pessoas do que material produzido para ser utilizado na dissertação. Ou seja, a produção de dados desta pesquisa se baseou fundamentalmente nas entrevistas e nas enquetes, e raramente, e isoladamente, se utiliza informação obtida a partir de outras técnicas. Quanto às entrevistas, foram realizadas um total de 38 entrevistas⁴⁰ semiestruturadas (mistura de perguntas estruturadas e perguntas improvisadas) que acumularam mais de 50 horas de gravações, entre as cidades de Florianópolis e Córdoba. A maioria foi realizada em Córdoba (um total de 29), já que por diversos motivos se apresentava um campo de mais fácil acesso para o pesquisador (em Florianópolis se realizaram

⁴⁰ Para ver com melhor detalhe o número e as pessoas que foram entrevistadas sugerimos visitar o item 5.2. Apêndice B Dados sobre o campo.

apenas 8 entrevistas)⁴¹. Por este motivo, e inúmeros outros, nunca foi o propósito deste trabalho se apresentar como uma análise comparativa, mas sim como um esforço de tentar dar conta ou, pelo menos, aportar elementos para compreender o estado da questão nas duas cidades.

Os primeiros contatos foram feitos durante janeiro de 2017, começando por referentes políticos atuais e históricos da população Trans de Córdoba. Nessa cidade se articularam tanto reuniões como atividades, além de projetos em conjunto com oito organizações políticas⁴². Por outro lado em Florianópolis, o começo do contato das pessoas se desenvolveu na segunda metade de 2017, e com uma estratégia parecida àquela desenvolvida na Argentina, se contactou uma organização, com a qual também se organizaram atividades, reuniões e projetos em conjunto⁴³.

Da totalidade de entrevistas realizadas em Córdoba, 29 (vinte e nove) foram feitas com pessoas Trans e 5 (cinco) com pessoas cisgênero⁴⁴ (familiares, médicos ou pessoas que, particularmente,

⁴¹ Além da Argentina ser o país de origem do pesquisador, o mesmo morou por bastante tempo em Córdoba. Por isso, o pesquisador acumulava mais redes de contatos nessa cidade por ter realizado pesquisas anteriormente, o que economizou um trabalho que, por contra partida, teve que fazer finalmente em Florianópolis. Deste modo a produção das entrevistas foi mais rica em Córdoba do que no Brasil, pois no tempo limitado do trabalho de campo (partilhado entre Argentina e o Brasil) o pesquisador teve que desenvolver toda uma rede de contatos e, por sua vez, conquistar a confiança das pessoas. É importante destacar que sendo o pesquisador um homem cisgenero, a desconfiança da população é grande, mais ainda sendo um estrangeiro. Isso foi, sem dúvidas, um grande obstáculo para a produção das entrevistas, onde, depois de tudo, se tinha que falar sobre dimensões “íntimas”, que normalmente não são explicitadas.

⁴²O detalhe das organizações se pode encontrar no item 5.2. Apêndice B Dados sobre o campo.

⁴³ Destaca-se, do breve trabalho realizado em Florianópolis, o trabalho realizado na ADEH (Associação pelos Direitos Humanos), em relação ao contato de pessoas Trans com escritórios jurídicos para encaminhar a Retificação de nomes.

⁴⁴O neologismo tecnicista “cisgênero” vem dos estudos de gênero para assinalar os sujeitos cuja identidade de gênero coincide com o sexo assignado ao nascimento. Com origem nos anos noventa, e proposta pelo sexólogo alemão Volkmar Sigusch, o conceito tem o objetivo de assinalar que assim como existia um termo para assinalar às pessoas transgênero, deveria existir um termo para assinalar as pessoas de cá (cis em latin).

considerou-se importantes de serem entrevistadas). Nesse processo, como já falamos acima, se estabeleceram profundos laços com oito organizações na Argentina que representam a comunidade Trans de Córdoba⁴⁵, e com as quais foi possível articular três projetos que se encontram em etapas diferentes de desenvolvimento, todos eles em relação às problemáticas Trans (um projeto de lei para banheiros sem gênero nas escolas de ensino médio, um projeto de arquivo da memória Trans - sobre pessoas Trans desaparecidas, a partir de um arquivo fotográfico de mais de três mil fotos - e, finalmente, um projeto de relevamento da população Trans em Córdoba, que começará no segundo semestre de 2018).

Em relação às atividades e projetos desenvolvidos em Florianópolis com uma organização que representa os direitos das pessoas Trans na cidade, trabalhou-se como voluntário encaminhando solicitações de retificação de nome⁴⁶, como também em diversas atividades organizadas pela instituição.

Em relação às áreas estatais com as quais houve contato, em Córdoba foram contatadas oito instituições por diversas vias das três esferas (Nacional, Provincial e Municipal), onde se estabeleceu contato com atores chave como os hospitais, os cartórios, a Universidade e as instituições de pesquisa, como também os órgãos de direitos humanos encarregados de desenvolver políticas inclusivas, ou a secretaria de emprego com programas específicos dedicados focalmente à população. Do lado de Florianópolis, além do contato com referentes de pesquisa na área, ou alguns atores importantes na temática (referentes históricos na defesa dos direitos LGBT, ou organizações em defesa dos direitos LGBT), devemos destacar que não se teve contato com áreas estatais.

Finalmente, foram recorridos seis pontos, locais ou estabelecimentos estratégicos para estabelecer contato com a população Trans de Córdoba e de Florianópolis. Neste sentido, podemos dizer que é a partir de várias portas de entrada que o pesquisador conseguiu ingressar nesses pequenos universos. O nível de “saturação do campo” sem dúvidas foi diferente em Córdoba e em Florianópolis. Embora em

VOLKMAR, S. (1998). "The Neosexual Revolution". *Archives of Sexual Behavior*. 27 (4): 331–359.

⁴⁵ O detalhe destas organizações se pode encontrar no item 5.2. Apêndice B Dados sobre o campo.

⁴⁶ Fazendo o contato entre solicitantes e escritórios de advogados que, como também na organização dos espaços e atividades da ADEH, como assim também na participação em diversos eventos da organização.

Córdoba (nomes, experiências e informantes) começaram a repetir-se com certa frequência, devemos dizer que em Florianópolis este nível não foi atingido. De todo modo, o fechamento do campo obedeceu mais a necessidades temporais das lógicas acadêmicas do que a saturações reais do campo, pelo que entendemos que ainda se poderia continuar explorando os eixos propostos neste trabalho⁴⁷.

No que se refere às enquetes, foram feitas duas experiências, uma em cada cidade em situações de concentração de população Trans: no protesto pelo assassinato de Laura Moyanon em Córdoba, no dia 25 de julho de 2017, e na Parada LGBT de Florianópolis, no dia 19 de novembro de 2017. Nessas experiências conseguiu-se um total de 77 enquetes respondidas voluntariamente (47 em Córdoba e 30 em Florianópolis). Do total, informações referentes a 9 casos foram perdidas em Córdoba em função de problemas com a utilização do aplicativo Quicktapsurvey⁴⁸ e a sincronização dos dispositivos (telefones e tablets). Além da perda de alguns casos, a maioria dos questionários não processados (um total de 16, além dos 9 anteriormente

⁴⁷ Aqui é importante esclarecer que frente ao número de entrevistas (38), o material para poder trabalhar a questão específica do nosso trabalho poderia ser descrita como “insuficiente”. Até chegar a perguntar questões específicas que envolvem não só as experiências nos banheiros, senão também experiências de violência ou discriminação, era preciso reconstruir toda uma trajetória e compreender ela quase dentro de uma “história de vida”. É por isso que, quiçá, grande parte do material fique fora do trabalho específico aqui exposto, já que *até chegar no banheiro, realmente se tinha que fazer todo um roteiro*.

⁴⁸ O aplicativo/software Quicktapsurvey é um dos tantos softwares disponíveis (tanto em formatos online como em aplicativos para tablets e telefones off-line) que permitem o levantamento de dados estatísticos a partir de ferramentas “standards” que facilmente podem ser transformadas em formulários específicos segundo os interesses dos pesquisadores.

No começo, a primeira vez que foi aplicado o dispositivo (como conjunto de perguntas) em Córdoba se utilizaram dois telefones que, sincronizados online, atualizariam os dados enquanto se realizava a enquete em tempo real. Logo de alguns problemas com aquela sincronização (e da perda de alguns dados que só se encontravam em forma digital) se passou, na segunda experiência em Florianópolis, a uma aplicação do dispositivo em papel que logo seria carregado online (onde são guardados os dados, e onde se podem atravessar e isolar diversas variáveis), obtendo deste modo dois suportes dos dados (analógicos e digitais), assegurando assim a conservação das amostras.

assinalados) foram desestimados por não responderem diretamente às necessidades da enquête, que tinha como objetivo principal a resposta de pessoas Trans. Aqui achamos importante destacar que, da totalidade das enquetes feitas, só a faixa estritamente Trans e os questionários selecionados com respostas seguras foram levados em conta para processar os dados. Questionários aplicados erroneamente a drags, lésbicas, etc., questionários não respondidos totalmente, ou qualquer outro detalhe que obstaculizasse o processamento foram retirados⁴⁹.

⁴⁹ Para mais detalhe sobre o questionário, ver item 5.4. Apêndice D Enquête Laura Moyano.

2. ESPAÇOS / SUJEITOS

2.1. DELIMITANDO O ESPAÇO (OU AS PALAVRAS)

Um dos problemas instrumentais no momento de problematizar os espaços assim delimitados é justamente o da linguagem. Partindo dessa delimitação, a compreensão do que poderíamos chamar de forma geral “os banheiros” encontra dificuldades aqui, pelo menos, em duas vias. A primeira seria pelo conjunto heterogêneo de espaços, ações, práticas ou tecnologias que são nomeadas pelas mesmas palavras (ou palavras “análogas” entre distintas línguas), em definitiva, a sua polissemia. A segunda, pelo contrário, seria a delimitação múltipla, com diversos termos, dos mesmos espaços, ações, práticas ou tecnologias, ou seja, por um conjunto diverso de sinônimos que se justapõem numa mesma língua e ainda mais na bibliografia escrita em diversas línguas. Para começar é necessário precisar como atuam essas palavras no espanhol, e ainda mais no ‘espanhol argentino’ ou ‘cordobés’ onde o ‘*baño*’ é basicamente o espaço dedicado difusamente ao cuidado ou à higiene do corpo. Este espaço pode se dividir em ‘*baños*’ públicos e privados. Os comumente chamados ‘*baños privados, ou domésticos*’ são aqueles banheiros familiares dentro das estruturas domésticas que não só se utilizam para a eliminação dos resíduos corporais⁵⁰ como também contam com duchas ou banheiras para o “*baño*”, neste outro sentido como ação (tomar banho) num sentido higiênico, para “se banhar”. Mas “*baño*” como ação também pode compreender a relação que o corpo mantém com a água de forma recreativa ou desportiva (no mar, rio, lagoa, etc) onde o “*baño*” é mais uma prática lúdica ou desportiva que uma procura higiênica. Como vemos aqui, só a palavra “*baño*” no espanhol (espanhol cordobês, para situar melhor o alcance dos termos) contempla vários sentidos diferentes que no momento do tratamento da problemática, complexificam a sua abordagem. Essa mesma situação se complexifica ainda mais ao contrastar ou rastrear os conceitos no tempo ou em outras culturas. Já só para contrastar com a realidade brasileira o espaço se afasta das práticas quando o conceito do local (banheiro) se

⁵⁰ Por resíduos corporais, nos referimos principalmente à matéria fecal e a urina. Mas também entram dentro deste conceito, seja na bibliografia higienista como inclusive dentro deste mesmo trabalho, um conjunto sumamente heterogêneo e difuso de “resíduos” que vão desde os fluxos menstruais, as mucosas nasais, o sangue, as unhas, o cabelo, ou a cera dos ouvidos, entre outros.

distancia daquela das práticas, semelhantes entre elas (tomar banho, se banhar, etc.).

Para brindar só um dos inúmeros obstáculos semânticos atravessados, principalmente numa revisão bibliográfica, uma confusão que tivemos com Giedion parece um bom exemplo. Começar uma pesquisa pelos clássicos é uma estratégia praticamente obrigatória, desse modo no começo deste trabalho numa releitura de *“La mecanización toma el mando”* (GIEDION, 1978), se encontrou uma citação particularmente interessante:

“El baño y sus finalidades han presentado diversos significados en diferentes épocas. La manera que tiene una civilización de integrar el baño en su género de vida, así como el tipo de baño que prefiere, ofrecen una interesante visión acerca de la naturaleza interna del período en cuestión”. (GIEDION, 1978; 631)

Esta citação resultava realmente potente no sentido que deixava o espaço, o banheiro, num lugar sintomático de uma sociedade, como se fosse uma porta particularmente potente para se abrir ao comportamento de uma sociedade num momento dado da história. Mas tinha um problema de tradução. Giedion não se referia tanto ao local onde se depositam os lixos corporais (banheiro), como à tecnologia para se higienizar (banheira). Deste modo quando se contrasta com o original, a citação continua sendo potente, mas em referência a um artefato do banheiro, e não ao espaço:

“The BATH [maiúscula no original and its purposes have held different meanings for different ages. The manner in which a civilization integrates hathing within its life, as well as the type of bathing it prefers, yields searching insight into the inner nature of the period.” (GIEDION, 1978; 638)

Finalmente, neste contexto tem mais uma questão fundamental a levar em conta na análise em diferentes regiões daqueles espaços: o

lugar limiar entre o espaço público e o espaço privado⁵¹ na sua relação com o Estado e o mercado. Se bem, o uso semi-privado do banheiro e a utilização coletiva do mesmo vai gerar uma dinâmica contraditória entre o espaço público/privado, é a classificação ou nomenclatura entre *os mesmos banheiros*, e o papel do Estado na administração dos lixos a que pode representar uma dificuldade do tratamento da temática. Na Argentina (e na maioria dos países da América Latina) o chamado “*baño público*” não é exatamente aquilo que se entende como “*baño público*” na Espanha, ou o “*bagno publico*” da Itália ou nos vespasiennes franceses. A diferença importante entre a América Latina e a Europa justificaria inclusive uma pesquisa em si mesma. É que as diferenças na delimitação do espaço público, o privado e o papel do mercado e o Estado na gestão dos resíduos corporais é totalmente diferente. O que é chamado de “*baño público*” na Argentina e na maioria dos países da América Latina não são mais que banheiros privados dos cafés, boates, sorveterias, restaurantes, etc. Dentro desta categoria também se incluem, numa menor medida, os banheiros dos edifícios ou prédios da administração pública que vão desde as escolas, universidades e hospitais, até rodoviárias ou aeroportos. Mas não existem, pelo menos de forma generalizada em todo o território (e especificamente em Córdoba, na Argentina e em Florianópolis, Brasil) banheiros *estritamente públicos* como as “vespasiennes” generalizadas na Europa, e que podemos datar desde antes do século I a.C.⁵² no

⁵¹ “*So here we have the problem at hand: the toilet involves doing the private in public and under conditions only loosely under the control of the actors involved.*” (MOLOTCH, 2010 ;1) Como bem assinala Molotch e que na maioria dos trabalhos que tocam a questão concordam, achamos que na tensão entre o privado e o público onde reside grande parte do potencial analítico do banheiro como locus de problemáticas sociais.

⁵² “*By the end of the first century B.C., and very likely much before, the Romans has built public toilets, what we can call public latrines, as a hallmark construction of Romanization*”. (KOLOSKI-OSTROW, 2015; 23) Há um pequeno mas sério desenvolvimento arqueológico sobre a administração dos lixos no império romano desenvolvido desde os anos 1990. A maioria dos trabalhos são regionais pelo que recomendamos sobre a questão na Itália o trabalho já citado de KOLOSKI-OSTROW (2015) “*The archealization of sanitation in Roman Italy*”; na antiga Espanha DURPÉ RAVENTOS & REMOLÀ VERDÚ (2002) A propósito de la gestion de los residuos urbaos em Hispania REMOLÀ VALLVERDÚ, e

império romano, com a invenção dos primeiros banheiros públicos identificados posterior e erroneamente com o imperador Vespasien⁵³. Neste sentido, como falamos, na Europa a relação entre o Estado, o mercado, e a administração dos lixos, especificamente o lixo corporal, ou orgânico, é totalmente diferente à existente na América Latina. De fato, o papel do Estado neste sentido chega na Europa ao ponto em que inclusive se desenvolvem tentativas de banheiros públicos para cachorros⁵⁴, ou seja, que a dimensão do público e do Estado ultrapassa em muito o que podemos achar em nossos países, especificamente na Argentina e no Brasil.

Além das dificuldades produto da polissemia e os sinônimos que se encontram no tratamento da temática, será importante compreender o desenvolvimento material do espaço até chegar em nossos dias.

2.2. BANHEIROS: A SEDENTARIZAÇÃO DAS “NECESSIDADES” NO SÉCULO XIX

Dessa estreita relação entre o saber médico e o poder, resultou o caráter eminentemente urbano da medicina formuladora de uma teoria da cidade que pressupunha vigilância constante. A saúde pública era essencial para o bom funcionamento do Estado, e tanto a medicina quanto a engenharia sanitária

ACERO PÉREZ (2011); e nas antigas França, Alemanha e Suíça o trabalho de BOUET (2009)

⁵³ « *Contrairement à ce qui a été souvent soutenu, l'empereur Vespasien n'a rien eu à voir avec l'établissement des latrines publiques à Rome – à la fin du IIIe siècle ap. J.-C., sous Dioclétien, on en comptait 144 –, il se contenta de prélever un impôt sur les urines que les foulons et les tanneurs recueillaient dans des récipients disposés dans les rues à cet effet. Son fils Titus l'en blâma, ainsi que l'a raconté Suétone : « L'empereur lui mit sous le nez une pièce de monnaie provenant du premier paiement et lui demanda si l'argent sentait mauvais. “Non”, répondit Titus. Eh bien, dit son père, il nous vient de l'urine» (GUERRAND, 1985 ; 7)*

⁵⁴ “La localidad de El Vendrell, España, instaló en la rambla llamada Josep CAÑAS un dispositivo para que los perros depositen allí sus excrementos.” Disponível em:

<<https://www.periodismo.com/2014/07/07/llega-el-bano-publico-para-perros/>> Acesso em: 22 out. 2017.

deveriam defender o homem da desordem que ele mesmo provocava, levando os médicos a se envolverem na teoria e no planejamento urbano, procurando, através da intervenção, obter uma cidade submetida à norma do conhecimento nas malhas do poder, o que significava impor ao pobre o modelo a seguir. Esse poder identifica a elite como sendo produtora da sujeira e dos maus odores, e culpa somente "o outro" como marca da alteridade.

GERBER, Diana: "O saneamento em Florianópolis..."

Para compreender a constituição do banheiro público contemporâneo, primeiro como materialidade arquitetônica, e logo como *fronteira de gênero*⁵⁵, é preciso observar o encontro de, por um lado, as tecnologias, os materiais e os paradigmas higienistas, e por outro o desenvolvimento do capitalismo e a moral vitoriana e burguesa do século XIX. É só a partir desse encontro multicausal, de diversas variáveis, que finalmente os banheiros irão estruturar-se numa divisão heteronormativa, para constituir-se, um século depois, numa das fronteiras de gênero que mais espaço ocupara no debate público.

A melhor via para a compreensão do fenômeno que tentamos analisar aqui, pelo menos no mundo ocidental, se encontra a partir da análise da Inglaterra vitoriana que simboliza o auge da revolução industrial. Em matéria arquitetônica e urbanística, se sabe, a incorporação do *crystal* e do *aço* representaram avanços técnicos que marcariam o devir moderno. Não é por acaso que em 1851, na inauguração das *Exposições Universais*, se construirá o *Crystal Palace de Londres*⁵⁶ para albergar "o progresso do mundo".

⁵⁵ Para uma análise mais detalhada sobre o banheiro como fronteira sugerimos: *Páez, J. (2018). Banheiros públicos: fronteiras do gênero. Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales IX, pp. 94 - 110. Recuperado en <https://iberoamericasocial.com/banheiros-publicos-fronteiras-dogenero>*

⁵⁶Sobre a arquitetura do aço e a emergência sintomática das exposições universais Walter Benjamin, refletindo sobre as passagens, expressará: "*De ese modo se presentan los pasajes, primera realización de la construcción con hierro; así se presentan las exposiciones universales, cuyo acoplamiento con las industrias de recreo es significativo*"(

Nesse contexto o esgoto e as redes de água⁵⁷ começaram a aparecer após grandes avanços médicos em resposta, principalmente, às epidemias de cólera (que finalmente possibilitariam o nascimento da epidemiologia⁵⁸). Apesar de o médico John Snow ter difundido a sua hipótese desde 1849⁵⁹, o mundo deverá esperar a epidemia de Londres de 1854 para chegar à conclusão de que é a água, neste caso o poço da *Broad Street*, o principal responsável da propagação da doença.

Não obstante, mesmo que Snow tenha conseguido o apoio político para fechar o poço e assim acabar com o surto, não chegou a convencer à comunidade científica da época que a causa da difusão da doença era o que ele chamava uma “matéria mórbida” na água. Só a partir da microbiologia de Pasteur se poderá modificar drasticamente o paradigma e a percepção da difusão das doenças⁶⁰, descobrimentos que mudarão drasticamente as paisagens urbanas no devir da modernidade.

BENJAMIN, 2005 ;50) e não é simplesmente uma utilização de materiais “neutros” que a técnica capitalista desenvolverá. Justamente para Benjamin aqueles materiais, como o cristal, nesses espaços criariam novas formas de sensibilidades, pedagogicamente orquestradas num proletariado domesticado: “*Las exposiciones universales fueron la alta escuela en que las masas, que estaban apartadas del consumo, aprendieron a identificarse con lo que es el valor de cambio. «Verlotodo y no tocar nada»*” (*BENJAMIN, 2010; 54*)

⁵⁷“*Es en la segunda mitad del siglo XIX cuando nace la edad de oro de la fontanería y Europa en su conjunto aprende de la escuela inglesa*”. TARTARINI, 2002; 21)

⁵⁸CERDA J.L. & VALDIVIA G.C. (2007) John Snow, la epidemia de cólera y el nacimiento de la epidemiología moderna. In: Revista Chilena de Infectología. Pp. 331-334.

⁵⁹“*The views here explained open up to consideration a most important way in which the cholera may be widely disseminated, viz., by the emptying of sewers into the drinking water of the community (...)*”. SNOW, J. 1849) On the Mode of Communication of Cholera disponível em: <https://collections.nlm.nih.gov/ext/cholera/PDF/0050707.pdf>

⁶⁰Geroges VIGARELLO (1985) relata de forma magistral o deslocamento que representou a revolução bacteriológica e o novo lugar da água na *higiene pública*. Do «paradigma» reinante durante a maior parte da idade média onde as doenças se transmitiam pelo ar ingressando nos poros, e onde a água (dilatando os poros) representava uma ameaça, se comprovou “a matéria mórbida” na água do doutor Snow, e a prática do banho começou a ocupar uma técnica higiênica como conhecemos hoje: «*Lorsque, à la fin du XIXe siècle, Remplinger effectue, jour après jour, une énumération des*

Paralelamente irrompe no século XIX um conceito, e logo um movimento, com origem na deusa grega Higía⁶¹. Até então, o que hoje chamamos de higiene não existia, e entre as práticas de “cuidado” ou “manutenção” do corpo a água apenas aparecia mais relacionada ao jogo e às práticas lúdicas e de lazer, do que ao cuidado da saúde⁶².

Neste marco e desde final do século XVIII, observa bem Foucault (1976), se desenvolve um novo poder político a partir dos conhecimentos médicos. É essa inovadora intervenção que modificará drasticamente a paisagem urbana⁶³ com o objetivo (ou pretexto) do cuidado da saúde pública ou coletiva⁶⁴ que finalmente no século XIX passou do “tout à la rue” (todo para a rua) característico da idade média para o “tout-à-l’égout” (todo para o esgoto).

O movimento higienista e as suas conquistas difundiram um novo paradigma do cuidado do corpo em grande parte ancorado no

*microbes dans l'eau de son bain il montre à quel point la microbiologie pastoriennne a pu transformer depuis 1870-1880, la perception du nettoyage (...). L'essentiel pourtant n'est pas dans le chiffre. Plus profondément, c'est une représentation qui importe : l'univers bactériologique, dont Pasteur a largement amorcé l'explication, transfigure l'image du lavage. L'eau efface le microbe. **Le bain a un nouvel objet : faire disparaître une présence crépusculaire [destaque nosso].**» (VIGARELLO, 1985:217).*

⁶¹ *Um mot qui, au début du XIXe siècle, occupe une place inédite: c'est celui d'hygiène. Les manuels traitant de santé changent de titre. Tous étaient concentrés jusqu'ici sur l' «entretien» ou la «conservation» de la santé. Tous deviennent maintenant des traités ou des manuels d' «hygiène» Tous définissent leur terrain par cette dénomination auparavant très peu usitée (GUERRAND, 1985:182).*

⁶² *“Il faut reprendre les scènes d'étuves au Moyen Âge et s'y attarder pour mieux évaluer les pratiques que le XVIe siècle va lentement effacer. La finalité y est d'abord le jeu, voire la transgression, l'eau y est d'abord festive. Autant dire que le lavage n'y est pas la réel signification du bain” (VIGARELLO, 1985 ; 37)*

⁶³ *“Hablar de la historia del agua es, también, examinar la evolución del concepto de higiene urbana, desde la Gran Aldea hasta la gran metrópoli (...). Es, en suma, comprender hasta qué punto su utilización racional implicó la reestructuración total del mundo subterráneo y también aéreo, de la ciudad.” (TARTARINI, 2002:29).*

⁶⁴ *“(...) il faut noter (...) un (...) processus, c'est l'apparition de la santé et du bien-être physique de la population en général comme l'un des objectifs essentiels du pouvoir politique.” (FOUCAULT, 1993; 4).*

abastecimento da água. Graças à chegada das redes de água finalmente a arquitetura irá destinar um espaço específico às necessidades físicas dentro da casa. Roger-Henry Guerrand (1985), outro dos grandes referentes na matéria, relata magistralmente a chegada do “*W.C. à l’interieur*”. Isso porque tem que compreender-se que até o momento as práticas, ações, rituais, funções, etc., que hoje reúnem os banheiros, se encontravam disseminadas no espaço numa sorte de “*nomadismo excretório*”. O lixo corporal circulava em vasilhas, panelas ou pequenos potes que logo, se não voavam pela janela, chegariam à latrina do final do pátio (normalmente compartilhada por várias famílias), que deveria ser esvaziada de tempos em tempos pela “*vidange*”⁶⁵. É neste período que o banheiro se incorpora à estrutura arquitetônica do espaço doméstico como o conhecemos definitivamente hoje.

Los adelantos de la ingeniería sanitaria - que ya llevaba un dilatado proceso de experimentación en Europa y Estados Unidos- permitieron en el medio local [a Argentina] un progresivo control de las condiciones de provisión, eliminación y aclimatación del agua dentro las viviendas. Este proceso recién se va a consolidar a fines del XIX, cuando la dispersión

⁶⁵ Essa realidade que Guerrand comenta sobre Paris se repete com as suas particularidades tanto na Argentina como no Brasil. No Brasil observamos que “*O início da intervenção coletiva para a solução dos problemas de saneamento da cidade do Rio de Janeiro data de meados do século XIX. Até aquela data o abastecimento da cidade havia sido feito por carregadores escravos e/ou bicas públicas associadas a captações isoladas, como as dos rios Carioca Comprido e Maracanã. O esgotamento, por sua vez, havia sido efetuado através dos ‘tigres’, escravos que, à noite [destaque nosso], carregavam tonéis de excretas das habitações até o mar, lançando-os em frente ao largo do Paco.*” (Marqués, 1995;55); por outro lado, na Argentina: “*El uso de pozos ciegos que una vez llenos se vaciaban con carros atmosféricos, seguía siendo la alternativa más difundida en las casas más pudientes, mientras que en las de menores recursos, la usanza era cavar un segundo pozo, inmediato al primero, destinado a recibir el sobrante de éste. Hubo casos en que llegaron a abrirse hasta once pozos negros debajo de una misma casa, a pesar de que estas “sangrías a las letrinas” habían quedado expresamente prohibidas por el municipio en 1871. Recién en 1895, la comuna prohibió la excavación de pozos negros.*” (TARTARINI 2002; 30)

de las actividades de aseo y cuidado del cuerpo, se concentre en el “cuarto de baño”. Por su parte, las letrinas serán reemplazadas por el “water-closed”, ya no externo, sino interno a la vivienda, aunque su ubicación original se extenderá hasta avanzado el siglo XX. (TARTARINI, 2002; 41)

Essas experiências se espalharam rapidamente, e a influência inglesa não ficou só na Europa, mas chegou rapidamente em países periféricos como a Argentina (no processo modernizador, de crescimento econômico e estabelecimento do estado-nação⁶⁶), como também no Brasil (no mesmo processo modernizador, de revolução dos centros urbanos e crescimento demográfico⁶⁷), como veremos a seguir.

Em definitivo, e como já adiantamos, no século XIX se passou do “tout à la rue” característico da idade média para o “tout-à-l'égoût”,

⁶⁶ “Gran Bretaña, marcaba en la década de 1880 -tanto por sus emprendimientos como por sus innovaciones en materia de artefactos- el rumbo de la ingeniería sanitaria y la mayoría de los países europeos seguían sus pasos. A comienzos de la década de 1870, para el proyecto y ejecución de este vasto plan sanitario, del estudio del ingeniero inglés John F. Bateman (...) constituye una prueba de estos anhelos que recurrían a la experiencia y el saber de los países más avanzados en el tema. No obstante, fue sólo al final del siglo XIX, cuando, salvados innumerables contratiempos e interrupciones, el plan trazado comienza a dar sus primeros resultados. Precisamente en el inicio del proceso de metropolización a que se vio sometido Buenos Aires en aquellos años.”(TARTARINI, 2002; 30).

⁶⁷ “A medicina social do século XIX esquadrinhou a cidade, indicando ao Estado o caminho do controle das epidemias e da produção de uma cidade higienizada e ordenada. Utilizando a feliz expressão de BEGUIN (1991), o higienismo preparou a implantação das ‘maquinarias inglesas de conforto’, introduzindo as formas sutis de exercício do poder características da sociedade moderna. No caso específico do Rio de Janeiro, a importância da ação organizadora crescia enormemente. Tratava-se de cidade portuária estratégica para a economia agroexportadora, núcleo da gestão administrativa, porta de entrada do Império e centro incontestável do país sob os pontos de vista ideológico e simbólico.” (MARQUÊS, 1995;57)

ícone subterrâneo da modernidade⁶⁸. Os trabalhos de historiadores da saúde urbana centram os primeiros avanços nas capitais latino-americanas como Rio de Janeiro e Buenos Aires, mas graças a alguns bons trabalhos da história da saúde urbana de Florianópolis e Córdoba, podemos chegar numa boa ideia de quando é que chega exatamente essa tecnologia que modificará as práticas cotidianas de higiene, e que começam a centrar práticas, rituais, símbolos, sentidos, etc., num espaço determinado a partir de um conceito de privacidade (e corporalidade) também particular e novo, até aquele momento inédito⁶⁹. Nesse sentido podemos ter uma ideia bastante clara sobre a chegada dessas mudanças nas nossas cidades pesquisadas. Os trabalhos de Adrián Carbonetti (2007) e María Luisa TORRES FLORES (2008, 2010) sobre a situação de Córdoba desde a década de 1880 até 1910, como também os trabalhos de Diana GERBER (1998) e STEFANELLI (2016) respeito à situação de Florianópolis de 1890 até 1930 documentam e situam as primeiras grandes obras de abastecimento de água e criação de esgotos (muitas vezes metro por metro, ou quilômetro por quilômetro). Esses trabalhos relatam com extremo detalhe como foi o avanço das redes invisíveis que mudaram a nossa higiene cotidiana, impactando em novas formas de cuidado do corpo, e assim também, como resgatamos de Vigarello anteriormente, uma nova intimidade. É que nesse momento a cidade não se depara apenas com uma nova forma de circulação da água, senão com uma nova forma de circulação de sentidos. Deste modo, e entendendo essa história material, mas também simbólica, entre o aço e a deusa Higía, entre a saúde e a doença, entre a água e os poros, é que se situam fluídos, práticas, rituais (por que não?), etc., nesse espaço que hoje conhecemos como *banheiro*. Mas para não desviar mais o nosso debate, é importante compreender que é naquele momento

⁶⁸ Sobre as modificações de Paris no começo do século XIX, Vigarello comenta : *“La transformation n’est pas immédiate. En 1832, par exemple, l’hésitation demeure grande entre investir dans les architectures monumentales et investir dans les machineries invisibles. Le luxe édifiant des façades contre le luxe plus secret, t parfois plus couteux des conduits cachées.”* (VIGARELLO, 1985 ; 194)

⁶⁹ *“Or, ce que montre aussi une histoire de la propreté corporelle, c’est que l’enjeu est d’accroître une intimité du corps. Une dynamique existe, confirmée déjà à la fin du Moyen Age : alourdissement insensible des autocontraintes « conduisant » la netteté physique au-delà du visible, développement d’un travail de civilisation affinant et différenciant les sensations jusqu’aux moins explicites »* (VIGARELLO, 242)

(entre meados e final do século XIX) que os paradigmas higienistas impulsionam as grandes obras de engenharia que permitiram na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos e inclusive na Argentina e no Brasil (e aqui especificamente nas cidades de Florianópolis e Córdoba), “sedentarizar” as necessidades.

Agora veremos como é que esse novo espaço de cuidado dos corpos se reconfigura na tensão entre a moral vitoriana e o avanço do capitalismo, quando a mulher chega no espaço público, e como essa medida é representativa da lógica inclusão/exclusão, e de como num momento determinado uma medida “inclusiva” (por conta da sua própria lógica segregacionista) gera também exclusões sociais específicas.

2.3. SITUANDO A DIVISÃO: A CRIAÇÃO DO BANHEIRO “FEMININO” (E O SEU EFEITO, O BANHEIRO “MASCULINO”)

Entendendo o dever material do banheiro compreendemos a sua inclusão nas estruturas “interiores” (domésticas e públicas, nas palavras de Guerrand “*W.C. à l’interieur*”), mas isso ainda não explica a divisão atual dos banheiros, onde podemos começar a perguntar como funciona a divisão empiricamente no decorrer da história?

Aqui os trabalhos de Barbara PENNER (2001) sobre a instalação de banheiros públicos para mulheres no começo do século XX em Londres, os de Terry KOGAN (2007) sobre a origem da separação legal dos banheiros a partir das leis trabalhistas do século XIX nos Estados Unidos, como também o indispensável “Queering Bathrooms”, de Sheila Cavanagh, talvez possam nos ajudar a compreender o mesmo fenômeno nas cidades pesquisadas⁷⁰.

⁷⁰ Tentamos descobrir material sobre os países ou das cidades pesquisadas, mas até o momento foi impossível achar fontes e documentos da época sobre a regulamentação da divisão de banheiros nos países e cidades pesquisadas, que além de exceder o objetivo do presente trabalho, representaria uma pesquisa em si mesma. Entendemos que o material produzido na Inglaterra e nos Estados Unidos permite de forma bastante clara compreender como foi o desenvolvimento em termos gerais e permite também imaginar o movimento nas nossas regiões (sobre tudo levando em conta que no processo modernizador os países “periféricos” olhavam de perto todos os movimentos dos países “centrais”). Não queremos dizer com isto que é suficiente hipotetizar o processo só a partir das pesquisas desenvolvidas na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas entendemos que

Nos três autores observamos um ponto de partida que justamente (e em concordância com a proposta de Lacan, (1966) se afasta da percepção objetivista para compreender a questão de uma perspectiva mais simbólica.

Nas duas primeiras propostas, os autores procuram afastar-se da percepção substancialista do fenômeno tentando rastrear nas estruturas simbólicas de uma época determinada (nos três casos na moral da era vitoriana) os fundamentos do estado atual das estruturas arquitetônicas contemporâneas. Mas, antes de avançar numa discussão mais epistemológica, tentaremos compreender melhor a questão e ser mais específicos na proposta: é no encontro de, por um lado, as tecnologias, os materiais e os paradigmas higienistas (relatados anteriormente), e por outro, o desenvolvimento do capitalismo e a moral vitoriana e burguesa do século XIX, que finalmente *os banheiros irão se estruturar numa divisão heteronormativa (na dialética feminino/masculino)*. Mas vamos mais devagar para logo voltar, sobretudo nos exemplos de Penner e Kogan.

A chegada dos banheiros (com a chegada da água subterrânea) se deu num processo em conjunto com um capitalismo crescente que, ao mesmo tempo em que criou as esferas ideológicas separadas (a partir da separação do *locus* de trabalho e a vivenda), demandou uma *organização proletária*⁷¹ para melhores condições de trabalho, principalmente para crianças e mulheres. É assim que, como bem relata Terry Kogan (2007), no devir das leis trabalhistas que procuravam limitar a exploração burguesa das mulheres e as crianças proletárias, os banheiros irão ser regulados nos Estados Unidos, dividindo o uso a partir de uma leitura corporal (ou seja uma leitura biológica dos corpos, dividindo eles entre bio-homens e bio-mulheres). Mas é o processo do crescente capitalismo em conjunto com um paradigma realista, mais a moral vitoriana sobre a “verdadeira condição de mulher”, que os banheiros irão se compartimentar a partir da “biologia”, sobretudo pela “hegemonia” da ideologia das “esferas separadas”. O processo é complexo, mas a discussão na realidade é sobre sujeitos políticos e espaço público. Qual é o lugar da mulher na nova sociedade? A tensão

para o objetivo do presente trabalho esses trabalhos permitem a compreensão geral do fenômeno.

⁷¹ Como veremos na continuação, fundamentalmente a partir dos trabalhos de Terry KOGAN (2010), é nos pacotes das primeiras leis trabalhistas que se gera a divisão, com o principal objetivo de “cuidar” das mulheres e crianças da exploração capitalista.

entre aqueles discursos (a moral vitoriana, o paradigma realista da época, e o avanço do sistema de produção) parece que encontra uma solução simples a partir da criação de muros que objetivaram uma série de fronteiras simbólicas:

(...) the first laws mandating sex separation of workplace toilet facilities at the end of the nineteenth century were rooted in the "separate spheres" ideology of the early century, an ideology that considered a woman's proper place to be in the home, tending the hearth fire, and rearing children. By the end of the century, the separate spheres ideology had been filtered through the science of the realist movement, the public health concerns of the sanitarian movement, and the vision of modesty embraced by late Victorian society. Nonetheless, the legal requirement that public restrooms be sex-separated owes its origins to the early nineteenth century ideology that advocated a cult of true womanhood, a vision of the pure, virtuous woman protected within the walls of her domestic haven. (KOGAN, 2010; 5)

Uma argumentação análoga sobre a “condição feminina” encontramos no escândalo que representava um banheiro feminino público no caso do bairro do *Camden Town* de Londres, caso que é relatado por PENNER (2001) no início do século XX. Imaginemos que é justamente na Inglaterra, no berço do “plumbing” (com um crescente movimento sufragista), onde essas tensões também começam a emergir. Como também resgata KOGAN (2010) sobre a ideologia das “esferas separadas”, para Penner o ideal vitoriano da mulher impõe divisões estritas (fundamentalmente expressas nos espaços públicos e domésticos), que em definitivo funcionavam como formas de segregação urbana, fortemente impulsionadas por uma arquitetura que tenta resolver objetivamente a organização simbólica própria da época. E isso não é um problema “menor”, senão que, de fundo, observamos um grande debate político sobre espaço público e sujeitos políticos:

If we accept the role of everyday space in shaping personal and collective experience, then the fight over the construction, location and visibility of the Park Street lavatory does not appear marginal or unimportant. Instead, we see

such a debate as being necessarily political, involving issues such as access and mobility, as well as a more complex set of social relations. On a basic level, as the Vestrymen well knew, the presence or absence of a female lavatory on Park Street sent local women a powerful message about their right to occupy and move through the streets of Camden Town. Moreover, by its very nature, the debate over the lavatory's construction contested prevailing cultural notions of privacy, decency and femininity, concepts which are not stable but are open to redefinition within certain, historically specific limits. (PENNER, 2001; 37)

É a partir desta ótica que podemos pensar a divisão do banheiro público como um ícone de uma época que, ao mesmo tempo em que resolvia grandes mudanças de cara às novas sociedades modernas, tentava conciliar uma moral rígida com valores que começavam a declinar e com novos ritmos de produção e organização social das forças produtivas e de consumo (a circulação dos sujeitos políticos na cidade). A ótica histórica revela, ou pelo menos ajuda a compreender, que algumas das nossas práticas e espaços (seja ou chegar num banheiro, que numa primeira vista pareceriam estar reguladas pela força “natureza”, pela objetividade da técnica, ou pelo pragmatismo “antipolítico”) foram produto de alguns debates e decisões de uma conjuntura histórica particular, e que do mesmo modo (para não dizer pelo mesmo arbítrio cultural) que foram criados, poderiam ser tranquilamente modificados. De algum modo surpreende que estruturas criadas quase que por acaso, num momento determinado (por outro lado recente na nossa história), demandem tanto esforço para serem modificadas atualmente. Ou seja, banheiros que resolveram um problema conjuntural da tensão entre a moral vitoriana e as forças produtivas e de consumo nos inícios do século XX, continuam criando e recriando fronteiras de gênero rígidas:

Eventually public toilet facilities were built for women in the late 1800's and early 1900's. Although public lavatories for women enabled the so-called 'genteel' sex to frequent the city streets of London and Paris for longer periods of time (and to shop, as retailer Timothy Eaton of Toronto insisted women needed to do

for capitalist accumulation and profit in the early 1900's), they functioned to create a rigid, architecturally imposed gender divide that is still with us today (CAVANAGH, 2010; 28).

Por último é interessante observar uma lógica que poderia tranquilamente ser observada em outros espaços (ou que assinala um problema a qualquer movimento político “emancipador”). A divisão do banheiro obedece a um grande esforço de inclusão da mulher no espaço público no devir do século XX. Aquele sujeito político emergente que consagrará pouco depois, com o movimento sufragista como ícone da primeira onda do feminismo, o avanço no espaço público (espaço pelo qual briga até hoje), implica atualmente uma segregação de outros sujeitos políticos emergentes como são as populações Trans ou não binárias, entendendo que a irrupção da mulher no espaço público significou questionar o “universal masculino”, mas propondo uma alternativa dicotômica. Essas populações, esses sujeitos políticos que escapam, ou tentam escapar da lógica binária, não são contemplados ainda hoje e paradoxalmente parece que brigam pelo mesmo direito ao espaço público que brigaram as mulheres do século passado. É por isso que resulta contraditório, neste marco, a posição de algumas linhas das chamadas feministas TWERF ou TERF, que resgatamos no começo do trabalho. Em nome da “segurança” da mulher, ou pegando o banheiro como ícone de uma batalha feminina ganhada (sem dúvidas) ao patriarcado, excluem (ou tentam excluir) do espaço público uma faixa da população que provavelmente é a das mais afetadas pelas estruturas segregacionistas e violentas do patriarcado. De algum modo um sujeito político “hegemônico” num começo masculino, acha uma batalha contra um outro sujeito político “hegemônico” (dentro das minorias), que fala em nome do universal feminino, e não contempla uma vítima do patriarcado que não seja mulher, nos mesmos termos que o patriarcado a designou.

A partir destes aportes quiçá as reflexões de Beatriz Preciado (2010) sobre os banheiros públicos como mini-panópticos de gênero sejam mais claras. Se uma das razões fundamentais da criação de banheiros separados por sexo foi um sentido de verdadeira condição feminina (e em oposição a uma verdadeira condição masculina), é entendível que nesses espaços os corpos mais que se desfazer dos lixos se façam de gênero. Finalmente fica a pergunta de onde irão as pessoas que não se adequam aos critérios originais de classificação da

“verdadeira condição feminina” como o caso de “La Monja” no começo deste trabalho. Qual é o destino destas pessoas?

3. SUJEITOS/ ESPAÇOS

3.1. PIAF, DO BANHEIRO AO FUTEBOL⁷²

Como elemento constitutivo da identidade, o futebol aparece como um sintetizador da identidade nacional e da identidade de gênero, na Argentina e no Brasil. Poderíamos dizer que o futebol é para a masculinidade argentina (e brasileira) um elemento indispensável. Nos anos 1990, as coisas mudavam drasticamente em relação aos anos 80 da Argentina e obviamente de Córdoba. A abertura democrática demonstrou a sua fraqueza para resolver os problemas da população argentina no começo dos anos 90 e o neoliberalismo penetrava fortemente não só nos restos de uma economia pseudo-keynesiana, senão também, e principalmente, na ideologia popular. Um longo período de decadência sociocultural impactaria até no esporte de orgulho nacional: em contraste com a copa do mundo de 1986, a década de 90 seria caracterizada pelo fracasso da seleção nacional. Enfraquecido o esporte na constituição da identidade nacional, este parecia também sofrer mudanças no seu efeito, ou na prática: na constituição da masculinidade.

Santiago Merlott era um homem Trans em transição no final dos anos 90 e fazia parte de um submundo composto por jovens caminhoneiras e Trans que, seja por rejeitar uma feminidade hegemônica, seja por abraçar uma nova masculinidade, ou simplesmente para se divertir, aos domingos jogavam futebol no parque de Córdoba. Lésbicas e Trans jogando futebol era definitivamente um novo elemento na paisagem urbana de Córdoba, que até a época só tinha visto as destrezas dos homens. Naquele contexto de mudanças sociais, o jovem Santi de 18 anos chegava a Córdoba do interior do estado, através da típica migração estudantil. A cidade, o seu anonimato, as informações, os espaços, tudo, apresentaram-se como uma porta à liberdade. Aqui o futebol era mais um espaço apropriado onde achava que poderia viver a sua identidade com liberdade. Não obstante, aquele paraíso de liberdades começaria a demonstrar os seus limites, inclusive dentro desse pequeno universo identitário do qual se achava parte.

Um desses domingos, após uma longa noite, Santi foi jogar futebol no parque com a esperança de alegrar o domingo depois de uma noite de violência. O único problema foi que ao chegar ele percebeu que naquele jogo participariam as mesmas pessoas que na noite anterior o

⁷² As entrevistas que deram origem ao presente relato se encontram no item 4.4 Apêndice C entrevista Santiago Merlott: La Piaf.

humilharam de uma forma absurda. Tentou manter a calma e se apropriar do jogo do mesmo modo que tinha feito antes. Só que depois de alguns minutos escutou algo que lhe ressoou a noite anterior: “que se faz de macho, se tem [entre as pernas] o mesmo que a gente”. Isso ele não suportou. Saiu do jogo. Naquele domingo uma boa parte da ingenuidade da juventude de um menino Trans encontraria lugar.

Tudo começou na noite anterior na boate Piaf, chamada assim em homenagem à cantora francesa. La Piaf também era um desses espaços de liberdade que se abriram para Santi com a sua chegada à cidade. De fato quando Santi começou a sua transição foi só na Piaf que ele, segundo conta, acompanhado do seu amigo Mauro Cabral, começou a se fazer chamar de Santiago. La Piaf (como é lembrada até hoje) ainda mantinha tradições antigas das primeiras boates LGBT dos anos 1980, como a trilha sonora que guiava a noite. Quase como um rito de passagem, a música era o pano de fundo para uma maquinaria de entretenimento noturno LGBT que trabalhava para a recreação, a sedução e a pegação. Para introduzir a noite, La Piaf colocava músicas tranquilas, seguidas por outras mais enérgicas, que estimulavam a dançar e às pessoas a se conhecerem, para finalmente tocar as “lentas”, em que as pessoas – e os corpos – se aproximavam, com mais intimidade, para finalmente (e como um efeito de eficácia ritual, quase mágico que unia os corpos), se tudo der certo, ir dormir acompanhado ou acompanhada.

Naquela noite do ano 1997, Santi foi na Piaf em busca de mais uma daquelas experiências intensas que tinham se aberto para ele com uma intensa sensação de liberdade, que até tinham lhe permitido um novo nascimento com um novo nome. No começo da noite, ele foi no banheiro para se arrumar para as meninas que tentaria seduzir aquela noite, ainda achando que o banheiro feminino, que ainda frequentava, era um lugar onde aconteciam seduções.

Enquanto se olhava no espelho, escutava mais pessoas falando, mas ainda não tinha noção de que falavam dele. Um grupo de três lésbicas dentro do banheiro e duas cuidando da porta mudariam a sua noite. Só a partir dos primeiros insultos percebeu que aquelas falas estavam dirigidas para ele: “que se faz de macho se tem [entre as pernas] o mesmo do que a gente”. Com a cumplicidade do grupo, uma “caminhoneira” (mote da época para uma determinada estética lésbica) buscava incomodar a Santiago. Ele não imaginava que as coisas aconteceriam do jeito que finalmente se sucederam e tentou ingenuamente fugir das pessoas. Santi evitou os olhares e tentou sair rapidamente do banheiro, onde imediatamente foi impedido por uma

mão pouco amistosa no peito, acompanhada de um “aonde tu vai?”. Ele se desculpou e tentou tranquilizar a situação com palavras torpes e pouco eficientes. O clima rapidamente virou numa cena violenta com gritos “Tira essas calças! Tu tem o mesmo do que a gente entre as pernas!! Tenta demonstrar se tu é Santiago... Santinho! Vamos ali, tenta demonstrar o que tu é”. Foi só ali que Santiago percebeu que a situação ficaria violenta realmente. Naquele momento sentiu uma solidão extrema no mundo. Porque a realidade é que ele não tinha forma de reagir. Mas a violência não era tanto o castigo físico, mas uma correção identitária. O que finalmente se apresentaria naquela sequência era uma mensagem clara da ansiedade que despertava um homem Trans num “ambiente lésbico”. Rapidamente duas daquelas caminhoneiras começaram a empurrar Santi para um dos cubículos privados do banheiro. Já naquele momento e sabendo que ele não tinha opção, concentrou-se em esperar que tudo passasse o mais rápido possível, só que ainda não sabia o que aconteceria. Ao grito de “Mostra o que tu tens ali filha da puta” tiraram as suas calças à força. A sequência musical cotidiana da Piaf foi substituída aquela noite definitivamente por uma série de insultos e gritos sem solução de continuidade, ao ritmo de uma humilhação absurda. Não contentes ainda com inspecionar entre suas pernas, tiraram também a sua camiseta para inspecionar os seus peitos: “Já viu? Tu tens o mesmo do que a gente!”

Enquanto relata, Santi faz uma pausa para esclarecer: “eu não ia no banheiro masculino justamente porque no banheiro feminino me achava mais segura. Quicá se eu estivesse no banheiro masculino eu iria receber algum insulto ou alguém iria perguntar o que eu fazia naquele local”. A realidade se impunha sobre qualquer coisa. A realidade era que, ainda no local “mais” liberador como o era La Piaf, os Trans não tinham lugar.

Com alguns insultos e golpes a sequência finaliza. Mas o grave não eram tanto os insultos ou os golpes, e sim a humilhação recebida. Santi deixou La Piaf. Com aquela cena uma boa parte da sua ingenuidade da sua juventude Trans se perdeu. As liberdades que se apresentavam como praticamente infinitas começavam a demonstrar os seus limites. Tudo parecia indicar que na “diversidade” também existiam limites e que, dentro das minorias sexuais, ele era parte de uma minoria dentro de outra.

A história aqui contada, se encontra, como a historia de “La Monja” relatada no começo, a partir da experiência de segregação que, concentrada num banheiro público, se exerce sobre as pessoas Trans, Mas a diferença entre um banheiro e o outro é que enquanto um se

encontrava num espaço que poderíamos caracterizar de “opressão” (numa prisão) o outro o poderíamos interpreta-o dentro um espaço de “liberdade” (uma boate LGBT). Embora essa diferença, nos dois encontramos o exercício do poder e da violência contra as pessoas Trans. E aqui podemos perguntar, porque o banheiro concentra forças sociais que segregam a população Trans (inclusive entre as minorias sexuais)? Como se estrutura esse espaço além da leitura histórica do seu desenvolvimento?

Não esperamos brindar respostas fechadas a estas perguntas, mas a continuação apresentaremos uma serie de conceitos chave que, em conjunto com trechos das entrevistas feitas durante a pesquisa, ajudam a compreender o fenômeno analisado. A partir de diversas óticas como o estruturalismo lacaniano, algumas leituras foucaultianas do gênero, algumas análises rituais bourdieuanas ou as formas de classificação lévi-strausseanas, tentaremos nos aproximar às experiências das pessoas Trans nesses espaços para buscar compreender as relações que se estabelecem em seu interior.

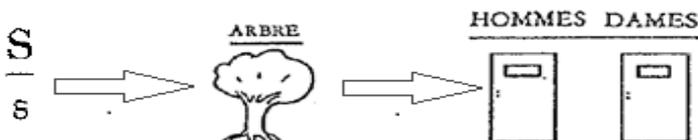
3.2. ÁRVORE = BANHEIRO = PANÓPTICO.

Até o momento, sobretudo no capítulo 2.

ESPACOS/SUJEITOS, nossa análise se fez a partir de um olhar mais empírico, do qual observamos o desenvolvimento histórico e material do banheiro, para chegar nas estruturas (arquitetônicas, mas também simbólicas) atuais. Agora gostaríamos de resgatar algumas reflexões mais simbólicas sobre a divisão heteronormativa dos banheiros, que, em concordância com o desenvolvimento histórico anteriormente proposto, permitem chegar logo no material de campo e analisar alguns dos efeitos dessas estruturas, que longe de ser simplesmente muros neutros que se ajustam às necessidades “naturais” (se é possível utilizar esses termos), produzem e reproduzem desigualdades sociais na exclusão de alguns sujeitos. Neste sentido e começando por um dos pensadores mais influentes na questão queremos começar pelas reflexões do Lacan no seu clássico “L’instance de la lettre ou l’inconscient depuis Freud”, de 1966.

É sabido que na sua etapa saussuriana Lacan rompe com a ideia freudiana do inconsciente como lugar dos instintos, do irracional, do “primitivo”, e onde reina uma não-lei, para entendê-lo como um universo simbólico regulado pelas mesmas regras da linguagem, e de fato entendê-lo como uma *linguagem*. Esta concepção do inconsciente

levará, nessa busca, ao antecedente mais remoto dos “toilet studies” no clássico “L’instance de la lettre...” onde Lacan se pergunta sobre as relações entre o significante, o significado e a criação de sentido, e é nesse contexto que, por acaso, propõe o exemplo a partir do que ele chama de “ségrégation urinaire”⁷³. À clássica e fundadora figurinha estruturalista do Saussure S/s (Significante/significado), Lacan superpõe a da árvore sob a palavra “árvore”, para logo sacar a “Linearidade” da produção do sentido a partir de um desenho de duas portas exatamente iguais, que só se diferenciam pelas palavras acima, designando alternativamente “homem” e “mulher” (num retrato “universal” dos banheiros públicos ocidentais masculinos e femininos):



Deste modo Lacan rompe com a ideia de que um significante determinado (árvore) designe um conceito (a árvore) específico, e a ideia final de que um sistema de significantes ira concordar com um sistema de significados. Lacan expõe, assim, como um mecanismo particular *cria o sentido*: é a partir da oposição significante da cima das portas que se cria o significado de abaixo, regulando deste modo a vida pública a partir das leis da “ségrégation urinaire”. O conceito de “porta” pouco importa no exemplo, para dar lugar à distinção superior entre “homens” e “mulheres” (dois status simbólicos e assim políticos com consequências específicas). É assim que o significante não remete à “realidade”, o significante “entra” no significado, chegando inclusive a *produzir* uma realidade (a da segregação urinaria). É verdade que Lacan pouco interesse tinha no fenômeno, mas devemos reconhecer-lhe, como assinalamos na introdução, e mesmo aleatoriamente, a inauguração isolada das reflexões sobre os banheiros como espaços estratégicos que revelam estruturas (neste caso simbólicas, mas também políticas, estéticas e espaciais). A escolha de começar as reflexões deste capítulo

⁷³ “... dans l’image de deux portes jumelles qui symbolisent avec l’isolement offert à l’homme occidental pour satisfaire à ses besoins naturels hors de sa maison, l’impératif qu’il semble partager avec la grande majorité des communautés primitives et qui soumet sa vie publique aux lois de la *ségrégation urinaire* [destaque nosso].”(LACAN, 1966 ; 500)

com Lacan não é simplesmente para render tributo ao aclamado pensador, senão recuperar que tão eficiente é o aporte que permite, ainda hoje, compreender como a *ségrégation urinaire* pode ser compreendida mais como o produto de uma distinção simbólica do que das diferenças instaladas na objetividade, criando inclusive uma realidade particular. Poderíamos inclusive, e levando radicalmente a sua hipótese, pensar que é por meio deste mecanismo simbólico (em conjunto com outros) que os sujeitos políticos chamados de “homens” e “mulheres” são criados. Em concordância com a proposta histórica anteriormente desenvolvida foi justamente a interseção entre estruturas culturais e simbólicas (a moral vitoriana e o dever moderno da mulher no espaço público) o que levantou o muro entre os banheiros de homens e os banheiros de mulheres. É assim que o pensamento de Lacan concorda com os desenvolvimentos históricos da questão. A sua estrutura teórica permite entender como, quiçá, o/s “significante/s” (as distinções vitorianas de homem/mulher) não remetem a uma “realidade” objetiva (a existência dicotômica na que se reduz a totalidade das corporeidades sociais), senão que o significante, “ingressando” no significado, produz uma realidade (da segregação urinária). Assim também poderíamos dizer (adiantando um pouco a proposta de Beatriz Preciado) que, para a criação das masculinidades e as feminidades contemporâneas, os banheiros funcionam como tecnologias disciplinares fundamentais (logo descritas como mini-panópticos). Mas a questão não é menor, no sentido de que a proposta não representa simplesmente uma sofisticação teórica. O que se joga no final das contas é que se realmente aquela realidade é produto de uma organização social particular que responde a um arbitrário de uma estrutura simbólica, e nesse sentido como foi relatado no capítulo anterior, insistimos, à contingência histórica, entendemos que é possível mudar essa realidade (principalmente se gera problemas desnecessários, como são a violência exercida nos sujeitos que não se adequam ao sistema classificatório).

Como sugere Lacan, e como acompanhamos com o material histórico produzido sobre a temática, a *ségrégation urinaire* é produto das *estruturas simbólicas* que têm o potencial de *criar realidades objetivas* e, desse modo, determinar sujeitos políticos a partir de classificações, nomenclaturas ou compartilhamentos. E aqui, partindo deste ponto, podemos resgatar a noção de Beatriz Preciado quando, analisando o banheiro, entende este como um “mini-panóptico de

gênero”⁷⁴ já que atua a partir de uma dimensão simbólica, regulando a objetividade da circulação dos corpos no espaço público para o reconhecimento político dos “homens” ou das “mulheres”, e deste modo proibir (ou pelo menos limitar o acesso) aos sujeitos que não se ajustem à economia significativa que organiza a vida social. E o mecanismo atua, como o panóptico original, de várias formas, desde a “obscenidade” dos muros até a “sutilidade” dos **olhares**. De fato achamos que a noção de “panóptico” se ajusta perfeitamente à tecnologia “disciplinar” (em termos foucaultianos) dos banheiros, onde a distribuição dos corpos e o controle dos olhares que descentraliza o poder, atuam quase como descreve Foucault sobre o protótipo do Bentham: *“Dispositif important, car il automatise et désindividualise le pouvoir. Celui-ci a son principe moins dans une personne que dans une certaine distribution concertée des corps, des surfaces, des lumières, des regards [destaque nosso]”* (Foucault, 2004; 203). O que faz o banheiro se não é justamente distribuir concentradamente os corpos, as superfícies, as luzes e os olhares?

A continuação reproduzimos algumas entrevistas onde se expressa como tanto os olhares como os comentários, regulam a circulação (ou melhor, a segregação) dos sujeitos em questão⁷⁵:

Shu, homem Trans de 30 anos:

“... *Quantas vezes eu fui entrar no banheiro e ‘Ó moço! este banheiro aqui não é o teu, não! É ali, vai pra ali!’ Eu já passei isso. Mas nunca o contrário, no banheiro masculino nunca falaram [isso]. Mas [no banheiro*

⁷⁴ Sobre as lógicas opostas e complementares da divisão no banheiro público Beatriz Preciado assinala: *“Mientras el baño de señoras opera como un **mini panóptico [destacado nosso]** en el que las mujeres vigilan colectivamente su grado de feminidad heterosexual en el que todo avance sexual resulta una agresión masculina, el baño de caballeros aparece como un terreno propicio para la experimentación sexual.”*(PRECIADO, 2010; 3)

⁷⁵ O item “3.3. Enquete Laura Moyano 2017” que reproduz os resultados das enquetes feitas no marco do presente projeto, achamos que se relaciona fortemente com este ponto. Nos resultados à pergunta N° 5. *¿Sentís o sentiste alguna vez discriminación en los baños públicos?* se expressa como justamente como o banheiro pode regar a circulação dos sujeitos, pelo menos não contemplando as pessoas Trans dentro das suas estruturas, o que se observa na experiência explicitada de “discriminação”.

masculino] olhares sim! Tipo balada, quando tem fila gigantesca no banheiro masculino, e a galera já muito louca, nessas raves. É apavorante! Pra mim é apavorante! O momento do banheiro, porque tantos olhares e ‘eu aqui’ (...).” (Florianópolis, 23 de agosto de 2017)

Eri, homem Trans de 26 anos:

*“Hoje em dia é complicado. Antigamente não, mas hoje em dia é mais complicado. Hoje em dia tu entra no banheiro e daí **as pessoas te olham** [destaque nosso] : “áí esse banheiro aqui é feminino”, e daí eu: “eu sei”. Daí eu pego e entro assim. E elas fingem que não e comigo. É complicado. Uma vez a minha esposa entrou no banheiro comigo aqui no TICEN, e daí a senhora ficou olhando, olhando, da cima pra baixo, e eu pensava ‘nossa, ela vai olhar muito’. Todo... a diário. Já me estou costumando com esses olhares, é normal. Sempre que tu entra no banheiro feminino as pessoas sempre te olham com aquela cara tipo: ‘que bicho é esse aqui dentro?’ (...)*

Mas porque tu não entras diretamente no banheiro masculino?

*Eu acho que... eu acho que eu tenho mais medo **dos olhares masculinos** [destaque nosso] do que [os femininos]... porque geralmente as mulheres só te olham, [tu] tens que falar bem e é isso. Com os homens eu acho que... não sei, eu nunca passei pela experiência então eu tenho um pouco de receio, sabe? De não só o olhar, de [eles] falar algo, tu sabe? Eu acho que no feminino tem mais respeito do que no masculino. Mas eu nunca passei, né? Por ter medo, por ter receio.*

(...) Eu acho que vou me sentir mais a vontade depois da transição. Eu vou me sentir bem mais a vontade para entrar no masculino. Eu acho que no início da transição não vou entrar em nenhum dos dois, vou evitar que nem fazer na escola. Mas depois de eu me costumar eu vou ir no masculino (...)

Mas tu costumavas utilizar o banheiro cada vez que tu tens vontade? Ou tu tentas evitar o banheiro público?

Não, ultimamente não tenho evitado. Já me acostumei com olhares das mulheres, [destaque nosso] sabe? Já me acostumei porque geralmente elas não falam nada. Só olham (...). (Florianópolis, 21 de setembro de 2017)

Javier, homem Trans de 22 anos:

¿Nunca tuviste problemas con eso? ¿Que te digan algo, que puedes pasar, o no [no banheiro]?

Te miran medio raro [destaque nosso]. Yo por ejemplo me cambio en el baño de hombres. Me ducho. Todavía no tengo el cuerpo preparado. “No me hagas bajarme los pantalones ahora, porque estamos en un lugar público.” (...). Y cuando voy a mear voy al de minas. (Córdoba, 21 de julho de 2017)

Mas esse “olho público” que distribui, localiza, confirma e finalmente consagra o gênero, também é articulado com o panóptico foucaultiano desde o *próprio olho do sujeito que finalmente se “autovigila”* através de um espelho (simbólico, mas como veremos também objetivo), seja para a produção e reprodução da masculinidade como da feminilidade. Isso significa que quando assinalamos o “olho público” não falamos simplesmente de coerções externas, senão em lógicas que operam no conjunto da sociedade (incluídas as pessoas Trans). Nas palavras de Foucault:

L'efficace du pouvoir, sa force contraignante sont, en quelque sorte, passées de l'autre côté — du côté de sa surface d'application. Celui qui est soumis à un champ de visibilité, et qui le sait, reprend à son compte les contraintes du pouvoir; il les fait jouer spontanément sur lui-même; il inscrit en soi le rapport de pouvoir dans lequel il joue simultanément les deux rôles; il devient le principe de son propre assujettissement. (FOUCAULT, 2004 ; 204)

É deste modo em que o mesmo Foucault, falando do panóptico como forma “ideal” do exercício do poder nas sociedades disciplinares, consegue retratar as lógicas que operam dentro de um banheiro, uma tecnologia arquitetônica produzida dentro do paradigma disciplinar que não escapa às suas lógicas. Aquele sujeito submetido a um campo de visibilidade, toma na sua conta as constrições do poder, e sem precisar uma regulação externa, ele mesmo aplica o jogo do poder⁷⁶. No trecho abaixo observamos um ponto de encontro tão complexo como interessante a partir da articulação do banheiro, o olho público operado a partir de um espelho, e o que vimos analisando a partir da reflexão do Foucault:

Alejandra, mulher Trans de 44 anos:

*“Una sola vez hice pis parada. Ahora de grande. Venía de la casa de un amigo. Y ¿viste cuando no das más para hacer pipi? Y paramos en una estación de servicio y fui al baño de mujeres y era un verdadero asco. Y, salí enojada. Viste cuando decís ‘no hay forma’. Y no daba más de las ganas de hacer pis. me acuerdo patente que **fue tan chocante, tan insultante, porque encima mientras yo hacía pis estaban los espejos y yo me miraba [destaque nosso]**. Fue tan feo... Fue tan feo, tan contra mi naturaleza. Y sali enojada y Maxi, mi amigo del alma, le digo ‘podes creer que tuve que hacer pis parada’. Y ¿qué dijo el desubicado [outra pessoa que estava ali]? ‘ay*

⁷⁶ O item “3.3. Enquete Laura Moyano 2017” que reproduz os resultados das enquetes feitas no decorrer do presente projeto, achamos que se relaciona fortemente com este ponto, sobre tudo nos resultados à pergunta N° 6. *¿Modificarías la organización actual de los baños públicos (dividido en H/M)?* Aqui, mesmo com as suas limitações (expostas no mesmo apartado) observamos como as lógicas das estruturas dominantes são incorporadas pela mesma população, participando de algum modo na mesma economia significativa que oprime a eles/elas mesmos/as. É dizer à pergunta muitas justificativas (não registradas nos resultados, mas que explicitamos no capítulo particular destinado as enquetes) falavam da falta de educação para integrar as pessoas Trans nos banheiros públicos, mas não questionavam a divisão dicotômica dos espaços.

bueno tampoco te hagas la mina, si sos un guaso'. Y Maxi se dio vuelta y le encajó una buena trompada. Así que imagínate la convicción que tengo y lo mujer que me siento. Y eso que sé lo que tengo. Y cuando me baño para mí es un grano. (...) (Córdoba, 22 de julho de 2017)

Como observamos no banheiro opera uma lógica que, enquanto distribui os corpos, os observa e controla num poder descentralizado, canalizado no corpo social que circula nesses espaços e que é o encarregado de que cada um “*ocupe o seu lugar*”.

A lógica da organização e da distribuição resulta fundamental. Mas quando observamos a circulação das pessoas Trans nos banheiros públicos, é importante também prestar atenção ao que não observamos, é dizer a “*não circulação*” dessas pessoas também, porque é nessa dimensão, da “*própria sujeição*”, que o poder disciplinar encontra a sua característica principal.

Das diferentes “*portas*” para chegar no banheiro (no sentido de abordar a temática nas entrevistas), muitos dos relatos chegaram na questão falando da escola, o colégio, ou momentos específicos da infância ou a adolescência onde a identidade tencionava práticas quotidianas, sobretudo em ambientes coletivos, fundamentalmente os pedagógicos. Podemos achar, sobre tudo nos relatos sobre as experiências no banheiro das escolas e as instituições educativas, e principalmente antes da “*transição*”, como os banheiros *não* eram parte dos roteiros das pessoas Trans entrevistadas justamente se “*auto segregando*” onde observamos um efeito claro do poder disciplinar:

Sophie, mulher Trans de 22 anos:

Había un baño [en el colegio] en la sala de informática que era como 'mi baño'. Siempre estaba limpio. Yo soy muy asquerosa. Nunca iba al baño de hombres. Nunca [destaque nosso]. Pero nunca. Si el otro estaba clausurado bueno, ahí sí. Y sino, mucho tiempo pedí entrar al baño de profesores. Me decían 'sí' algunos, y otros 'no', porque era el de docentes. (Córdoba, 22 de julho de 2017)

Lautaro, homem Trans de 26 anos:

En el baño sí, antes... Me pasaba en el colegio que no quería ir al baño. Sólo fui al baño en sexto [año] por cuestiones de que ya estábamos mas tiempo en el colegio. No era fan de ir al baño.

¿Y cómo hacías? Porque tenes que mear... en algún momento...

Me aguantaba. No lo había relacionado [en ese momento] con mi identidad. (Córdoba, 13 de março de 2017)

Alejandra, mulher Trans de 44 anos:

¿Y en la escuela nunca te dijeron nada?

No, porque nunca me descubrieron.

Ah, ¿ibas en otro momento?

Claro. Pedía “señorita, ¿puedo ir al baño?” Pedía permiso. (Córdoba, 22 de julho de 2017)

Kittie, mulher Trans de 46 anos:

¿Te hago una consulta. Hasta ese momento ibas a baños de hombres?

*Iba a los baños de varones pero **no iba en el recreo. [iba] cuando estaba sola** [desaqueso]. No me gustaba ir al baño. Sabía que de pronto no podía ir a un baño de mujer, entonces como que me las arreglaba. O aguantaba. Es más, algunas maestras se daban cuenta, porque yo después que entrábamos a clase me iba.*

¿Por qué no querías ir al baño?

Me daba una incomodidad. Porque no me sentía un varón mas. Al contrario. Sentía que no quería ir. Me incomodaba ir.

(Córdoba, 21 de julho de 2017)

Flor⁷⁷, mãe de adolescente Trans:

¿Ha tenido problemas para ir al baño?

⁷⁷ Por pedido do filho da entrevistada, de 14 anos, os nomes da família foram mudados.

No porque en el colegio le prestan los baños los celadores. Y va en la hora de clases. No va a los otros baños. La celadora de él tiene un hijo que es gay, entonces me entendió mucho, y le prestan el baño. Lo hablé yo. Porque en otros colegios te ponen esas excusas, que no hay un tercer baño. Por eso no te aceptan gente trans. Porque no pueden ir a un baño de hombres ni a un baño de mujeres y es todo raro. En ese colegio le dan los celadores. Lo único que tiene ese colegio es natación y él nunca fue. Se quedó libre.

¿Te quería consultar, en otros baños él ha tenido problemas?

Nunca porque él no va al baño. Prefiere aguantarse pero no va a ningún baño. El viene acá nomas. O en la casa de un amigo supongo que sí. (Córdoba, 14 de julho de 2017)

León⁷⁸ adolescente Trans de 14 anos:

Y te quería consultar. El baño también fue importante para vos?

El baño nunca fue un problema para mí porque yo, o sea desde que recuerdo nunca fui al baño en el colegio. Nunca me dan ganas de ir, y menos a las 7 de la mañana. Pero nunca.

¿Y no tenía que ver con que sea un espacio femenino?

Y ahora en el colegio puedo ir al baño de hombres y no voy. O sea por ese lado nunca me causó problemas.

Y ahí con el baño ¿cómo haces?

¿En el baño del colegio? Voy, porque la preceptora mía sabe, porque tiene que saber y me deja ir al baño de preceptores.

(...) Las únicas veces que voy al baño, es para esto. Y siempre al de preceptores. (Córdoba, 19 de julho de 2017)

A partir desses relatos, não precisamos voltar às discussões do século XIX sobre o lugar da mulher na sociedade para entender que o

⁷⁸ Por pedido do entrevistado o nome foi mudado.

problema de fundo é até que ponto outros sujeitos políticos (que escapam à economia significante que organiza a vida social) têm lugar nas nossas sociedades⁷⁹ e como até nas tecnologias arquitetônicas uma sociedade num determinado momento histórico reconhece o status político desse sujeito ou o nega completamente.

3.3. TÍTULOS NOBILIÁRQUICOS: HOMENS, MULHERES E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A seguir achamos interessante observar como opera o anteriormente analisado a partir da influência foucaultiana num nível *subjetivo*, como um reflexo do “olho público”, que em definitivo, gera, cria, e brinda um status particular ao sujeito. Como bem assinala J.P Sartre (1984) “*tem qualidades que nos são dadas somente pelos juízos dos outros*”⁸⁰, é dizer que o reconhecimento público, dos outros, o olho público, no sentido mais vulgar dos termos, gera um status (porque não? *politico*) do sujeito. Ao reconhecer os corpos sob os títulos quase nobiliárquicos de “homens” ou “mulheres”, o olho público cria um sujeito particular que não existiria de um outro jeito. E isso tem uma dimensão contraditória, já que a mesma lógica que não reconhece politicamente um corpo num momento determinado, o reconhece em outro, dotando á pessoa finalmente do reconhecimento público que em algum momento foi negado, sobre tudo quando se analisam dois momentos de um sujeito Trans (antes e depois da transição):

Fernando, homem Trans de 42 anos:

⁷⁹ Neste sentido concordamos completamente com alguns trechos introdutórios do manifesto “Calling all restroom revolutionaries!” (2004): “*The fact is, bathrooms are easier to acces for some of us than for others, and the people who never think about where and how they can pee have a lot of control over how using restrooms feels for the rest of us. What do we need from bathrooms? What elements are necessary to maje a bathroom functional for everyone? To make it safe? To make it a private and respectful space? Whose bodies are assumed in the design of these bathroom? Who has the privilege (we call it pee-privilege) of never needing to think about these issues, of always knowing that any given bathroom will meet one’s needs? Everyone needs to use the bathroom. But not all of us can.*”(CHESS et. All. , 2004; 216)

⁸⁰ Tradução nossa, do original: “ (...) *il y a des qualités qui nous viennent uniquement par les jugements d'autrui*” (SARTRE, 1984;84)

¿Y los baños son una parte importante?
[na transição]

Es complejo. Es complejo. Porque en la otra vida⁸¹, cuando empezás el tratamiento hormonal se comienza un proceso muy andrógino. Porque estás un año en el que quizás te miran y no saben que sos, un chico, una chica. En el colectivo, en la calle, en donde sea (...).

*Y pasas a ser [otra cosa] (...) pero también es el proceso de uno. Es interno. Y por ejemplo a mí me pasó que yo iba al baño de chicas, y cuando llegué a ser un chongo [homem], me paró un guardia en la puerta. Y me di cuenta que había un cambio. **Y te empezás a sentir mejor** [destaque nosso]. Yo ya estaba en un proceso andrógino importante. Lo empezás a sentir en una fila... Te dicen “flaco”. Pero también nos pasa que vas al baño de chicos y tenes miedo que se te note, y que haya una situación de violencia (...) (Córdoba, 15 de julho de 2017)*

Anm⁸², sujeitx não binário, de 31 anos:

Te iba a consultar, yendo directamente a los baños. En toda tu transición, tu experiencia con los baños, ¿cómo lo viviste?

*Entonces, así... Yo solo empecé a cuestionarme el baño cuando empecé a **recibir miradas extrañas** [destaque nosso] en algunos baños. De ahí, algunas personas me miraban extraño. Y yo dije: “que extraño eso”. Y yo también siempre fui de esas personas que si el baño femenino estaba ocupado, entraba al baño*

⁸¹ Falar da “outra vida” é normal quando as pessoas Trans são “forçadas” em falar do seu passado, a maioria das vezes um passado que não gostam de lembrar pelos sofrimentos atravessados nessa “outra vida”. Mas na tensão entre essas duas vidas, a experiência radical de ter sido reconhecidos socialmente como homens ou mulheres, para logo serem reconhecidos pela categoria oposta permite compreender grande parte das lógicas que organizam a vida social.

⁸² Originarix de Colombia, a entrevista foi feita em portunhol.

masculino. Nunca hay nadie allí. Siendo zapatón mesmo. Es que ya fui varias veces siendo zapatón. (Florianópolis, 17 de novembro de 2017)

Nos relatos vemos como a constituição do sujeito opera também em grande parte a partir do “olho público”, e aqui achamos interessante se por um momento, quiçá muito superficialmente, olhamos o ingresso no banheiro como uma espécie de *ato ritual*. Um ato repetitivo e quotidiano onde nossas sociedades “avançadas” produzem e reproduzem a sua própria estrutura social. Onde além de jogar “lixo humano” (com os riscos dessa expressão), numa dimensão simbólica obtemos socialmente um estatuto político particular (ou seja, somos reconhecidos socialmente como homens ou mulheres). Em palavras de Preciado: “*como si hubiera que entrar al baño a rehacerse el género más que a deshacerse de la orina y de la mierda.*” (PRECIADO, 2010; 2). Aqui é importante insistir em entender que no banheiro o que se joga não é simplesmente o direito ao espaço senão o reconhecimento do sujeito na sociedade, muitas vezes a partir de mecanismos quase tradicionais (por não dizer ‘tribais⁸³’). Pierre Bourdieu, criticando alguns estudos clássicos dos rituais, resgata uma dimensão que, achamos, ajuda a compreender o nosso fenômeno, já que o passo pelo ritual esconde a distinção social dos sujeitos que são permitidos de atravessar o mesmo e aqueles aos que é totalmente proibido:

Avec la notion de rite de passage, Arnold Van Gennep a nommé, voire décrit, un phénomène social de grande importance ; je ne crois pas qu'il ait fait beaucoup plus, non plus que ceux qui, comme Victor Turner, ont réactivé sa théorie et proposé une description plus explicite et plus systématique des phases du

⁸³ Aqui longe de querer estabelecer distinções entre “sociedades avançadas” e “sociedades tradicionais”, entendemos que aquela distinção entra em xeque com a análise que estamos propondo. Justamente nossa sociedade, teoricamente organizada a partir da racionalidade e o pragmatismo científico, explicita nestes pontos “obscuros” da organização social como se organiza a partir de lógicas similares às das sociedades chamadas de “simples”, a partir de atos rituais e estratos sociais rígidos de ordem essencialista (o que mais essencialista que saber o destino social de uma pessoa só pela sua “verdade” biológica?).

rituel. En fait, il me semble que, pour aller plus loin, il faut poser à la théorie du rite de passage des questions qu'elle ne pose pas, et en particulier, celles de la fonction sociale du rituel et de la signification sociale de la ligne, de la limite, dont le rituel licite le passage, la transgression. On peut en effet se demander si, en mettant l'accent sur le passage temporel — de l'enfance à l'âge adulte par exemple —, cette théorie ne masque pas un des effets essentiels du rite, à savoir de séparer ceux qui l'ont subi non de ceux qui ne l'ont pas encore subi, mais de ceux qui ne le subiront en aucune façon et d'instituer ainsi une différence durable entre ceux que ce rite concerne et ceux qu'il ne concerne pas. (BOURDIEU, 1984; 58)

Para Bourdieu a clássica noção de *ritual de passagem*, concentrada sobre tudo no passo de “um estado” social para “outro” de um mesmo sujeito, esconde um dos efeitos fundamentais dos rituais, que é o limite estabelecido entre diferentes estratos sociais, é dizer aqueles que podem passar por distintos estados, e aqueles que não. Entendemos que esse limite, de alguma maneira se encontra estabelecido na circulação das pessoas nos banheiros públicos, se entendemos que alguns corpos são classificados e selecionados socialmente para poder chegar no estatuto masculino (confirmado no ingresso em determinados espaços), enquanto outros são selecionados socialmente para chegar no estatuto feminino (estatuto confirmado novamente pela circulação de alguns corpos no espaço específico)⁸⁴. Nos relatos anteriores, como no seguinte de Lautaro, Shu, e de Kitty, observamos como na transição estética que atravessaram na sua transição indenitária, no banheiro

⁸⁴ Uma análise parecida desenvolve Jean Allouch quando assinala: *“Il est à remarquer que ce dispositif introduit une autre différentiation que celle du masculin et du féminin, qu’il fait se redoubler cette différence par celle de l’initié et du non-initié. J’appelle ici quasi pléonasmaticquement (puisque cette définition est donnée par le dispositif lui-même) ‘initié’ celui ou celle qui a admis que le signifiant ne vaut pas comme déictique. Pour lui ou elle cette affaire est entendue; l’initié se fait la dupe du déictique. Il accepte donc d’être localisé homme là où il sait que le signifiant ‘dames’ ne parvient pas à localiser l’être de l’homme.” (ALLOUCH, 1987; 6)*

(como também em outros espaços) se consuma o reconhecimento social do status masculino ou feminino, sobre tudo nos primeiros passos da transição onde também se começa a visitar o “outro” banheiro.

Shu, homem Trans de 30 anos:

E tu lembra a primeira vez que tu foi num banheiro masculino?

(...) Foi faz uns dois anos. Quando eu percebi que a minha aparência estava congruente a eu estar ali. Justamente por causa dos julgamentos, ta ligado? Melhor nem mexer, e ficar quieto. Então eu preferia mesmo, quando eu via que tinha muitos homens, eu preferia [não ir no banheiro masculino]... vendo que eu poderia complicar...

É foda essa escolha de [a] ‘qual [banheiro] vai? Pera aí, que tem muito carro. Essa cara não é muito boa.... Então, Vou me arriscar[no banheiro masculino]?, ou vou aqui[no banheiro feminino]?... Puta... o que que as mulheres vão falar?’ (Florianópolis, 23 de agosto de 2017)

Lautaro, homem Trans de 26 anos:

¿En la escuela ibas al baño de mujeres?

Si.

¿Recordás la primera vez que fuiste al baño de hombres?

Si. Fue obligadamente [destaque nosso]. Estaba en al feria del libro. Antes de visibilizarme. Ya me había cortado el pelo pero... Era una onda andrógina.

Estaba flaco, no necesitaba ni siquiera usar faja.

Estaba en la fila del baño, en la feria del libro, y las señoras de la fila me dijeron ‘no tenes que ir a este baño...’. Me confundieron. (Córdoba, 11 de julho de 2017)

Kittie, mulher Trans de 46 anos:

¿Recordás la primera vez que entraste a un baño femenino?

Si, tendría 14 años. Pero siempre tuve la suerte que me confundían con una mujer [destaque nosso].

La primera vez que fui al baño de mujeres tenía 14 años. Fui al baño porque tenía picardía. En un bar. Fui a tomar chocolate con churros con mi mamá. Y pregunté por el baño y me metí al de minas, ya está a ver qué se siente. Y no había nadie, pero cuando Sali vi entrar una chica y todo bien. Ese fue el primer puntapié. Que me llevó a cada vez intentara ingresar mas.

¿Al pasar desapercibida en esas situaciones confirmabas tu feminidad?

Si, totalmente. Era un punto importante para mí [destaque nosso]... (Córdoba, 21 de julho de 2017)

Mas a lógica não para ali, enquanto vemos que no banheiro se confirma o reconhecimento do status social masculino ou feminino. É importante também levar em conta que, na maioria das vezes, a ansiedade que levanta a presença de um “homem” num banheiro feminino, ou uma “mulher” num banheiro masculino (na realidade um corpo socialmente identificado como masculino ou feminino) parece desestabilizar a ordem social inteira.

Quiçá, podemos observar na segregação social (para não dizer *segregação urinária*, nas palavras do Lacan) da diversidade sexual, especificamente da população Trans, a ansiedade provocada por uma colocada em xeque da ordem social inteira (estável a partir de categorias fixas como as de “homem” e mulher”), na qual funciona a vida social, a partir de uma subversão principalmente estética, mas também e sobre tudo política, da economia significante e sobre tudo *simplificante*, que achamos de um binarismo violento. De fato, a masculinidade e a feminilidade pareceriam até obter um status quase *sagrado*⁸⁵. Neste

⁸⁵ Operando desde uma “verdade” biológica os status de “homem” e “mulher” são categorias sociais quase sagradas que partem de uma leitura particular (“científica”, “biológica”) dos corpos. Por uma interessante análise do corpo como uma superfície sagrada recomendamos: « *Le corps et le sacre Bourdieu Pierre. Le corps et le sacré. In: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 104, septembre 1994. Le commerce des corps. p. 2. : www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1994_num_104_1_3107*

sentido algumas reflexões aportadas, a propósito das formas de classificação, por Lévi-Strauss no “Pensamento Selvagem” podem ilustrar o nosso fenômeno⁸⁶:

Chaque chose sacrée doit être à sa place», notait avec profondeur un penseur indigène (Fletcher 2, p.34). On pourrait même dire que c'est cela qui la rend sacrée, puis qu'en la supprimant, fut ce par la pensée, l'ordre entier de l'univers se trouverait détruit [destaque nosso]; elle contribue donc à le maintenir en occupant la place qui lui revient. Les raffinements du rituel. Qui peuvent paraître oiseux quand on les examine superficiellement et du dehors, s'expliquent par le souci de ce qu'on pourrait appeler une «micro-péréquation»: ne laisser échapper aucun être, objet ou aspect, a fin de lui assigner une place au sein d'une classe. (LÉVI-STRAUSS, 1962;17)

Segundo Lévi-Strauss “cada coisa sagrada deve estar no seu lugar”, senão a ordem inteira do universo (num clássico raciocínio estruturalista) pode encontrar-se em crise. Esta pode representar uma porta de entrada na compreensão da ansiedade que gera um “homem” num banheiro feminino, ou uma “mulher” num banheiro masculino:

Kelly, mulher Trans de 47 anos:

Então eu, na questão do banheiro público... Uma vez tive um problema, lá nos anos 1990, era uma época um pouco mais fechada. Eu estava acompanhando uma amiga, e ali nós fomos entrar no banheiro e ali umas meninas perceberam, e chamaram o segurança. E a gente teve que ficar dentro do banheiro.

⁸⁶ Não podemos aqui obviar o indispensável trabalho de Marilyn Strathern “The gender of the gift”. Nesse trabalho justamente a autora define o conceito de gênero a partir das formas de “classificação” ou em suas palavras, de “categorização”: “By ‘gender’ I mean those categorizations of persons, artifacts, events, sequences, and so on which draw upon sexual imagery upon the ways in which the distinctiveness of male and female characteristics make concrete people’s ideas about the nature of social relationships.” (STRATHERN, 1988; 9).

Então assim... depois daquele dia, eu me privava muito de não entrar. Eu preferia não entrar no banheiro. Eu me fechei muito nessa questão de não querer entrar no banheiro. Depois de tudo isso, eu não ia no banheiro. Eu preferia não ir no banheiro. Tem tudo aquilo de “feminino/masculino” então eu preferia não ir no banheiro. Porque tinha a insegurança de ir no banheiro feminino e acontecer tudo aquilo que tinha acontecido lá. Já tive que usar banheiro masculino, lá também nos anos 1990. Eu não podia usar banheiro feminino então ¿que acontecia? Ali eu ia no banheiro masculino e os homens ficavam, “olha”, criava uma certa coisa, para nosotros e para eles. (Florianópolis, 8 de agosto de 2017)

Ao mesmo tempo, naquela regulação disciplinar, onde “cada coisa” (ou sujeito) deve ocupar “o seu lugar”, observamos efeitos constituintes do sujeito, que o levam também a tomar decisões determinantes na sua trajetória. Vemos assim como levam aquelas situações, por exemplo, às clássicas migrações da população Trans, que assediada na sua comunidade de origem, precisa sair das cidades para começar aquela “segunda vida” que falava o Fernando anteriormente:

Candelaria, mulher Trans de 29 anos:

Yo termine la secundaria y empecé a estudiar comunicación. Y tuve un problema con los baños. Yo en la secundaria iba a un colegio que era muy normado. Había que ir con uniforme, con corbata, camisa, el pelo corto, pantalón y zapatos. Había cierta libertad, pero muy mínima. Cuando fui a la facultad me deje crecer el pelo y tenía rasgos mas andróginos. Y parecía una chica ya, una mujer. Y por ahí yo estaba en una etapa de transición y para mis amigas yo era un amigo gay. Y para los hombres yo era una chica desarreglada. Algo raro para mis amigos. Y yo ya al baño, al baño de mujeres, no podía ir, porque tenía ese sello que en algún lugar era hombre.

Yo al principio a mi identidad la fui descubriendo porque había cosas que yo no sabía. Me veían como una persona (las chicas

como un chico, y los hombres ya como una mujer, o por lo menos un exterior femenino, mas femenino que masculino).

Entonces al baño femenino no podía entrar, y al baño de hombres no me quedaba otra que entrar porque era lo que siempre había hecho desde chica (había ido al baño de varones). Entonces seguí yendo al baño de barones. Yo nunca me había animado a entrar al baño de mujeres.

Entraba al baño de varones y [os homens] se asustaban y decían ‘no, este no es baño de chicas, es al frente’. Y yo como que me quedaba congelada y no sabía que decir. Y pensaba que allá no podía entrar. Y por ahí esperaba que el baño este vacío, y entraba rápido. Nunca pasé a los mingitorios (eso siempre, desde chica, me metí en los baños de compuertas, porque no me gustaba que nadie me vea, ni nada). Hasta que bueno un compañero, se asustaban... se hacían así, como que haces acá.

Yo siempre desde chica viví cosas fuertes. Mi papa falleció, en casa había mucha violencia. Yo siempre aprendí “a buscar una vuelt”. Obvio que la pasas mal, pero yo no dejaba que me torture. Yo le buscaba la vuelta.

Lo que si me molesto fue cuando me lo dijo un profesor. Este profesor era alguien que yo admiraba. Y entré al baño y estaba él. Y él se asustó, y me miró mal. Y me dijo que no era el baño de mujer[es]. Y yo sentí que era una autoridad. Yo no sentía una posición simétrica. Entonces como que me callé la boca y me fui. No pude reaccionar. Entonces, eso sumado a otras cosas mas, es que yo en mi provincia no podía vestirme de chica. Yo me sentía mujer, quería expresarlo y yo no podía por mi familia, mis hermanos, la iglesia (yo iba a la iglesia tambien). (...) (Córdoba, 12 de julho de 2017)

Como se fosse um universo fechado entendemos que na problemática é possível pular de um cantinho para outro o tempo tudo. A inter-relação estabelecida entre todos os componentes

comprometidos na problemática geram certa dificuldade para isolar um elemento dos outros (e a possibilidade de continuar a análise por inúmeras vias). Por exemplo, neste capítulo falamos das formas de regulação e circulação que se fixam a partir de uma arquitetura que obedece e ao mesmo tempo cria (e recria) uma organização particular, para logo olhar o mesmo fenômeno a partir das formas subjetivas de vigilância ou de sujeição das pessoas implicadas, e finalmente analisar formas de reconhecimento político na relação “olho público/subjetividade” (que por outro lado se encontra estreitamente relacionada com as formas de organização e às formas de vigilância e sujeição). Essa dificuldade de isolar elementos foi um grande obstáculo que achamos ainda poderia ser trabalhado, mas que por enquanto (e aceitamos que um pouco precariamente) fechamos. De todo modo consideramos que alguns aspectos apresentados aqui podem encontrar respaldo no seguinte apartado do trabalho que, esperamos, complemente as experiências e relatos de pessoas Trans, de Florianópolis e Córdoba, transcritas acima. Passamos deste modo a analisar alguns dados quantitativos, produtos das enquetes feitas no processo de pesquisa, que complementam o material transcrito acima.

3.4. ENQUETE LAURA MOYANO 2017⁸⁷

Neste item observamos os resultados das enquetes realizadas no âmbito da pesquisa de campo nas cidades de Córdoba (o dia 25 de julho de 2017 durante a *Marcha Laura Moyano*, a partir de agora MLMC⁸⁸) e Florianópolis (o 19 de novembro de 2017 durante a *Parada LGBT*, a partir de agora PLGBTF⁸⁹). A seleção dos eventos foi arbitrária e se baseou somente no potencial de reunir num mesmo momento um conjunto significativo de pessoas Trans. Temos que destacar aqui uma diferença significativa neste sentido, representada pela composição dos eventos: enquanto a MLMC era um evento fundamentalmente Trans (já que é justamente um protesto pela morte de uma mulher Trans), no caso da PLGBTF havia uma concentração heterogênea da população LGBT,

⁸⁷ A enquete aplicada tanto na *Marcha Laura Moyano* em Córdoba (MLMC) como na *Parada LGBT* de Florianópolis (PLGBTF) foi nomeada “*Laura Moyano*”, em honor a *Laura Moyano*, uma mulher Trans assassinada em 2015 e Córdoba.

⁸⁸ MLMC= *Marcha Laura Moyano* de Córdoba.

⁸⁹ PLGBTF= *Parada LGBT* de Florianópolis.

e não somente população Trans (é dizer que as amostras pegadas dificilmente podem ser comparadas)

Entendemos os números a seguir como **possíveis indícios** da problemática, e não entendemos os mesmos como reflexo único de uma realidade. Não foi, em momento algum, o objetivo tentar “relevar *a população*” sobre diversas questões. Levando em conta, e como observamos neste trabalho, que os dados quantitativos sobre a população em questão são escassos (senão inexistentes), o objetivo foi simplesmente produzir alguns dados estatísticos próprios sobre a questão trabalhada nas cidades específicas do desenvolvimento da pesquisa, para tentar observar como, em conjunto com uma abordagem qualitativa, estes poderiam ajudar a compreender melhor a questão.

Ao total 77 pessoas responderam voluntariamente o questionário, (47 na MLMC e 30 na PLGBTF). Do total, 9 casos foram perdidos na MLMC a partir de problemas com a utilização do aplicativo Quicktapsurvey e a sincronização dos dispositivos (telefones e tablets). Além da perda destes casos, a maioria dos questionários não processados (um total de 16 nas duas cidades, 6 questionários da MLMC e 10 questionários da PLGBTF) foram desestimados por não responderem diretamente às necessidades da enquete, que tinha como objetivo principal a resposta de pessoas Trans. Neste sentido, a dificuldade de selecionar os sujeitos representou um obstáculo difícil de superar. A aplicação do dispositivo se realizava num momento de mobilização política com a restrição do tempo entanto a concentração das pessoas dependia da duração do evento. A seleção era operada a partir de critérios fundamentalmente estéticos/visuais pelo que outro conjunto de sujeitos foram constantemente confundidos com pessoas Trans (fundamentalmente drags e mulheres lésbicas). É importante ressaltar um terceiro obstáculo na identificação dos sujeitos representado pela impossibilidade da detecção de alguns sujeitos Trans já que, em muitos casos, fundamentalmente nas masculinidades Trans, o efeito das intervenções e o consumo de hormônios (em conjunto com outras técnicas de produção da masculinidade e/ou feminilidade) apaga totalmente a aparência estética reconhecível como (o que se poderia chamar de) “Trans”.

Deste modo na MLMC se puderam relevar um total de 32 enquetes *confiáveis*⁹⁰ entanto na PLGBTF se puderam acumular um

⁹⁰ Entendemos como *enquete confiável* aquela que corresponde totalmente com o objetivo da pesquisa, ou seja, enquetes respondidas na sua

total de 20 enquetes *confiáveis* e respondidas, cujos resultados são apresentados a seguir, na sua maioria em gráficos tipo tortas. Aproveitamos para fazer a aclaração da leitura dos gráficos. Nos gráficos de torta encontrarão um número representando o número de respostas, seguido pela porcentagem que representa esse número (ambos números separados por um ponto e vírgula). É dizer que no seguinte exemplo, no gráfico 1.a., 32 pessoas responderam “Si” à pergunta assinalada acima, o que representa um 68% da amostra total da enquete (assinalada debaixo do gráfico pelo N=47).

¿Te consideras dentro de la población Trans?

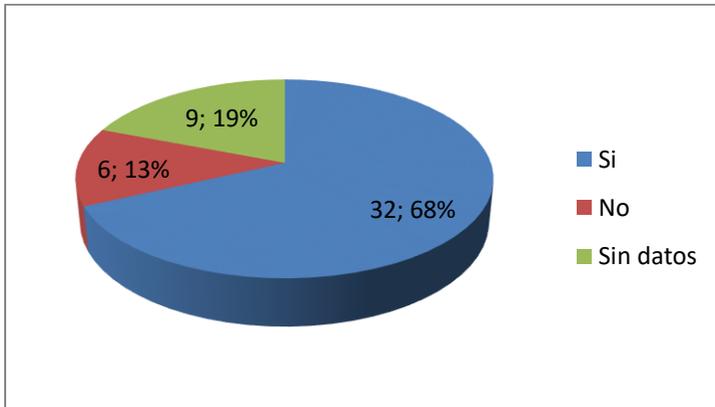


Gráfico 1.a. MLMC. N=47|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

totalidade (sem deixar perguntas não respondidas), por pessoas identificadas dentro da população Trans.

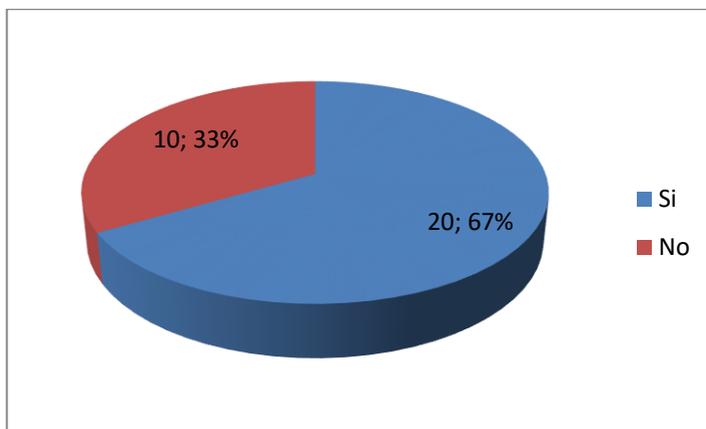


Gráfico 1.b. PLGBTF. N=30|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

Como assinalamos tanto na introdução metodológica ao começo do trabalho, como no começo deste item, para filtrar a confusão na identificação dos sujeitos (ou seja, filtrar outro tipo de sujeitos que não se identificavam dentro da população Trans) o questionário começava com a pergunta 1. ¿Te consideras dentro de la población Trans?. Deste modo só processamos nos resultados apresentados a continuação, as respostas das pessoas que responderam SIM à pergunta inicial (como foi explicitado anteriormente, um total de 32 na MLMC e de 20 na PLGBTF), confirmando assim que as pessoas que respondiam o resto das perguntas coincidiam com os sujeitos procuradas na pesquisa. Assim todos os gráficos apresentados a continuação resultam das enquetes seleccionadas como confiáveis.

1. ¿Cómo te definís?

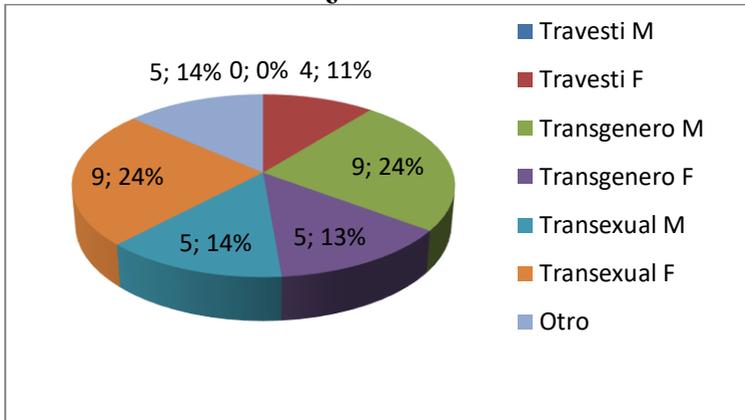


Gráfico 2.a. MLMC. N=32|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

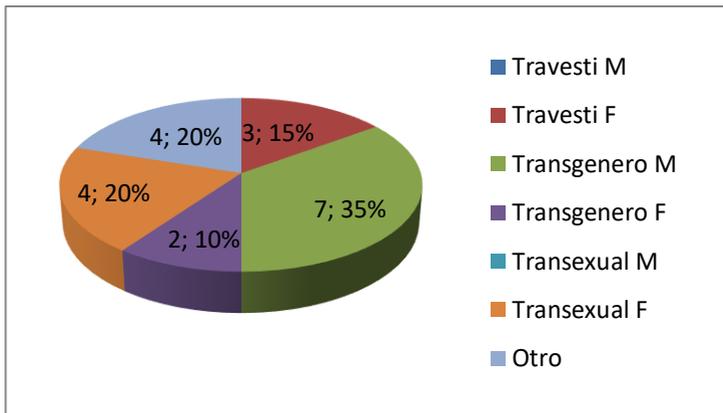


Gráfico 2.b. PLGBTF. N=20|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

Na definição de gênero ao interior da identidade Trans “geral” observamos algumas coincidências interessantes: nos primeiros postos das duas enquetes se encontram tanto os *homens transgênero* como as *mulheres transexuais*. Na MLMC as duas identidades (homens transgênero e mulheres transexuais) encabeçam os resultados com o 24% em cada caso, ou seja, somando um 48% dos resultados totais da MLMC. Já na PLGBTF, encabeçam os homens transgênero com 35%, deixando em segundo lugar as mulheres transexuais, que somam um 20% do resultado total da PLGBTF (é dizer que, somado as duas faixas, obtemos um 55% da amostra). Logo já observamos algumas diferenças

entre os resultados das duas cidades, o que podemos observar, a seguir, apresentado nos dois quadros com uma ordem decrescente (segundo a porcentagem de cada faixa) em relação à representação de cada identidade, em cada uma das enquetes nos gráficos 2.c. e 2.d.:

MLMC

Transgênero M	9	24%
Transexual F	9	24%
Transgênero F	5	14%
Transexual M	5	14%
Outro	5	13% ⁹¹
Travesti F	4	11%
Travesti M	0	0%
Total	37	100%

Gráfico 2.c

PLGBTf

Transgênero M	7	35%
Transexual F	4	20%
Outro	4	20%
Travesti F	3	15%
Transgênero F	2	10%
Transexual M	0	0%
Travesti M	0	0%
Total	20	100%

Gráfico 2.d.

Neste aspecto achamos importante resgatar que da totalidade das pessoas entrevistadas na abordagem qualitativa, só uma pessoa se apresentou abertamente como “não binária”, enquanto o resto não aprofundou a sua identidade fora do termo guarda-chuvas de “Trans” (obviamos deste aspecto as pessoas Cis entrevistadas). Por achar justamente que fixar as identidades é um problema para as populações Trans na abordagem qualitativa se decidiu não abrir essa porta entendendo que não era o foco da pesquisa e que levaria grandes derivações dentro de entrevistas que de por si mesmas dependiam de muitas derivações.

⁹¹ Com o objetivo de apresentar as porcentagens em números fechados se encontram algumas variações menores. Na realidade o campo “outro”, obteve o 13.51% das respostas, com 5 respostas (do mesmo modo que os campos Transgenero Feminino, e Transexual Masculino). A fim de facilitar a leitura dos resultados se decidiu utilizar números inteiros sem vírgulas.

3. ¿Qué edad tienes?

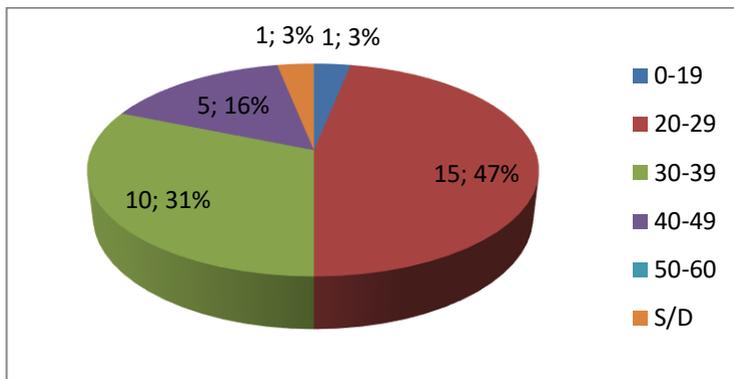


Gráfico 3.a. MLMC. N=32|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

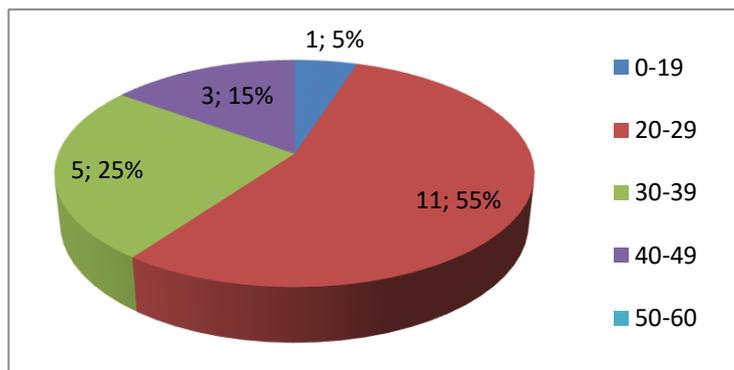


Gráfico 3.b. PLGBTF. N=20|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

Idades	Respostas
0-19	1
20-29	15
30-39	10
40-49	5
50-60	0
S/D	1
Total	32

Gráfico 3.c. MLMC

Idades	Respostas
0-19	1
20-29	11
30-39	5
40-49	3
50-60	0
S/D	0
Total	20

Gráfico 3.d. PLGBTF

Dos dados etários destacamos em primeiro lugar uma pouca representatividade das pessoas entre 0 e 19 anos (3% na MLMC e 5% na PLGBTF). Daí podemos observar como a maior representatividade se encontra na faixa que vai dos 20 aos 29 anos (concentrando um 47% na MLMC, e 55% na PLGBTF). Em segundo lugar, enquanto à representatividade, achamos a faixa que vai dos 30 aos 39 anos (concentrando aqui um 31% na MLMC, e um 25% na PLGBTF). A faixa que vai dos 40 aos 49 anos já decresce significativamente (concentrando um 16% na MLMC e um 15% na PLGBTF), para deixar diretamente sem representação a população de 50 anos ou mais. E aqui é importante, em primeiro lugar, levar em conta que a amostra tem a parcialidade de só representar as pessoas que participaram dos protestos (MLMC e PLGBTF), e este dado pode significar que as pessoas de mais de 50 anos não participam desses espaços. Não obstante também, e concordando com a maioria dos trabalhos sobre a temática, a ausência das pessoas de 50 anos ou mais (0% nos dois casos) pode funcionar como mais um indício da esperança de vida desta população que dificilmente chega nessa idade (lembramos que a maioria dos estudos sobre a questão assinalam uma esperança de vida que vai dos 35 aos 45 anos⁹²). De fato, se fazemos o esforço de observar outros estudos

⁹² Repetimos novamente que, frente à falta de dados fidedignos sobre a questão, diversos números são discutidos sobre a situação real da população Trans na região, ou individualmente em cada país. Dentre os poucos trabalhos resgatamos o “Registro da violência” elaborado entre 2013 e 2014 pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos destacou que o 80% da população Trans morre antes dos 35 anos. Para mais informações: <http://www.oas.org/es/cidh/multimedia/2015/violencia-lgbti/registro-violencia-lgbt.html>; Numa mesma linha, o informe de 2007 de ALITT é um dos mais citados sobre a situação na Argentina, e mesmo reconhecendo que os dados não substituem um censo (os dados só falam de Buenos Aires e a periferia da cidade), de todos modos achamos que representam indicadores consistentes: *“Consignamos 192 personas fallecidas en los últimos cinco años que, combinadas con las 420 mencionadas en la edición anterior, hacen un total de 592 amigas fallecidas. La principal causa de muerte es el VIH/sida (el 54,7 por ciento). En segundo lugar, el 16,6 de los casos, el asesinato es el motivo de deceso. El resto de las causas de muerte mencionadas incluyen accidentes de tránsito, suicidio, cáncer, sobredosis, ataques cardíacos, diabetes, hepatitis, meningitis, tuberculosis, cirrosis y complicaciones derivadas de la inyección de siliconas. Se ignora la causa*

semelhantes, é interessante ver como comparativamente com outros grupos por denominação sexual, a população Trans daquela faixa etária não aparece representada, entanto sim aparecem representados outros (grupos por denominação sexual).

| GRÁFICO 6 | Edad de los / las participantes por denominación sexual agregada (%)

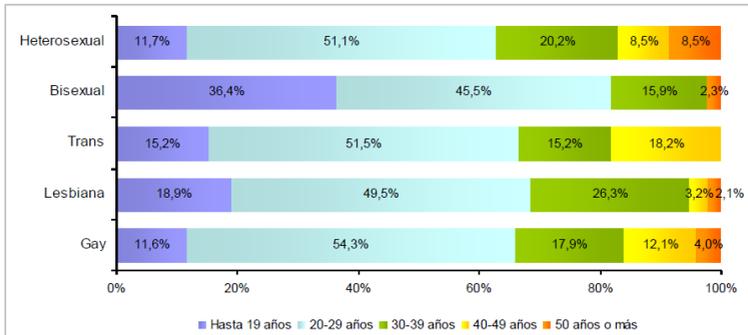


Gráfico 3.f. N = 441 (sem queer) | Fonte: RABBIA e IOSA. Política, sexualidades y derechos. Primera Encuesta Marcha del Orgullo y la Diversidad. Córdoba, Argentina 2010. UNC, 2011.

Se observamos o cruzamento entre idade e identidade do hipercitado trabalho de Iosa, T., Rabbia H., e Vaggione J., (2012) realizado na Parada LGBT do ano 2010 em Córdoba, observamos que, em todos os outros grupos por denominação sexual (heterossexuais, bissexuais, lésbicas e gays), mesmo que seja minimamente, aparecem representadas as pessoas de 50 anos ou mais. Não obstante, a categoria destinada às pessoas Trans aparece só até a faixa que vai de 40-49 anos. Neste sentido achamos interessante também observar a predominância juvenil na categoria que vai dos 20-29 anos, sendo do 47% em MLMC, 55% em PLGBTF, e 51,5% no estudo de Iosa et. al. (2012). O que pode ser lido novamente em dois sentidos, ou que essa população participa fortemente destes eventos, ou que essa população representa a maioria

de muerte del 22 por ciento de las mencionadas. Respecto de la edad, el 43 por ciento murió cuando tenía entre 22 y 31 años y el 33 entre los 32 y 41 años. Un 9 por ciento de las compañeras muertas no había cumplido aún los 21 años de edad. Aunque estos datos no pueden reemplazar a un censo, dan cuenta de la misma imposibilidad actual de hacer algo semejante.” (BERKINS, 2007; 16) L. (comp.) (2007) Cumbia, copeteo y lágrimas. Informe nacional sobre la situación de las travestis, transexuales y transgéneros. Buenos Aires: ALITT.

do universo pesquisado (reforçando a hipótese sobre a baixa esperança de vida da população Trans).

No aspecto etário devemos dizer, mais como uma anedota do que um dado, que na abordagem qualitativa do nosso trabalho, não se expressou a representatividade quantitativa aqui exposta, já que tivemos duas pessoas de mais de 50 anos (o que já supera a enquete desde qualquer ponto de vista), e uma boa representação de pessoas entre 40 e os 49 anos (6 pessoas).

4. ¿Consideras que la organización actual de los baños públicos incluyen a la población Trans?

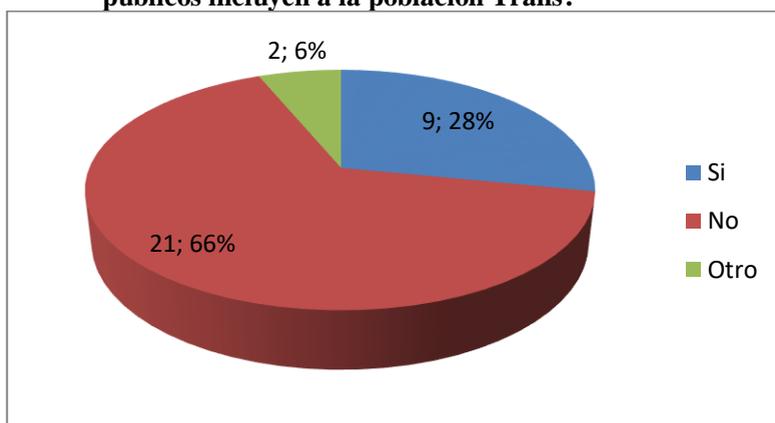


Gráfico 4.a. MLMC. N=32|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

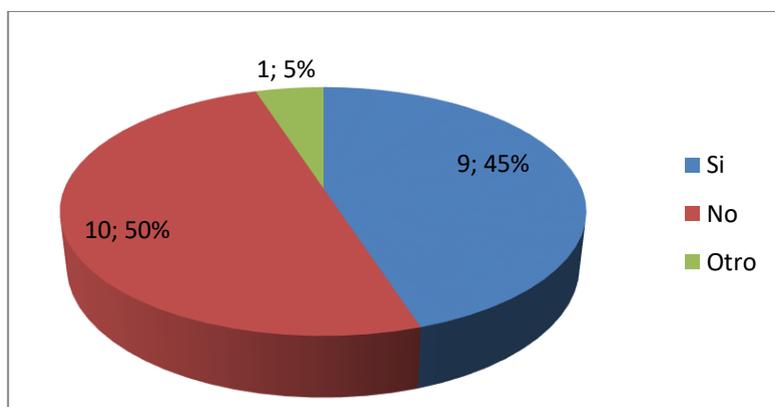


Gráfico 4.b. PLGBTF. N=20|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

À pergunta de se as pessoas achavam que a organização atual dos banheiros públicos incluía à população Trans, nos dois casos tanto na MLMC (com um 66%), como na PLGBTF (com o 50%) as pessoas responderam que **não**. Contudo, na aplicação do dispositivo, o que se observava eram algumas dúvidas respeito desta pergunta, o que se confirma nas mudanças as respostas seguintes, como pode se observar nos gráficos 6.a e 6.b. nas respostas à pergunta “¿Modificarías la organización actual de los baños públicos (dividido em H/M)?” Numa coerência ideal, o que se observaria seria uma correspondência entre as porcentagens das pessoas que se consideram incluídas na organização dos banheiros públicos (um 28% na MLMC e um 45% na PLGBTF) e a sua opinião respeito a se não modificariam a organização dos mesmos (já que se encontram incluídas nessas estruturas). À inversa, as pessoas que não se consideram incluídas nessa organização (assinalado acima com um 66% na MLMC e um 50% na PLGBTF) deveriam optar (novamente numa coerência ideal) por modificar aquela organização. Não obstante aquela correspondência não se apresenta, e as respostas finalmente favorecem, como veremos um pouco mais na frente, na demanda de uma mudança na organização dos banheiros públicos.

5. ¿Sentís o sentiste alguna vez discriminación en los baños públicos?

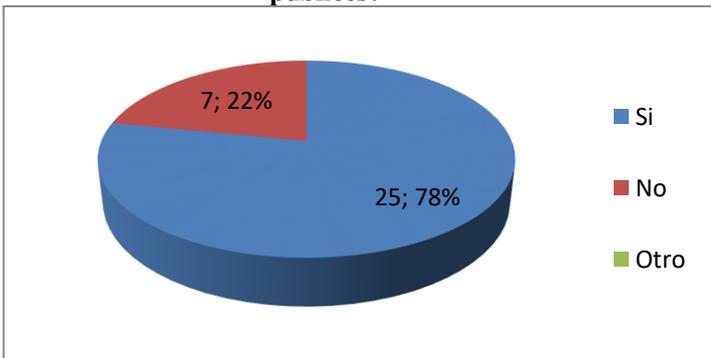


Gráfico 5.a. MLMC. N=32|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

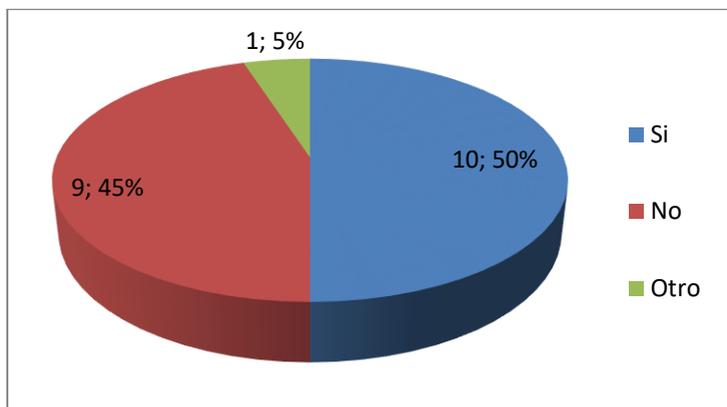


Gráfico 5.b PLGBTF. N=20|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

Do mesmo modo frente à pergunta sobre experiências de discriminação nos banheiros públicos, nos dois casos observamos uma preponderância das experiências de discriminação, sobretudo na MLMC (com um 78% de pessoas que expressaram ter sofrido discriminação). Já na PLGBTF a porcentagem decresce, embora resulta ainda alarmante (levando em conta que o 50% da população diz ter sofrido discriminação nos banheiros públicos).

Neste aspecto se contrastamos estes dados com os dados qualitativos, podemos concluir que as entrevistas acompanham os dados das enquetes. Embora sejam heterogêneas as formas de discriminação achamos em diversas entrevistas desde aspectos sutis como olhares, até chamados de atenção em voz alta pedindo para as pessoas saírem de um espaço para se dirigir pra outro, sem falar ainda das histórias de violência física também relatadas no decorrer do trabalho.

6. ¿Modificarías la organización actual de los baños públicos (dividido en H/M)?

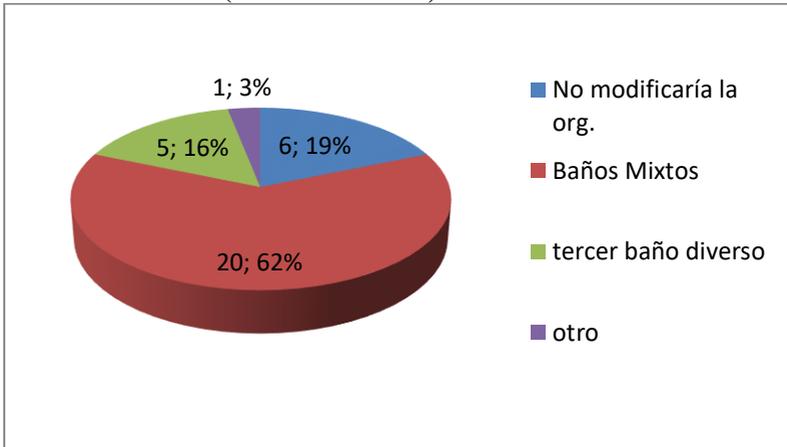


Gráfico 6.a MLMC. N=32|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

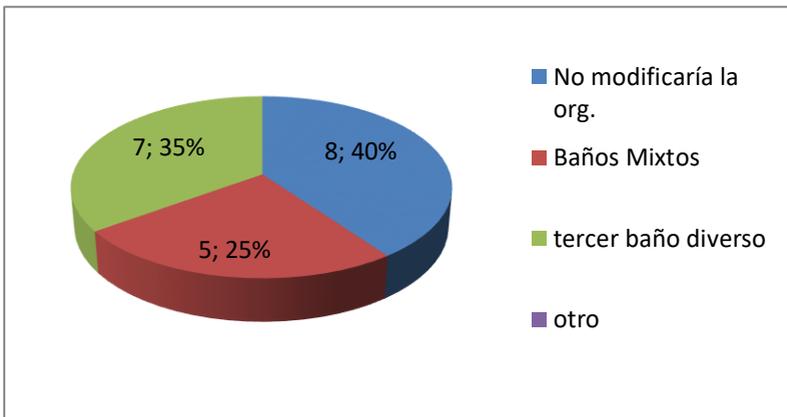


Gráfico 6.b. PLGBTf. N=20|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

Num primeiro momento observamos uma preponderância das opções que modificariam as estruturas dos banheiros de uma bi-divisão dos espaços, para outras alternativas (“banheiros mistos”, “terceiro banheiro diverso”, “outros”). Todas estas alternativas somam um 79% e um 60% na MLMC e na PLGBTf, respectivamente. Ou seja, que há uma inclinação importante à modificação dos espaços.

Por outro lado, e como assinalávamos em relação à coerência entre as respostas representadas no gráfico 4.a e 4.b., se observa que,

em Córdoba, do 28% inicial que se achava compreendido na organização dos banheiros públicos (ou seja, na bi-divisão dos espaços) um 9% (desse 28%, do Gráfico 4.a.) finalmente acharam que modificaria essa organização (ou seja que escolheria outra opção nessa organização), já que no gráfico 6.a. observamos como o número de pessoas que “não modificariam a estrutura dos banheiros públicos” representa só um 19%. O mesmo sucede na experiência em Florianópolis, onde do 45% inicial que se achava compreendido na organização dos banheiros públicos (Gráfico 4.b.), um 5% dessa mesma faixa, finalmente opta por modificar as estruturas (deixando só um 40% de representatividade para as pessoas que não modificariam a organização atual dos banheiros expressado no gráfico 6.b.).

Neste sentido, igualmente é importante destacar as justificativas constantes das pessoas que achavam que não seria preciso modificar a organização dos banheiros. As justificativas, infelizmente, não foram quantificadas já que não estava no dispositivo inicial. Mas aqui queremos explicitar que foram recorrentes as opiniões respeito a que o problema não radicava tanto *na divisão do espaço*, senão *na educação* das pessoas, que a partir do preconceito (por não dizer transfobia) reagiam normalmente negativamente à presença das pessoas Trans naqueles espaços. Isso significa que observamos, de algum modo, uma perspectiva “conservadora” enquanto as pessoas que acham que a bi-divisão inclui a população Trans opinam que não é um problema das estruturas arquitetônicas e a divisão dos espaços (espaços femininos ou masculinos), senão só um problema de percepção das masculinidades ou feminidades legítimas. Nestas perspectivas achamos que a inclusão operaria a partir da *educação*, e não a partir de uma modificação arquitetônica. Neste sentido poderíamos dizer que, segundo aquela perspectiva, a crítica sobre a educação não tem como objetivo a destruição da masculinidade ou feminilidade (da bi-divisão), senão simplesmente uma ressignificação dos critérios que geram uma ou outra existência (masculina ou feminina), e/ou seu reconhecimento (de uma masculinidade ou feminidade legítimas ou ilegítimas).

Por último, sobre as opções que modificariam aquelas estruturas, observamos em Córdoba uma preponderância sobre a opção do “*banheiro misto*” (com um 62%), enquanto, em Florianópolis, a opção do “*terceiro banheiro diverso*” representa a opção mais importante (com um 35%).

7. ¿Sufriste algún tipo de violencia en los baños públicos?

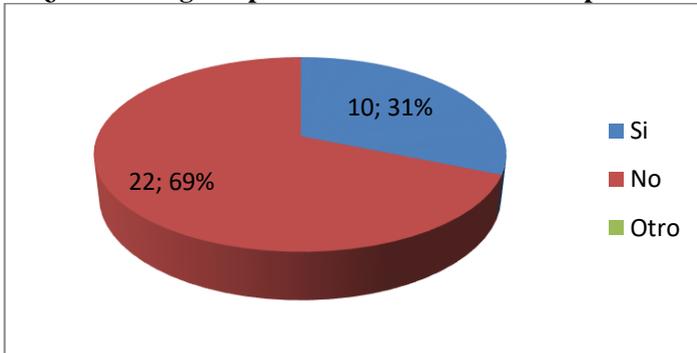


Gráfico 7.a. MLMC. N=32|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

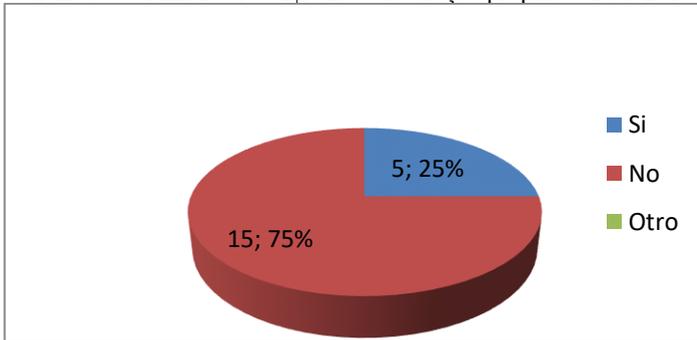


Gráfico 7.b. PLGBTF. N=20|Fonte: elaboração própria. UFSC 2017

À última pergunta de se “alguma vez sofreram violência num banheiro público”, a maioria expressou que não (um 69% na MLMC e um 75% na PLGBTF). Mas aqui devemos fazer uma esclarecimento. Por um lado, sendo o banheiro um espaço complexo, muitas pessoas aclararam logo que tentam utilizar o banheiro quando sabem que não tem pessoas dentro. Na coleta de dados, devemos reconhecer que tivemos problemas na *introdução* da pergunta. Tentamos deixar ela aberta, mas logo comprovamos que muitas pessoas só entendiam *violência* como *violência física* (esclarecimento o que não ficou registrado nos nossos dados). Muitas pessoas aclararam que não sofreram violência, já que a sua “aparência” não permite serem reconhecidos como sujeitos Trans (o que anularia situações de violência pela não percepção). Do que concluimos que aquela “não violência” não é produto da tolerância senão mais de uma “invisibilidade”. Contudo, achamos que mesmo sendo “otimistas” estes dados sobre violência expressam um 31% e um

25% na MLMC e na PLGBTF, respectivamente, de pessoas que expressaram ter sofrido violência nos banheiros públicos, o que não são dados menores.

Neste aspecto entendemos que em conjunto com a dimensão da discriminação a violência se apresenta constantemente nas entrevistas transcritas no capítulo anterior. Do mesmo modo que tem um exercício de discriminação a partir de formas sutis de violência (como simples olhares) também há formas explícitas de violência documentado tanto em forma de insultos, como também na forma de violência mais explícita (a violência física). Entendemos que estas práticas formam parte da complexa estrutura opressiva que atua finalmente dentro da “maquinaria sanitária”, mais com um objetivo de regulação do gênero do que da administração dos lixos corporais. Encerrando, da experiência quantitativa relatada aqui queremos resumir algumas conclusões a partir dos números produzidos nas enquetes MLMC e PLGBTF, para logo fazer o esforço de relacionar os resultados com os dados qualitativos da pesquisa.

3.5. REFLEXÕES SOBRE A ENQUETE

Antes de tudo, queremos insistir em que estes números não tiveram o objetivo de apresentar-se como um reflexo da realidade (se é possível falar nestes termos) e menos ainda foi uma tentativa de comparação das experiências das pessoas Trans nas duas cidades trabalhadas. O esforço foi, em primeiro lugar, tentar produzir alguns números sobre a população e a questão específica trabalhada na pesquisa, para logo observar como estes dados poderiam acompanhar o trabalho de entrevistas feitas ao longo da pesquisa.

1. IDENTIDADES: Numa primeira instância queremos resgatar a coincidência da representatividade das identidades que encabeçam os resultados, nas duas enquetes: homens transgênero em primeiro lugar, e mulheres transexuais em segundo lugar. Aquilo achamos que, ainda com todas as discussões sobre a “(in)estabilidade” das identidades, logo de uma tarefa coletiva de produção de dados, pode ajudar a criar melhores perfis da diversidade e heterogeneidade ao interior das categorias “Trans”.

2. REPRESENTAÇÃO ETÁRIA: Numa segunda instância, e levando em conta que as nossas enquetes não podem pegar-se como estudos representativos do universo da população Trans, achamos que nossos resultados acompanham as hipóteses que assinalam uma esperança de vida da população entre os 35 e 45 anos, já que não

aparecem representadas as pessoas de 50 anos ou mais (nos dois casos com 0% de representatividade). Do mesmo jeito achamos interessante a coincidência com estudos parecidos, como o trabalho citado de Iosa, T., Rabbia H., e Vaggione J., de 2012 (gráfico 3.f.), fundamentalmente nas conclusões principais sobre faixa etária (ou seja, grande representação da faixa que vai dos 20 aos 29 anos, e ausência total das pessoas de 50 anos ou mais).

3. EXCLUSÃO, DISCRIMINAÇÃO E VIOLÊNCIA NOS BANHEIROS PÚBLICOS:

Em terceiro lugar, e especificamente sobre o nosso trabalho, resgatamos grandes indícios de exclusão da população Trans nas estruturas dos banheiros públicos. Tanto na MLMC como na PLGBTF aparecem importantes indicadores de exclusão expressados num 66% na MLMC, e num 50% na PLGBTF, de pessoas que não se acham incluídas na bi-divisão dos espaços (deste modo podemos concluir que se acham excluídas dos banheiros públicos). No mesmo sentido, resulta alarmante o nível de pessoas que expressaram ter sofrido discriminação nos banheiros públicos, representadas num 78% na MLMC e num 50% na PLGBTF. Enquanto às experiências de violência (e ainda com dados “otimistas” pelas dificuldades metodológicas detalhadas acima), achamos que um 31% na MLMC e um 25% na PLGBTF de pessoas que expressaram ter sofrido violência no interior dos banheiros públicos, é igualmente um número alarmante.

4. ALTERNATIVAS À CONFIGURAÇÃO DO ESPAÇO DO BANHEIRO PÚBLICO:

Achamos interessante, em primeiro lugar, a inclinação a mudar a bi-divisão do banheiro público, tanto nos resultados da MLMC como nos resultados da PLGBTF. As opções de criação de “*banheiros mistos*”, “*um terceiro banheiro diverso*”, ou “*outros*” somam na MLMC um 79% e na PLGBTF um 60% das respostas. Do outro lado, e com todas as precisões detalhadas acima nestas porcentagens, achamos que um 19% na MLMC e um 40% na PLGBTF de pessoas que expressaram que não mudariam a bi-divisão dos espaços, representam (pelo menos estatisticamente) posições “secundárias” frente às faixas (numa “maioria estatística”) que demandam uma mudança dos espaços.

Finalmente no que respeita a análise estritamente quantitativa, sobre as alternativas concretas escolhidas em cada caso, ressaltamos as divergências entre Florianópolis e Córdoba. Enquanto em Córdoba há uma grande inclinação pelo “*banheiro misto*” (opção que acumula um 62% das respostas), em Florianópolis, achamos uma distribuição mais

“uniforme” entre as opções do “*terceiro banheiro diverso*” (com um 35% das respostas) e “banheiros mistos” (com um 25% das respostas).

Por último entendemos aqui que é possível (e necessário) estabelecer, pelo menos provisoriamente, uma serie de nexos entre os dados produzidos tanto qualitativamente como quantitativamente. Isolando as primeiras perguntas da enquete que tinham como o principal objetivo “selecionar” informantes⁹³ os resultados das perguntas 4, 5, 6, e 7 se encontram estreitamente relacionadas com os eixos analisados nas entrevistas transcritas nos trechos “qualitativos” da dissertação:

Nas entrevistas transcritas do Shu, Eri ou Javier (pp. 53, 54, 55), onde falam dos “olhares”, “las miradas” os “comentários”, as “chamadas de atenção”, achamos a “contra cara” dos números das perguntas 5 e 7 (sobre discriminação e violência⁹⁴). O que é isso senão relatos concretos de experiências de discriminação e violência no interior dos banheiros públicos? Na mesma linha podemos entender as entrevistas de Sophie, Lautaro, Alejandra, Kittie, Flor e León (pp. 57,58,59), onde a segregação explícita desses espaços (a “auto-segregação”) expressa de forma obscena o nível de discriminação das pessoas Trans que, evitando viver experiências negativas ao interior dos banheiros públicos, diretamente se auto- excluem desses espaços.

Por último no que se refere a aquela dimensão da constituição da identidade na relação “*olho público-subjetividade*”, analisada a partir das falas de Ale (pp. 56, sobre a performance de urinar parada) de

⁹³ As primeiras 3 perguntas (* *¿Te considerarás dentro de la población Trans?*; 1. *¿Cómo te definís?* ; 2. *¿Qué edad tienes?*), representaram mais uma ferramenta técnica para isolar informantes do que a produção de dados focado no nosso trabalho. A partir das seguintes 4 perguntas (4. *¿Considerás que la organización de los baños públicos incluyen a la población Trans?*; 5. *¿Sentís o sentiste alguna vez discriminación en los baños públicos?*; 6. *¿Modificarías la organización actual de los baños públicos?*; 7. *¿Sufriste algún tipo de violencia en los baños públicos?*) podemos encontrar melhores relações respecto à produção qualitativa.

⁹⁴ Lembramos que nas enquetes aparece um 78% na MLMC e num 50% na PLGBTF de pessoas que expressaram ter sofrido discriminação. Enquanto aos números de violência (aclarados no apartado sobre a pergunta), entendemos que nos relatos qualitativos se registra igualmente o fenômeno, mesmo tomando os números “otimistas” da enquete (31% na MLMC e 25% na PLGBTF de pessoas que expressaram ter sofrido violência nos banheiros públicos).

Fernando e Anm (pp. 60 e 61, sobre a constituição da identidade no reconhecimento público), nas falas do Shu, Lautaro e Kittie (pp.63,64, sobre o reconhecimento nos primeiros momentos da transição) e Kelly e Candelaria (pp. 65 e 66, sobre o lugar destinado para cada pessoa) se relaciona estreitamente com as perguntas 4 e 6 da enquete⁹⁵ onde os resultados heterogêneos, (já que havia várias opções às que se somam às particularidades importantes entre Córdoba e Florianópolis), igualmente demonstram a necessidade de “criar” espaços próprios, ou pelo menos grandes intenções de modificar a estrutura atual da bi-divisão dos banheiros. Ou seja, os resultados das perguntas 4 e 6 (ainda com as suas contradições explicitadas no seu apartado) demonstram o questionamento generalizado à organização atual dos banheiros públicos. Aquele questionamento, entendemos, tem a ver com a constituição de uma identidade, de um coletivo que reclama o seu lugar e que em definitiva se inscreve naquela relação complexa “olho público-subjetividade”.

Agora, antes de passar às conclusões queremos esclarecer que, com o que foi dito até o momento, não pretendemos aqui fechar as discussões senão justamente o contrário, já que achamos que os nexos estabelecidos no último ponto (como as reflexões ao longo do trabalho) abrem mais perguntas do que brindam respostas. Sempre com a intenção de continuar o debate esperamos ter brindado mais elementos para enriquecer o crescente processo visibilização das problemáticas da população Trans.

⁹⁵ 4. *¿Consideras que la organización actual de los baños públicos incluyen a la población Trans?*; 6. *¿Modificarías la organización actual de los baños públicos (dividido en H/M)?*

4. CONCLUSÃO

O banheiro, espaço que no começo pode apresentar-se totalmente ao serviço da “natureza”, ou seja, além do domínio da cultura, pode ser compreendido como produto de configurações culturais particulares num momento histórico determinado que, além de obedecer ao “pragmatismo arquitetônico” (com o objetivo administrar os lixos corporais) obedece também a paradigmas, organizações, e estruturas culturais mais abrangentes (e desde este ponto de vista, contingentes). Estas longe de serem inofensivas respondem a relações de poder, a estruturas sociais segregacionistas e violentas com consequências diferentes para os diversos sujeitos políticos da nossa sociedade. Seja para reconhecer sujeitos políticos (homens/mulheres), ou apagar eles (Trans), o banheiro funciona como mais um mecanismo que trabalha para criar e recriar uma estrutura social baseada num arbitrário social segregacionista (neste caso patriarcal, machista e heteronormativo). Isso que nós chamamos de “banheiros masculinos” e “banheiros femininos” são produtos culturais recentes (com pouco mais de 130 anos) que provavelmente, esperamos, deixem de existir em pouco tempo, sobre tudo a partir das tensões que se apresentam nos últimos anos com o avanço dos direitos das minorias LGBTQI+, e que levam à tensão “identidades Trans-banheiros públicos” até as capas dos jornais do redor do mundo (como foi exposto na pequena “coletânea” do começo do trabalho).

De um ponto de vista empírico, a divisão do banheiro a partir dos biocritérios homem/mulher, tem a sua origem histórica fundamentalmente na tensão entre a moral vitoriana e o avanço do capitalismo (entre outras variáveis como o desenvolvimento de esgotos, o paradigma higienista, os primeiros pacotes de leis trabalhistas, e o avanço da mulher no espaço público, entre outros.).

As grandes pestes do século XIX tiveram como resposta um movimento higienista que combateu as doenças com “tecnologia” e “racionalidade”. O esgoto levou à “sedentarização das necessidades”, incorporando aos espaços domésticos praticas, ações, “rituais” etc., que anteriormente se encontravam disseminadas no espaço doméstico ou no espaço público, desde começada a idade média. No avanço da modernidade, num capitalismo em tensão constante com a moral vitoriana, a irrupção da mulher no espaço público encontra respostas arquitetônicas às fronteiras sociais preexistentes. Seja nas bibliotecas, nos trens, ou finalmente nos banheiros das fabricas, os sujeitos sociais

tinham diferentes espaços segundo os seus status políticos. A irrupção de novos sujeitos políticos no final do século XX (os coletivos LGBTTTIQ, e mais especificamente a população Trans) demanda um reconhecimento simbólico, que se expressa na objetividade até na concretude da administração dos lixos corporais no espaço público.

Por outro lado, e além do empirismo e o exercício de situar mudanças e continuidades na história, as ciências sociais contam com uma série de conceitos que permitem interpretar o fenômeno fora das análises elementares a partir da dimensão sanitária, compreendendo de novo que além da “força da natureza”, a “segregação urinária” se relaciona principalmente com estruturas simbólicas que não respondem necessariamente à “realidade”, senão que produzem (e reproduzem) a mesma, impactando na “criação” dos sujeitos políticos contemporâneos, ou apagando os mesmos. Seja a partir do conceito de “segregação urinária” de Lacan, das noções foucaultianas de “panóptico” ou “vigilância”, ou seja a partir de um olhar ritualístico, ou das formas de classificação, observamos como aqueles espaços organizam a circulação dos corpos para trabalhar também nas subjetividades.

Os banheiros públicos estruturados num marco social e histórico específico para receber um sujeito vitoriano ficaram anacrônicos, e se abriram para as mais heterogêneas formas de violência para outros sujeitos políticos que, como observamos nas entrevistas ou nas enquetes apresentadas neste trabalho em relação às populações Trans situadas em Córdoba ou Florianópolis, sofrem simbólica e objetivamente as estruturas sociais.

Uma problemática “menor” como é a divisão do banheiro público a partir de biocritérios denuncia uma problemática segregacionista maior: a população Trans, ainda se encontra na busca de um lugar nas nossas sociedades.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E APÊNDICES:

Referencias bibliográficas:

ALLOUCH, Jean. **Un sexe ou l'autre, sur la ségrégation urinaire**. Littoral 3-25. 1987.

ALLOUCH, Jean. **Un sexe ou l'autre, sur la ségrégation urinaire**. Littoral, 3-25. 1987.

BARBOSA, Bruno Cesar. **Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual**. Dissertação de Maestrado em Antropologia. Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil. 2010.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro, Brasil, Garamond. 2005.

BENJAMIN, W. **Constelaciones**. Círculo de Bellas Artes: Madrid.2010.

BENJAMIN, W. **El libro de los Pasajes**. Akal: Buenos Aires. 2005.

BENTO, Berenice e PELÚCIO, Larissa. **Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas**. *Revista Estudos Feministas*. Vol. 20. Nº2. 2012

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo. Sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro, Brasil, Garamond. 2006.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. Editora brasiliense. São Paulo. 2008.

BERKINS, Loana. **Cumbia, copeteo y lágrimas**. Informe nacional sobre la situación de las travestis, transexuales y transgéneros. Buenos Aires: ALITT, 2007

BOURDIEU, Pierre. **Ce que parler veut dire**. Editions Fayard. Paris. 1984

BOURDIEU, Pierre. **Le corps et le sacré**. Em: Actes de la recherche en sciences sociales. Vol. 104, septembre 1994. Le commerce des corps. p. 2. Disponível em : <www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1994_num_104_1_3107> Acesso em: 22 out. 2017.

CÂMARA VALE, Alexandre Fleming. **O vôo da beleza: travestilidade e devir minoritário**. Tese de doutorado, Universidade Federal do Ceará. 2005.

CARBONETTI, A. **Cólera y conflicto en la ciudad de Córdoba, Argentina (1867-1868)**. Medigraphic Artemisa. Buenos Aires. 2007.

CARRARA, Sergio y ADRIANA Vianna. “**Tá lá o corpo estendido no chão...**”: A **violencia letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro**. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, Brasil. 16(2):233-249. 2006.

CASE, M. A. **Why Not Abolish Laws of Urinary Segregation?**. *Toilet: Public restrooms and the politics of sharing*, 211-225. 2010.

CAVANAGH, S. L. **Queering bathrooms: Gender, sexuality, and the hygienic imagination**. University of Toronto Press. 2010.

CAVANAGH, S. L. **Trans performance ethnography: queer bathrooms stories as case study**. Keynote given at the sexuality Studies Association meeting of SSHRC Congress, June 3, 2015, University of Ottawa, Canada. 2015.

CAVANAGH, S. L. **You are where you urinate**. *The gay and lesbian review*, 18(4), 18-20. 2011.

CAVANAGH, Sheila. **Trans performance ethnography: queer bathrooms stories as case study**. Keynote given at the sexuality Studies Association meeting of SSHRC Congress, University of Ottawa, Canada. June 3, 2015.

CAVANAGH, Sheila. **Queering bathrooms: Gender, sexuality, and the hygienic imagination**. Toronto: University of Toronto Press, 2010.

CERDA J.L. & VALDIVIA G. C. **John Snow, la epidemia de cólera y el nacimiento de la epidemiología moderna**. *Revista Chilena de Infectología*. Pp. 331-334. 2007.

CHESS et All. **Calling All Restroom Revolutionaries! That's Revolting! Queer Strategies for Resisting Assimilation**. Mattilda Bernstein Sycamore: Brooklyn, NY. 2004.

COMISSÃO INTERAMERICANA DE DIREITOS HUMANOS. **Registro de la violencia** Disponível em <<http://www.oas.org/es/cidh/multimedia/2015/violencia-lgbti/registro-violencia-lgbt.html>> Acesso em: 22 out. 2017.

CUTULI, María Soledad. **Aprendiendo a ser traba-jadoras. Reflexiones sobre la inauguración de una cooperativa textil**. Ponencia presentada en las V Jornadas de Investigación en Antropología Social, Sección de Antropología Social, Instituto de Ciencias Antropológicas, Facultad de Filosofía y Letras -UBA. 19 al 21 de noviembre de 2008. ISSN 1850-1834. 2008.

CUTULI, María Soledad. **Categorías en disputa: indagando en las lógicas políticas y cotidianas de las identificaciones “travesti”, “transexual”, “transgénero” y “trans”**. Ponencia publicada en las actas de las II Jornadas Internacionales de Problemas Latinoamericanos,

Universidad Nacional de Córdoba. 18 al 20 de noviembre de 2010. 2010.

CUTULI, María Soledad. **El escándalo. Modos de estar, negociar, resistir y demandar. El caso de las travestis y transexuales del área metropolitana de Buenos Aires**. En: Grimberg, M; M Hernandez Macedo y V Manzano (comp) Antropología de tramas políticas colectivas: estudios en Argentina y Brasil. Buenos Aires, Argentina, Antropofagia/ FFyL-UBA. 2011

CUTULI, María Soledad. **Relaciones y diferencias inter-generacionales en una organización de travestis y transexuales del Área Metropolitana de Buenos Aires**". Ponencia publicada en las actas de la VIII Reunión de Antropología del Mercosur, realizada en Buenos Aires del 29 de septiembre al 2 de octubre de 2009. 2009.

Fernández, Josefina. **Cuerpos desobedientes. Travestismo e identidad de género**. Buenos Aires, Argentina, Edhasa. 2004.

Foucault, M. **La politique de la santé au XVIIIe siècle, Les Machines à guérir, Aux origines de l'hôpital moderne**; dossiers et documents, Paris, Institut de l'environnement, pp. 11-21. 1976

FOUCAULT, Michel. **Surveiller et punir**. Gallimard. Paris. 2004.

GERBER, Diana Mara. **Saneamento Urbano e Estratégias de Poder: Florianópolis (1890-1930)**. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. 2000.

GERBER, Diana. **O saneamento em Florianópolis: projeto de modernização e estratégias de poder**. Esboços-Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC 6.6 (1998): 31-36. 1998.

GIEDION, Sigfried. **La mecanización toma el mando**. Gustavo gili: Barcelona. 1978.

GIEDION, Sigfried. **Mechanization takes command a contribution to anonymous history**. Oxford University: New York. 1948.

GUERRAND, Roger-Henri. **Les lieux. Histoire des commodities**. Éditions La Découverte : Paris. 1985.

INSAUSTI, Santiago Joaquín. **Un pasado a imagen y semejanza: recuperación y negación de los testimonios maricas en la constitución de la memoria gay**. Prácticas de oficio, v.1, n. 21, jun 2018 - dic 2018 ides.org.ar/publicaciones/practicadeoficio. Buenos Aires. 2018.

IOSA, Tomas y RABBIA Hugo. **Política, sexualidades y derechos. Primera encuesta marcha del orgullo y la diversidad**.

Primera Encuesta Marcha del Orgullo y la Diversidad. Córdoba, Argentina 2010. UNC, 2011. 2012.

JEFFREYS, Sheila. **The politics of the toilet: A feminist response to the campaign to ‘degender’ a women’s space.** *Women’s Studies International Forum*. 45 (2014) 42–51. 2014.

KOGAN, T. S. **Sex separation., The Cure-All for Victorian Social Anxiety.** In chapter politics of sharing. 2010.

KOGAN, T. S. **Sex-separation in public restrooms: Law, architecture, and gender.** *Mich. J. Gender & L.*, 14, 1. 2007.

KOGAN, T. S. **Transsexuals and Critical Gender Theory: The Possibility of a Restroom Labeled Other.** *Hastings LJ*, 48, 1223. 1996.

KOGAN, T. S. **Transsexuals in public restrooms: Law, Cultural geography and etsy v. Utah transit authority.** *Temp. Pol. & Civ. Rts. L. Rev.*, 18, 673. 2008.

KOGAN, Terry. **Sex-separation in public restrooms: Law, architecture, and gender.** *Mich. J. Gender & L.*, 14, 1. 2007.

KOLOSKI-OSTROW, Ann Olga. **The archaeology of sanitation in Roman Italy: Toilets, sewers, and water systems.** UNC Press Books: North Carolina. 2015.

LACAN J. **L’instance de la lettre dans l’inconscient ou la raison depuis Freud.** Em : *Écrits (237-322)* Le Seuil. Paris. 1966.

LEITE, Jr. Jorge. **“Nossos corpos também mudam” sexo, gênero e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico.** Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil. 2008.

LÉVI-STRAUSS, C. **La pensée sauvage.** Plon 1962.

MARQUES, E. C. **Da higiene à construção da cidade: o Estado e o saneamento no Rio de Janeiro.** *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 2, n. 2, p. 51-67, 1995.

MOLOTCH, H., & NORÉN, L. **Toilet: Public restrooms and the politics of sharing.** NYU Press: New York. 2010.

MORENO, María Aluminé. **La invisibilidad como injusticia. Estrategias del movimiento por la diversidad sexual.** Todo sexo es político. Estudios sobre sexualidades en Argentina. Buenos Aires, Argentina, Libros del Zorzal. 2008.

OLIVEIRA, Marcelo José. **O lugar do travesti em desterro.** Tese de doutorado, UFSC. Florianópolis, Brasil. 1997.

OLIVEIRA, Neuza Maria. **Damas de Paus. O jogo aberto dos travestis no espelho da mulher.** Salvador, Brasil, Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia. 1994.

OLIVEIRA, Thiago de Lima e NASCIMENTO, Silvana de Souza. **Corpo aberto, rua sem saída. Cartografia da pegação em João Pessoa.** Sex., Salud Soc. (Rio J.) [online]. 2015, n.19, pp.44-66. ISSN 1984-6487. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2015.19.05.a>>. Acesso em: 22 out. 2017.

OLIVEIRA, Thiago de Lima. **Engenharia erótica, arquitetura dos prazeres: cartografias da pegação em João Pessoa, Paraíba.** Tese de doutorado da Universidade Federal da Paraíba. 2016.

PAEZ, Javier. **Banheiros públicos: fronteiras do gênero.** Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales IX, pp. 94 - 110. 2017.

PÁEZ, Javier. **Banheiros públicos: fronteiras do gênero.** Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales IX, pp. 94 - 110. 2018.

PAEZ. Javier La invisibilización. Reflexiones sobre la escotomización estadística de la población Trans en Argentina” ainda em imprensa para a publicação nos anais do congresso IUAEZ 2018. 2018.

PATRICIO, María Cecilia. **No truque: transnacionalidade e distinção entre travestis brasileiras.** Tese de doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2008.

PELÚCIO, Larissa. “**Eu me cuido, mona – saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem**”. Texto apresentado en el Seminario Homofobia, Identidades e Ciudadania GLBTT TT (mesa Travestilidades e Transexualidades). Florianópolis, septiembre de 2007.

PELÚCIO, Larissa. “**Na noite nem todos os gatos são pardos – notas sobre a prostituição travesti**”. En *Cadernos Pagu*. Campinas, Vº 25. Pp. 217 - 248. 2005.

PELÚCIO, Larissa. “**Na noite nem todos os gatos são pardos – notas sobre a prostituição travesti**”. En *Cadernos Pagu*. Campinas, Vº 25. Pp. 217 - 248. 2005.

PELÚCIO, Larissa. “**O gênero na carne: sexualidade, corporalidade e pessoa – uma etnografia entre travestis paulistas**”. En *Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, familia e sexualidade*. ABA – Nova Letra, Florianópolis. Pp 189 – 216. 2006.

PENNER, B. **A World of Unmentionable Suffering: Women's Public Conveniences in Victorian London.** *Journal of Design History*, Vol. 14, No. 1 (2001), pp. 35-51. 2001.

PENNER, B., BORDEN, I., & RENDELL, J. (Eds.). **Gender space architecture: An interdisciplinary introduction.** Routledge. 2003.

PERIODISMO.COM. **Llega el baño público para perros.** Disponível em: <<https://www.periodismo.com/2014/07/07/llega-el-bano-publico-para-perros/>> Acesso em: 22 out. 2017.

PINÓS DA COSTA, Benhur. **Práticas espaciais de 'pegação' homoerótica: o caso dos banheiros públicos nas cidades de Presidente Prudente -SP e Vitória da Conquista - BA.** Revista Latinoamericana de geografia e género. V.5. N°1. 2005.

PRECIADO, B. Basura y género. Basura y género. Mear/cagar. Masculino/femenino. Disponível em: <<http://www.hartza.com/basura.htm>> : Acesso em 12 de julho de 2017.

PRECIADO, Beatriz. **La sexualidad a debate** . Disponível em: <<http://www.jornada.com.mx/2010/11/04/1s-entrevista.html>> Acesso em: 22 de agosto. 2017.

RAPISARDI, Flavio, e ALEJANDRO Modarelli. **Fiestas, baños y exilios: los gays porteños en la última dictadura.** Sudamericana, Buenos Aires. 2001.

SARTRE, Jean Paul. **Qu'est-ce que la littérature?** Gallimard. Paris. 1984

SCHULTZE, Fernando Rada. **"Sociabilidades homosexuales puestas en perspectiva: una mirada sobre el desarrollo de los modos de ser y hacer gay."** Sudamérica: Revista de Ciencias Sociales 1.1 (2012): 71-97. 2012.

SILVA, Hélio Travesti. **A invenção do feminino.** Rio de Janeiro, Brasil, Relume Dumará / ISER. 1993.

SNOW, John. **Modes of communication of cholera.** Disponível em: <<https://collections.nlm.nih.gov/ext/cholera/PDF/0050707.pdf>> Acesso em: 22 out. 2017.

STEFANELLI, Ricardo. **CASAN 45 anos. Uma história cheia de futuro. A trajetória da Companhia Catarinense de Águas e Saneamento, do seu trabalho e da evolução da saúde e da qualidade de vida no Estado.** Fabrica de comunicação: Florianópolis. 2016.

STRATHERN, M. **The gender of the gift.** University of California Press. California. 1988.

SULLIVAN, L. **The Tall Office Building Artistically Considered.** Lippincott's Magazine (March 1896): 403-409. 1896.

TARTARINI, J. 1880-1930 **La ciudad cosmopolita. Aguas Argentinas** (Coord.) Em: Buenos Aires y el agua. Memoria, higiene urbana y vida cotidiana (30-87). Aguas Argentinas. Buenos Aires. 2002.

TORRES FLORES, M. abastecimiento agua corriente Córdoba 1900-1910. Revista gesta n°48. disponível em:

<<http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/abastecimiento-agua-corriente-cordoba.pdf>> Acceso em: 22 out. 2017.

TORRES FLORES, M. **El abastecimiento de agua corriente en la Ciudad de Córdoba 1880-1910**. Asociación Argentina de Historia Económica Universidad Nacional de Tres de Febrero. XXI jornadas de historia económica Caseros (Pcia. de Buenos Aires) 23–26. 2008

VIGARELLO, Vigarello. **Le propre et le sale. L'hygiène du corps depuis le Moyen Age**. Seuil. Paris. 1985.

VOLKMAR, S. "The Neosexual Revolution". Archives of Sexual Behavior. 27 (4): 331–359. 1998.

Bibliografía da imprensa/mídia:

BILD ZEITUNG. »**Ätzend, dass wir diesen Unsinn finanzieren.** Disponível em: <<https://www.bild.de/regional/berlin/buschkowsky-kolumne/aetzend-dass-wir-diesen-unsinn-zahlen-52588734.bild.html>> Acesso em: 22 out. 2017.

EL DEMÓCRATA. **Transexualidad en colegios: sostenedores alegan imposición sin diálogo por parte del gobierno**. Disponível em: <<https://www.eldemocrata.cl/noticias/transexualidad-en-colegios-sostenedores-alegan-imposicion-sin-dialogo-por-parte-del-gobierno/>> Acesso em: 22 out. 2017.

EL MUNDO. **El Consell aconseja baños mixtos en los colegios si hay transexuales.** Disponível em: <<http://www.elmundo.es/comunidad-valenciana/2016/11/10/5823714846163f774b8b458d.html>> Acesso em: 22 out. 2017.

EL PAÍS. **Inauguran un "baño inclusivo" en el Solís**. Disponível em: <<https://www.elpais.com.uy/informacion/inauguran-bano-inclusivo-solis.html>> Acesso em: 22 out. 2017.

LA NACIÓN. **La Facultad de Arquitectura de la UBA habilitó baños mixtos.** Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/2051800-para-el-inadi-que-la-uba-tenga-un-bano-mixto-puede-servir-como-modelo-para-otras-instituciones>> Acesso em: 22 out. 2017.

LA NOUVELLE GAZETTE. **Pour des toilettes publiques accessibles aux transgenres.** Disponível em: <<http://centre.lanouvellegazette.be/87911/article/2017-05-30/pour-des-toilettes-publiques-accessibles-aux-transgenres>> Acesso em: 22 out. 2017.

LA VOZ. **Crearon un baño sin distinción de género en la Facultad de Psicología de la UNC**. Disponível em: <

<http://www.lavoz.com.ar/ciudadanos/crearon-un-bano-sin-distincion-de-genero-en-la-facultad-de-psicologia-de-la-unc>> Acesso em: 22 out. 2017.

LE FIGARO. **Pays-Bas: des toilettes «neutres» à l'essai** Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/flash-actu/2016/06/06/97001-20160606FILWWW00302-pays-bas-des-toilettes-neutres-a-l-essai.php>> Acesso em: 22 out. 2017.

MAIL & GUARDIAN. **Queer students battle for inclusion.** Disponível em: <<https://mg.co.za/article/2017-03-14-queer-students-battle-for-inclusion>> Acesso em: 22 out. 2017.

NEW YORK TIMES. **North Carolina Bans Local Anti-Discrimination Policies.** Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/03/24/us/north-carolina-to-limit-bathroom-use-by-birth-gender.html?mcubz=1>> Acesso em: 22 out. 2017.

THE TELEGRAPH. **Why the UK should ditch male and female toilets for 'gender-neutral' loos.** Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/women/life/why-the-uk-should-ditch-male-and-female-toilets-for-gender-neutr/>> Acesso em: 22 out. 2017.

TIME MAGAZINE. **Toilets for All Genders Are Coming to the Olympics in Japan.** Disponível em: <<http://time.com/4688322/toilets-all-genders-olympics-japan/>> Acesso em: 22 out. 2017.

TIMES MAGAZINE. **The battle of the bathroom.** Disponível em <<http://time.com/magazine/us/4341384/may-30th-2016-vol-187-no-20-u-s/>> Acesso em: 22 out. 2017.

TORONTO STAR. **Bathrooms just the first of many barriers transgender youths face, report says.** Disponível em: <https://www.thestar.com/news/city_hall/2017/06/07/bathrooms-just-the-first-of-many-barriers-transgender-youths-face.html> Acesso em: 22 out. 2017.

VERNE. **Una mujer transgénero denuncia que no le permiten acceder a un baño femenino en la UNAM.** Disponível em: <https://verne.elpais.com/verne/2016/10/28/mexico/1477665379_338713.html> Acesso em: 22 out. 2017.

5.1. APÊNDICE A. ENTREVISTAS A LA MONJA SOBRE O PENAL DE SAN MARTIN

- ¿Esta experiencia de una violación entre 8 tipos, fue tu única experiencia de violación?

- *No, tuve más. Te digo, que ahí adentro... En la cárcel. Adentro ... no tenés derecho a pataleo [a ningún tipo de reclamo] (...).*

En la cárcel me contagié de HIV.

- ¿En una violación, pensás?

- *Han pasado tantos que ya no me acuerdo.*

- ¿Tenías relaciones consentidas en la cárcel? Siempre fueron las violaciones en la celda?

- *No también en el baño (...).*

- ¿Tenés una idea de mas o menos cuántas veces te violaron en el penal?

- *Y, más o menos, habrán sido unas 10, o 12 veces.*

- *Y ya después era una costumbre. Ya después venían los tipos solos. Venían uno, pornele, a penas te abrían la puerta venía uno. Porque te sacaban el sapo, el candado, a las 6 de la mañana y no venían [los celadores] hasta las 9 de la mañana.*

- ¿Llegaste a tener una buena relación con esta gente?

- *Si porque después me empecé a ser mas india yo y lo empecé a enfrentar. De a uno si los podía hacer sonar (...).*

- [Mesmo dia segunda gravação]

- *(...)Y el gringo pizza. Cuando yo vengo en diciembre, él había muerto. Por eso el médico quería hacerme los estudios, porque se enteró que ése chico había salido conmigo (...) Y me dice, 'te voy a hacer los estudios porque ¿No era pareja tuya el gringo pizza?' Bueno, un noviecito, un garrote, etc...'*

El médico dice 'Qué barbaro ese tipo. Ese tipo dejó el tendal [muchas personas que murieron por HIV]. Sabías vos que se había fallecido?' [responde] 'No'.

- *(...) Al gringo pizza me lo encontré en el Penal. Ése había sido, con el que yo había estado.(...)*

- ¿Él fue el que probablemente te contagió el VIH?

- *Si.*

- ¿Y con él vos tenías relaciones consensuadas?

- Si. Bueno, la primera fue violación. [comienza a hablar jocosamente] Después ya me empezó a gustar 'violame, que me gusta' [ríe]. No... porque era un gringo, tan... te imponía, y a mi me gustaba y yo más me hacía, más la mujer. 'Vení acá hija de puta' Esperá que esoty tomando mate. Y él me decía 'vení acá, mujer... '.

- Pero esperá, ¿La primera vez fue realmente una violación o fue consentida?

- No, la primera vez sí, me agarró de pecho [se impuso]. La primera vez fue violación.

- ¿En dónde fue?

- En la ducha, me agarró a las 6 de la mañana. Toda enjabonada. Yo le decía pará que no soy la 'Su gimenez' [ríe].

- ¿Él sólo?

- La primera vez que me agarró si él solo. En la ducha.

Yo me estaba bañanado y ya tenía el shampoo. Porque ahí vos aprovechas el agua caliente. Y los primeros 5 o 6 tienen agua caliente. Después ya tenes agua fría todo el día. Entonces tenés que aprovechar a las 6 de la mañana que abren el agua caliente.

Son para 5 o 6 [personas] que tienen [agua caliente]. Entonces vos abris, te mojás... Porque como hace tanto frío ahí adentro, porque no tiene vidrios, nada [es todo abierto] sólo tiene rejas. Porque es una celda de paso. No tenés ventanas, no tenés nada. Yo le ponía bolsas de nylon, con trapos a mi celda, para que no tuviera tanto frío. Porque sólo tenés dos colchas, y dormís vestida. Tenés dos colchas y la ropa tuya nada más. Ahí no tenes vidrios ni nada. Estan todos los huecos del pabellón 13, 14 y 15. El 15 es de castigo. Esos son los aislados, ahí vas cuando ya 'echaste mucho moco' [faltas de disciplina]. Te meten en una celda y estás solo...

- ¿Entonces a las 6 de la mañana abren las celdas... cuánta gente se baña?

- Bueno el que quiere, hasta las 8 que abre la lista. El que quiere salir se baña. Pero alcanza para 5 o 6. Eso alcanzaba en el tiempo del Penal.

- Entre los 6 que entraron, él entro con vos ¿Y el resto miraba?

- No, sólo estábamos nosotros dos. Nadie se levantaba temprano. El único día que todos se levantaban temprano es el domingo cuando hay visitas.

Él estaba en el mismo pabellón que yo.

- ¿Y te dijo algo?

- No, directamente vino, así nomás. Y después no, después ya me llamaba.

Hacía varios días que me decía. (...)

Pasó así. El domingo a él le vino la visita. Una mina. Cuando va a entrar entra una mujer y después le entra otra. Y se hicieron re cagar las dos mujeres. Entonces las dos se hicieron re cagar y él queda castigado. Vuelve al pabellón porque al 14 no podía entrar porque tenía problemas con un tipo. Así que lo bajan para acumular los días y poenele el miércoles a la noche lo traen y yo me le río en la cara. "Ahí está el culiador". Yo me burlaba. Y él me dice 'ya sabes lo que te voy a hacer mañana a la mañana'

Entonces dice "ahora te salvas porque ya viene el cierre. Pero mañana ya no te salvas".

Después de la visita del miércoles a él lo traen

Y el jueves vino, y directamente, yo me estaba bañando y apareció en la ducha. A penas sintió el ruidito de mis ojotas era conocido cuando yo estaba levantada. Pasé yo estaba en la pieza 30 y él estaba en la primera. Así que cuando yo llegue ya le di tiempo a levantarse. A parte ahí dormís vestida porque cualquier quilombo que pasa vos tenes que dormir vestida. Menos cuando ya pusieron el sapo ahí vos dormís barbaro. Durante el día no dormís. Dormís con un ojo y con laz zaatillas peustas. Pasa cualquier cosa en cualquier momento.

Y ahí pasó. Así que después 'violame papi'.

- ¿Cuánto tiempo duró?

- Hasta que terminó... abra durado unos 10 o 15 minutos.

- Y esa no era tu primera violación. ¿Sufriste esa violación?

- No, era como un grano mas... qué se yo... [qué le hace] una mancha mas al tigre. Par mí era algo común. Si era que de los 8 no te gustaban todos. Había unos fieros, unos mas

lindos... pero habían cosas respetables, cosas lindas, cosas feas.

- Y después de esa vez ya consensuaba. O te avisaban. Ya vengo, voy para tu celda. Vos no podías elegir...

- Me dijiste que habías visto tu diagnóstico en un sobre y vos no lo podías ver.

- Pasa que yo hacía la fajina. Yo hinchaba... yo era muy terrible no me quedaba quieta nunca (...).

Yo hacía lo que tenía ganas. Ponele que yo venía de hacer la fajina y limpiar adelante. Me gustaban tanto las plantas que yo iba y regaba las plantas. Y llegó al comitiva que venía de Córdoba con los resultados de todos los estudios, los resultados (...).

Y yo ahí vi mi código. En la enfermería, en la parte donde están los médicos... Quedan ahí los sobres hasta que viene un médico el lunes. Era un viernes a la tarde, y yo fui y abrí de metida. Y yo entraba a la enfermería y me ponía a limpiar. Porque yo, ¿sabés que hacía? Yo me metía y sacaba 10 o 15 pastillas y las vendía 3 por 5 pesos. Yo no tomaba, pero tomaban los otros.

- ¿Qué pastillas sacabas?

- Las para [dormir]. Los tipos las usan para chuparse. Para drogarse. Las muelen, ellos hacen 'jugo loco'.

- ¿Entonces vos fuiste ahí, robas el sobre y te lo llevaste?

- No, no. Fui, lo abrí ahí nomás y lo volví a cerrar. (...) Me fui para el pabellón porque me empecé a sentir mal. Y yo ahí no la podía 'mandar en cana' a la secretaria porque era como que me había dejado sola. Y mas llegando una cosa así. (...)

- ¿Y cómo cerraste el sobre?

- Y lo volví a cerrar con una boligoma. De hecho lo abrí con el vapor de una pava. Entonces el enfermero no se dio cuenta.

No se dio cuenta ahí. Después yo le conté. Porque no sabían que mierda me había pasado. Porque cuando me desmayé me bajan de nuevo a la enfermería. Llegué a la mitad del pasillo y me caí.

Tuve que aguantar con esa cosa, hasta el día lunes que vino el médico. El médico de la cárcel.

Cuando los vi a todos les dije 'ya se' porque viene el médico, un trabajador social, una psicopedagoga, etc.,

Cuando ya los ví a los tres juntos. Cuando te van a dar los resultados positivos se juntan todos ellos. Nunca te os da uno solo.

Les dije 'ya sé lo que tengo'.

Porque vi el código que yo vi cuando lo ponían quera eran mis iniciales y mi fecha de nacimiento.

5.2. APÊNDICE B. DADOS SOBRE O CAMPO.

Entrevistas (38 entrevistas a umas 27 pessoas -23 entrevistas a pessoas Trans)⁹⁶:

1. Cecilia Romero (2)
2. Eugenio Césano ^{*97} (2) (1)
3. Ivana Aguilera (2) (1)
4. Enriqueta La monja (1) (1)
5. Lautaro Cruz (1) (1)
6. Alejandra Britos (1)
7. Candelaria Sajma (1)
8. Fernando Rodriguez (1)
9. Padres de León (entrevista coletiva⁹⁸) *(1)
10. Familia (padres y hermanos) de Agustín (entrevista coletiva)* (1)
11. Javier Ontivero (1)
12. Jimena Cattaeno * (1)
13. Kitty Kiske (1)
14. Mirta Ferreyra *(1)
15. Leonardo
16. Santiago Merlott (2) (2)

⁹⁶ Entre parêntese se encontra a quantidade de entrevistas feitas a cada pessoa. Nos casos onde tem dois parênteses se representa a quantidade de entrevistas feitas em cada etapa do campo.

⁹⁷ Assinalamos com * as entrevistas feitas a pessoas Cisgenero.

⁹⁸ Nos casos de entrevistas “coletivas” por exemplo os pais ou a familia de algum menino/menina Trans, as entrevistas foram contabilizadas como UMA pessoa (e não individualmente para não desvirtuar o número de entrevistas e facilitar a compreensão).

17. Sophie Amellie Picca (1)
18. Eri Faria (1)
19. Kelly (2)
20. Lirous (1)
21. Luiza (1)
22. Shu (1)
23. Thiffany Golden (1)
24. Agustin (1)
25. Karim (1)
26. Anm (1)
27. Fabrizia (1)

Organizações com as quais se teve contato no decorrer do trabalho de campo (8):

Córdoba	Florianópolis
- ATTTA Hombres	ADEH
-ATTTA Mujeres	
-TransArg	
- Devenir Diverse	
- Hombres Trans Argentina	
- Familias Homoparentales	
- Putos Peronistas	
- Colectiva Diversidad	
Córdoba	

Projetos articulados com as organizações (3):

Córdoba	Florianópolis
- Projeto de relevamento Trans em Cordoba (Colectiva diversidade Córdoba, sem financiamento ainda)	Retificação de nome (ADEH)
- Projeto de arquivo da memória Trans (Na procura de financiamento em conjunto com Laura Reches, Doutoranda CONICET e a organização Devenir Diverse)	
- Projeto de lei de banheiros sem gênero nas escolas (Junto com	

TransArg e Secretaria de Educação de Córdoba)	
- Projeto de relevamento Trans em Cordoba (Colectiva diversidade Córdoba, sem financiamento ainda)	
- Projeto de arquivo da memória Trans (Na procura de financiamento em conjunto com Laura Reches, Doutoranda CONICET e a organização Devenir Diverse)	

Instituições Públicas (8):

Córdoba	Florianópolis
- Registro Civil (dados de mudança de identidade)	ADEH
- Hospital Rawson	
- Oficina Empleo (inserção laboral)	
- Derechos Humanos Provincia	
- Derechos Humanos Municipio (dados quantitativos)	
- Universidad Nacional de Córdoba (pesquisadores)	
- Universidad de Buenos Aires (pesquisadores e alunos)	
- CONICET (pesquisadores)	

Roteiros/observações (6 locais):

Córdoba	Florianópolis
Zona de prostituição (3)	
Putos peronistas (reunião) (1)	
Oficina de Empleo (curso para população trans) (3)	
Marcha Laura Moyano	
Dorian Grey (boate 1)	
Beep (boate 2)	

Certificado da *Comisión Interministerial de Derechos Humanos, Géneros y Diversidad Sexual* do projeto “**Censo de la Población Trans** en la provincia de Córdoba”:



GOBIERNO DE LA PROVINCIA DE
CÓRDOBA

**ENTRE
TODOS**

CÓRDOBA, 6 DE ABRIL DE 2018

Comisión Interministerial de Derechos Humanos, Géneros y Diversidad Sexual

La *Comisión Interministerial de Derechos Humanos, Géneros y Diversidad Sexual* es un espacio de articulación destinado a trabajar interministerial, interdisciplinaria e intersectorialmente las políticas que hacen a los Derechos Humanos y la Diversidad Sexual creado bajo la órbita del Ministerio de Justicia y Derechos Humanos de la Provincia de Córdoba. A través de esta Comisión se da lugar al inicio de un **Censo de la Población Trans** en la provincia de Córdoba que pueda arrojar datos y especificaciones acerca de las condiciones de vida de las personas de este colectivo.

Para el desarrollo de este proyecto estarán presentes como actores involucrados la Secretaría General de la Gobernación de quien depende la Dirección de Estadísticas y Censos de la Provincia, la Secretaría de Equidad y Promoción del Empleo, y el Ministerio de Justicia y Derechos Humanos y la Secretaría de Derechos Humanos coordinando este proyecto de relevamiento de la población trans en la provincia de Córdoba.

Se suman como actores colaboradores la Universidad Empresarial Siglo 21 y la articulación con un área académica que estará a cargo de la elaboración de la herramienta de recolección de datos, su análisis y procesamiento que tiene como Coordinador a Javier Andrés Paez, becario PEC-PG del Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico de Brasil, y Licenciado en Trabajo Social de la UNC.

Ab. Alejandro Escudero Salama
Subdirector de Derechos Humanos de la Nación
y Coordinador de la Comisión
Nacional de Justicia y Derechos Humanos
Provincia de Córdoba

5.3. APÉNDICE C. ENTREVISTA A SANTIAGO MERLOTT: LA PIAF

- *Un día de tantos que iba a bailar (me sentía re bien, a pleno) entro al baño para mojarme la cara, para hacerme el bonito... sabías que había una chica ahí... era como un lugar de encuentro el baño. Y un día entro al baño, me meto a uno de los [cubículos con vaso, inodoro, etc.], y cuando salgo de mojarme la cara (...) escucho alguien (...) y justo cuando me estoy mojando [la cara] escucho a dos personas hablando entre ellas: “y está que se hace el macho, si al final tiene lo mismo que vos y yo... lo mismo que todas”. Y buscaron la complicidad de las que estaban ahí. Yo no había advertido la situación, sinceramente (...) no advertí que había una situación que iba a terminar de la manera en que terminó. Sentí que era una noche más, que yo entraba [al baño], que iba, o no (...) podría haber no entrado al baño y estaba todo bien. Y en ese momento es como que sigue [la persona que la agredía verbalmente] “qué se hace el macho si al final tiene lo mismo que todas”.*

Bueno, yo hago como que no escuché nada. Me quiero ir de ahí porque empiezo a ver (...) [y] eran las dos [mujeres] que habían entrado, una que se lavaba la cara, y otra que estaba saliendo de otro baño [un cubículo, al interior del baño de mujeres], eran cuatro chicas [en total]. Y cuando veo así, medio fea la situación... no podía saber si iba a ser violenta o no pero el comentario ya sabía que era para mí. Y cuando quiero salir, sobre todo las dos personas que acababan de entrar, me dicen “¿a dónde te vas?, ¿a dónde vas?” (...). Una más grande que yo de edad, y otra más grande físicamente. Eran minas conocidas del ambiente. En las etiquetas de la época eran tortas camioneras. Y cuando quiero pasar, atravesar, me ponen una mano [la frenan a la salida del baño de forma amenazadora] “¿A dónde te pensás que vas?” [a lo que responde] “¿Qué pasa? Está todo bien...”, no busco el conflicto, no lo quiero (...). “Vos de acá no te vas...”.

Cómo termina la agresión: “¡Si al final tenés lo mismo que nosotros! ¡Bajate los pantalones! ¡Mostranos que vos sos machito! ¡Mostranos que vos sos Santiago... ‘santiaguito’!. Fue como un momento de decir las palabras que sentían que me iban a ofender. Desde un nombre, pero también desde esto “tenemos lo mismo”. Y yo trataba de zafar de la situación o de

tratar de no... de retirar el cuerpo, porque sentía que se iba a ir a la mierda esa situación. Y porque veía que había mas gente, mas chicas [una más que no había visto todavía en la puerta]. Además de las que había visto, contando una que estaba afuera, cuidando en la puerta, serían unas 5 personas. (...).

Vi que podía pasar cualquier cosa cuando (...) empezaron las puteadas: “¡hija de puta!, ¡machona!, torta, bla, bla, bla...”. O sea [empiezan a] usar las mismas palabras que en ese momento se usaban para insultarlas a ellas. Yo siento que en ese momento me sentí solo en la faz de la tierra. Que si me resistía iba a ser peor, y que si accionaba me iban a hacer re cagar [a golpear]. Y creo que de cualquier manera estaba en una posición... no tenía mucha vuelta [sin salida]... [sólo podía] ver qué iba a pasar... Y tratar de que pasara lo más rápido posible (...) Yo pensaba que me iban a cagar a trompadas. Que lo peor iba a ser eso. Y en un momento que me vuelvo para atrás, otra de las chicas que no estaba haciendo nada y otra [entre dos chicas] me empujan dentro de un baño [de un cubículo]. Cuando estoy adentro (...) viene otra de estas grandotas y me empiezan a tirar de los pantalones, que eran fáciles de bajar porque, a parte, se usaban bajos. Así que empiezan lo tironeos y [expresa gritos, y forcejeo] y me bajan los pantalones hasta acá [señala bajo de la rodilla] “dale! Dale! Dale!” La otra que seguía cuidando [en la puerta] Dos que miraban y dos que me bajaban los pantalones. Me levantaban la remera... un par de rajuñones en la defensa, porque no sabía si sostenerme los pantalones, si cubrirme la cara, o qué... Y fue como que, listo, tenía los pantalones acá [bajo de la rodilla] y “viste!, tenés lo mismo que nosotras”. Fue así, como tratar de bajarme los bóxer (yo siempre uso bóxer)

(...) y después como que me vieron [observaron su entrepierna, sus genitales, su torso, etc], tenían que ver entre ellas si yo tenía o no tenía, qué tenía, y a la vez hacerme ver a mí, que yo había entrado a un baño de mujeres, porque yo en ese momento sentía que si yo iba a un baño de hombres también era un lugar que no era mío, entonces iba al baño de mujeres porque me parecía más ‘amigable’, [que] no me iba a pasar nada.

Y el de varones quizás entraba y me decían “qué mierda estás haciendo acá, torta” o “chonguito, vení apra acá” como

me pasó algunas veces con tipos [señores] mas grandes. Y yo en ese tiempo me fajaba arriba, tenía como mas plano, y carita mas... me parecía mas a un baroncito. Y nada después salí de ahí, me cagaron la noche, obviamente estaba con una amiga que estaba afuera, y me acuerdo que salí y les dije que nos fuéramos, que no me sentía bien.

- ¿Y te las volviste a encontrar a estas personas?

- Sí. *Me las volví a encontrar jugando al futbol al día siguiente.*

- Y qué les dijiste?

- *Nada, porque no sabía que hacer. También fue una sorpresa verlas ahí, en el lugar. Y creo que, también como que se repitió una cosa que, estabmos jugando al futbol, y como diría un médico, que habla de miembro fantasma. Quizás me paraba de una forma, o sentía que me picaba algo que no tenía, ye hice un gesto, y escuché “qué te haces si tenés lo mismo que nosotros” y era la misma voz que la noche anterior... así que estuve un rato, y me fui a la mierda. Ya había pasado mucho la noche anterior. Y vuelve lo mismo... entonces chau. Me fui a la mierda. (40:30)*

5.4. APENDICE D. ENQUETE LAURA MOYANO:

Como já foi explicitado no apartado de metodologia, o questionário foi em primeiro lugar pensado para ser aplicado durante a Marcha Laura Moyano o dia 25 de julho de 2017. A partir da experiência na participação de diversas enquetes, e fundamentalmente na enquete de similares características “Políticas, sexualidades y Derechos. Primera Encuesta Marcha del Orgullo y la Diversidad” do ano 2010, o pesquisador sabia que o principal obstáculo é o tempo reduzido do evento, e a obtenção de maior quantidade de respostas possíveis. Assim nessa primeira tentativa se recebeu a ajuda e o acompanhamento de Jorgelina Paez Barreto, militante feminista que ajudou no processo de levantamento de dados na Marcha Laura Moyano. Já no Brasil durante a Parada LGBT de Florianópolis o 17 de novembro de 2017, a enquete foi realizada integralmente pelo pesquisador sem ajuda de terceiros.

Uma particularidade dos sujeitos questionados, como também foi explicitado anteriormente, foi o seu reconhecimento. A dificuldade na seleção das pessoas para

responderem o questionário se baseia em primeiro lugar na dificuldade para distinguir as pessoas Trans de outros sujeitos e/ou identidades: drag, lésbicas, etc. Ainda resta a dificuldade da imperceptibilidade de alguns sujeitos como Trans, já que o passo pelos hormônios e as intervenções fazem totalmente indetectáveis alguns corpos como Trans. Sabemos que a classificação social dos sujeitos se faz em primeiro lugar a partir de critérios estéticos (arbitrários), e inclusive na aplicação destes critérios estéticos as vezes o olho heteronormado não consegue distinguir um sujeito de outros, ou cai na dificuldade de classificar numa categoria fixa um determinado sujeito.

Na primeira experiência de aplicação do questionário (Córdoba) foram utilizados dos tablets e dois telefones, com o aplicativo sincronizado Quicktapsurvey. Naquela experiência se tiveram alguns problemas na sincronização dos aparelhos, pelo que se perderam umas 15 enquetes. Deste modo se resolveu na segunda experiência (Florianópolis) a aplicação do dispositivo em papel, para garantir a arrecadação dos dados sem margem de perda.

Tabela dos números da enquete:

47	Enquetes realizadas na MLMC.
30	Enquetes realizadas na PLGBTF.
77	Enquetes realizadas em total.
9	Enquetes perdidas na sincronização de dispositivos (tablets e telefones) na MLMC.
6	Enquetes não confiáveis (enquetes incompletas, sujeitos que não se ajustavam á pesquisa, etc.) na MLMC.
10	Enquetes não confiáveis (enquetes incompletas, sujeitos que não se ajustavam á pesquisa, etc.) Na PLGBTF.
32	Enquetes confiáveis processadas da MLMC.
20	Enquetes confiáveis processadas da PLGBTF.

A continuação, o dispositivo aplicado tanto na MLMC, como na PLGB

Encuesta Laura Moyano 2017

1. Te consideras dentro de la población Trans?

Marca solo un óvalo.

- Si
 No

2. Cómo te definis?

Marca solo un óvalo.

- Travesti M
 Travesti F
 Transgenero M
 Transgenero F
 Transexual M
 Transexual F
 Otro: _____

3. Que edad tienes?

4. Consideras que la organización actual de los baños públicos incluyen a la población Trans?

Marca solo un óvalo.

- Sí
 No
 Otro: _____

5. Sentis o sentiste alguna vez discriminación en los baños públicos?

Marca solo un óvalo.

- Sí
 No
 Otro: _____

6. Modificarías la organización actual?

Marca solo un óvalo.

- No modificaría la organización actual
 Crearía baños mixtos
 Crearía un "tercer" baño "diverso"
 Otro: _____

VIVIR
 WINDY
 CINDY
 DURACION
 PARA
 AC

7. Sufriste algún tipo de violencia en los baños?*Marca solo un óvalo.*

- Sí
 No
 Otro: _____

8. En tu proceso de transición ¿Modificaste tu forma de orinar?*Marca solo un óvalo.*

- Si
 No
 Otro: _____

5.5. APÉNDICE E. FOTOS.

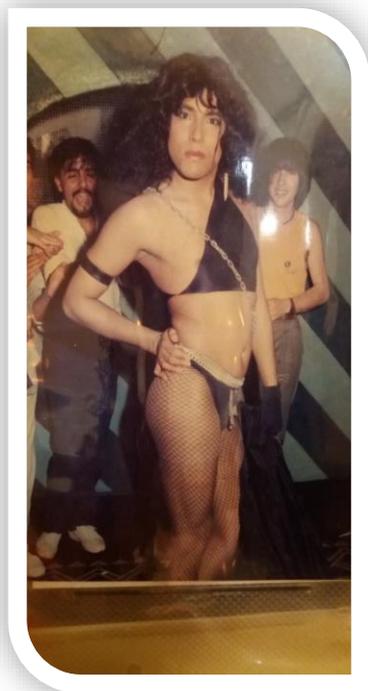
Eugenio Cesano. Entrevista em Córdoba. 11 de julho de 2017.



Foto de arquivo pessoal de Eugenio Cesano. Ano 1996. A.CO.D.HO. (Asociación Contra la Discriminación Homosexual). Primeira organização pelos direitos dos homossexuais de Córdoba.

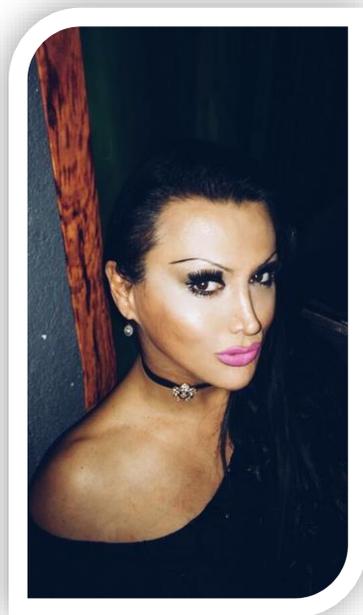


Foto de arquivo. Sem data, ano 1995 aproximadamente. Arquivo pessoal de Eugenio Cesano. ATA , ainda com só uma "T" (Asociación de Travestis Argentinas, hoje ATTTA, Asociación de Travesits, Transgeneros, y Transexuales de Argentina).



À esquerda “La Monja” e Ivana Aguilera. Córdoba, 12 de julho de 2017. Foto tirada no decorrer de uma das entrevistas na casa de Ivana Aguilera.

À direita foto do arquivo pessoal de Eugenio Cesano de uma das tantas festas em Somos (anos 80).



À Direita uma foto cedida por Alejandra Britos, do seu arquivo pessoal, para colocar na dissertação.

À esquerda Javier Ontivero e o mestrando num passeio/entrevista. Córdoba em Julho de 2017.



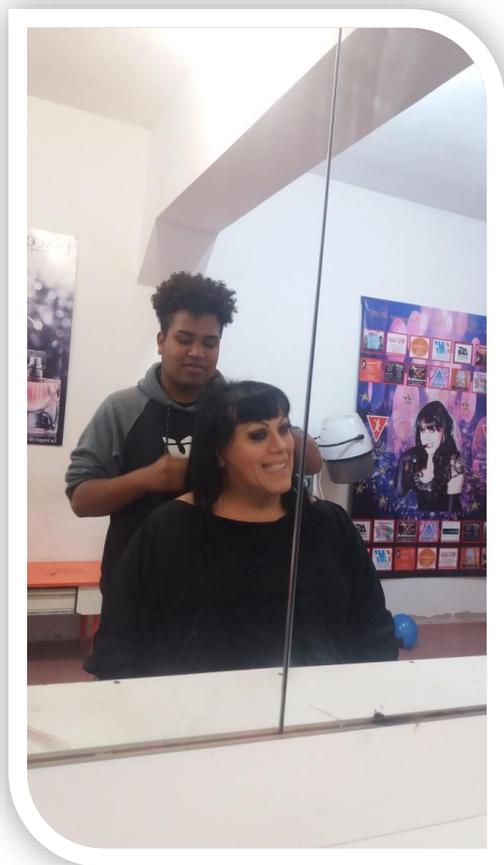
Grupo de Jovens com Mais e Melhor Trabalho (programa de inclusão laboral para jovens Trans). 20 de Julho de 2017.



Grupo de Jovens com Mais e Melhor Trabalho (programa de inclusão laboral para jovens Trans). 20 de Julho de 2017.



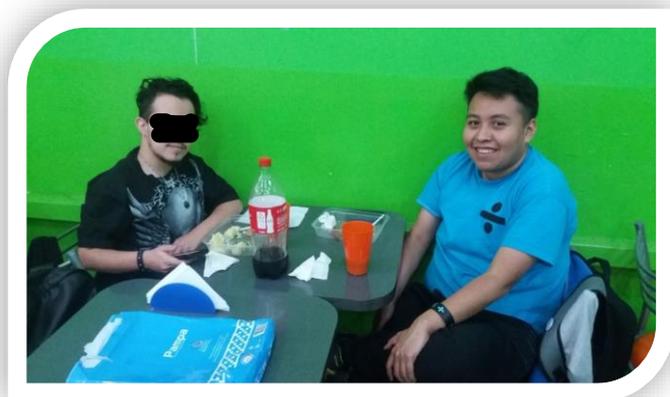
“La Monja”, o mestrando e Mirta Ferreyra, na casa de Mirtha Ferreyra na periferia de Córdoba. 19 de julho de 2017.



Kittie Quispe na sua casa de estética. Córdoba, 21 de julho de 2017.



Santiago Merlott e o mestrando. Na casa/bar de Santiago. Córdoba, 26 de outubro de 2017.



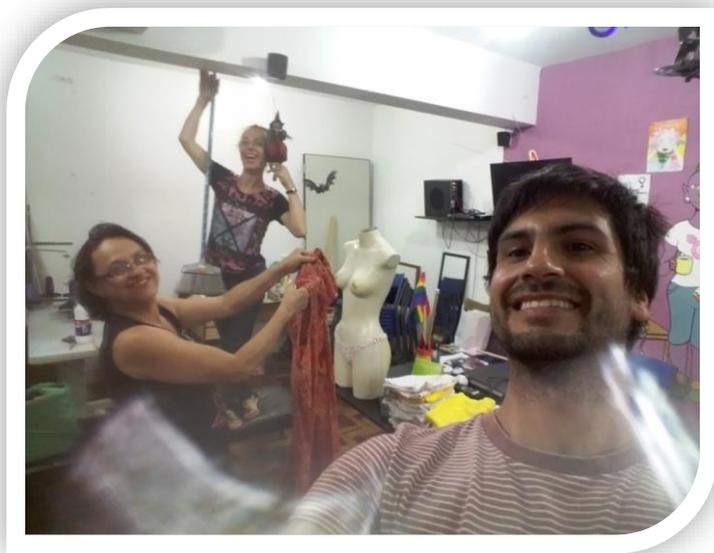
Karim e Lauti. Reunião do projeto de lei para banheiros sem gênero nas escolas. Córdoba, Julho de 2017.



Show Drag em Itajaí. Laurinha e a Luiza entre as atrizes. 18 de novembro de 2017.



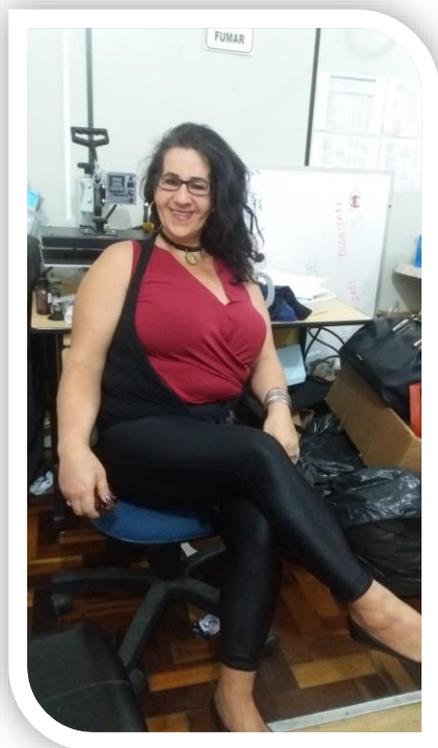
Depois do Show Drag em Itajaía. 18 de novembro de 2017.



Laurinha, Fabi, e o mestrando na ADEH (Associação pelos Direitos Humanos). Novembro de 2017.



Thiffany Golden e o mestrando na ADEH, agosto de 2017.



Kelly na ADEH.
Agosto de 2017.